

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Thaimon da Silva Socoloski

**CULTURA E TERRITÓRIO DA IMIGRAÇÃO POLONESA NO
MUNICÍPIO DE ÁUREA/RS**

Santa Maria, RS
2018

Thaimon da Silva Socoloski

**CULTURA E TERRITÓRIO DA IMIGRAÇÃO POLONESA NO MUNICÍPIO DE
ÁUREA/RS**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Geografia**.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Schiavone Cardoso

Santa Maria, RS
2018

Thaimon da Silva Socoloski

**CULTURA E TERRITÓRIO DA IMIGRAÇÃO POLONESA
NO MUNICÍPIO DE ÁUREA/RS**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-graduação em Geografia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Geografia**.

Aprovado em 28 de junho de 2018:



Eduardo Schiavone Cardoso, Dr. (UFSM)



Vicente Eudes Lemos Alves, Dr. (UNICAMP) – Parecer



Meri Lourdes Bezzi, Dr^a. (UFSM)

Santa Maria, RS
2018

DEDICATÓRIA

Dedico a meu pai, José Socoloski (in memoriam), meu grande exemplo de força e coragem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, que me apoiou e me deu condições para realizar mais esta etapa da vida. Esta conquista também é de vocês!

- à Universidade Federal de Santa Maria, pelos anos de aprendizado e acesso ao ensino público, gratuito e de qualidade.

- à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo auxílio financeiro que proporcionou as condições necessárias para realização desta pesquisa.

- aos ex-presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, por proporcionarem aos mais desfavorecidos socialmente a oportunidade de acesso ao ensino superior.

- ao professor Eduardo Schiavone Cardoso, pelos anos de orientação, apoio e amizade.

- aos meus amigos e amigas que trilharam comigo os caminhos e ajudaram a tornar esta conquista possível.

- ao Diretório Acadêmico da Geografia (DAGEO), onde vivi bons anos de militância e aprendizagem.

- aos colaboradores de Áurea, que tornaram esta pesquisa possível, principalmente a Vania Jonas Ionczik, Artemio Adão Modtkowski, Isa Popoaski e Mięcsislau Waszczuk.

- aos participantes e organizadores dos Caminhos Poloneses.

- à Prefeitura Municipal de Áurea, pelas orientações e disponibilidade para realizar esta pesquisa, de suma importância para a história e cultura do município.

Enfim, a todos e todas que fazem parte da minha vida, e que a cada dia lutam por um mundo melhor.

EPÍGRAFE

*Se eu vi mais longe, foi por estar em pé
sobre ombros de gigantes.*

(Isaac Newton).

RESUMO

CULTURA E TERRITÓRIO DA IMIGRAÇÃO POLONESA NO MUNICÍPIO DE ÁUREA/RS

AUTOR: Thaimon da Silva Socoloski
ORIENTADOR: Eduardo Schiavone Cardoso

A imigração europeia para o sul do Brasil constituiu-se como um dos principais fluxos migratórios que integraram o processo de colonização e desenvolvimento agrícola visado pelo estado brasileiro. Neste fluxo migratório, destaca-se o papel da imigração polonesa para o Rio Grande do Sul. A presente pesquisa tem como foco a colonização e povoamento do município de Áurea, a partir do ano de 1911. Este trabalho tem como finalidade a análise e apontamento dos principais códigos culturais herdados pelos descendentes destes imigrantes que resistem ao tempo e são uma parte viva da memória e das tradições polonesas. Como objetivo geral, busca-se analisar e discutir a importância deste processo migratório nos códigos culturais que se imprimem no cotidiano dos descendentes poloneses que residem no município atualmente. Como objetivos específicos, busca-se: a) analisar o processo de desterritorialização e reterritorialização dos imigrantes poloneses no Rio Grande do Sul; b) apontar a importância da presença dos imigrantes poloneses no processo de desenvolvimento de Áurea/RS; e c) identificar e caracterizar os códigos culturais poloneses e suas representações no município, através da identidade polonesa que se imprime. Metodologicamente, utilizaram-se procedimentos de pesquisa de campo, pesquisa documental e de observação, utilizando-se da pesquisa exploratória, a partir da análise de fontes pré-determinadas, tais como levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos para estimular a compreensão. Desta forma, analisaram-se os seguintes códigos culturais: religião, língua e dialeto, arte, danças, música, culinária, arquitetura e vestimentas típicas. Observou-se que, após mais de um século de colonização, muitos destes códigos ainda se mantêm vivos nas tradições e no cotidiano dos descendentes, expressos principalmente nos ritos religiosos, no dialeto e na culinária. Porém, observa-se que o processo de assimilação de novas culturas, impressas na cultura brasileira, vem se tornando cada vez mais latente e vem substituindo tradições que sobreviveram e ainda sobrevivem nas gerações mais próximas dos imigrantes. Assim, o processo de valorização e perpetuação das heranças e memórias dos imigrantes passa, de geração para geração, como uma tarefa que é de suma importância para que a história do município de Áurea não seja esquecida.

Palavras-chave: Áurea; Códigos culturais; Cultura; Território; Polonidade.

ABSTRACT

THE CULTURE AND TERRITORY OF POLISH IMMIGRATION IN ÁUREA/RS

AUTHOR: Thaimon da Silva Socoloski
ADVISOR: Eduardo Schiavone Cardoso

The European immigration to the south of Brazil became one of the main migratory flows in the colonization process as well as in the agricultural development aimed by the Brazilian state. Considering this migratory flow, the Polish immigration was important to Rio Grande do Sul and, primarily, as the main focus in this study, the colonization of Áurea, starting in 1911. This research aims at analyzing and showing the main cultural codes inherited by the immigrants' descendants that survive as a living part of the Polish tradition memory. The main purpose is to discuss the importance of this migratory process to the cultural elements which appear in the routine of these Polish descendants who currently live in Áurea. Besides this, the study involves: a) examining the process of *desterritorialization* and reterritorialization by the Polish immigrants in Rio Grande do Sul; b) evaluating the relevance of these Polish immigrants to the development of Áurea/RS; c) identifying and describing the Polish cultural codes and their representations in the city according to the Polish identity. Methodologically, field research as well as documental and observatory analysis were used, combined with the exploratory research based on the examination of pre-determined sources, such as bibliography data, interviews with people who have had practical experiences with the research problem and the analysis of examples to stimulate the comprehension. Then, the following cultural codes were analyzed: religion, language and dialect, arts, dance, music, cuisine, architecture and costume. It was possible to observe that for decades and since the new generations, after more than one century of colonization, most of these codes are still alive in the traditions and the descendants' daily habits, their religious ceremonies, the dialect and the cuisine. However, the process of new culture assimilation in Brazil has become more latent and it is replacing the tradition which survived and has been surviving among the generations closer to the immigrants. Finally, the valorization and the perpetuation of the immigrants' heritage and memories have been kept, from generation to generation, and this process is crucial to avoid neither losing nor forgetting the history of Áurea.

Keywords: Áurea; Cultural codes; Culture; Territory; Polish identity.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Primeiro período de imigração polonesa – 1872 a 1889.....	44
Tabela 2 - Segundo período de imigração polonesa – 1890 a 1894.....	45
Tabela 3 - Terceiro período de imigração polonesa – 1900 a 1914.....	46
Tabela 4 - Poloneses no Brasil em 1920.....	47
Tabela 5 - Estrangeiros procedentes da Polônia e lugar ocupado entre os grupos de estrangeiros do estado.....	47

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de localização do município de Áurea/RS.....	36
Figura 2 - Imagem de satélite da área urbana do município de Áurea/RS.....	37
Figura 3 - Passaporte em russo de um imigrante polonês.....	60
Figura 4 - Paróquia de Nossa Senhora do Monte Claro, Áurea/RS.....	68
Figura 5 - Altar da igreja de Nossa Senhora do Monte Claro - <i>Matka Boska</i> <i>Częstochowska</i>	69
Figura 6 - Grupo Auresóvia – Apresentação de dança polonesa.....	78
Figura 7 - <i>Wycinanka</i> – Arte popular polonesa.....	82
Figura 8 – Casa de arquitetura polonesa em Áurea/RS.....	86
Figura 9 - Resquícios de uma construção de madeira com técnica <i>blocause</i>	88
Figura 10 – <i>Ognizco</i>	91
Figura 11 - Comida típica polonesa.....	92
Figura 12 – Trajes típicos poloneses.....	96
Figura 13 - Regionalidade dos trajes na Polônia.....	97
Figura 14 - Caminhos Poloneses - Trilha dos Imigrantes.....	100

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DE PESQUISA.....	114
---------------------------------------	-----

Sumário

1 INTRODUÇÃO	12
2 REVISÃO DAS MATRIZES TEÓRICAS	17
2.1 CULTURA E CÓDIGOS CULTURAIS	17
2.2 IDENTIDADE CULTURAL	24
2.3 TERRITÓRIO	27
2.4 MIGRAÇÃO, IMIGRAÇÃO E EMIGRAÇÃO	31
3 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	36
4 ETAPAS MIGRATÓRIAS PARA O BRASIL E RIO GRANDE DO SUL	41
4.1 AS ÁREAS DE ORIGEM – BREVE DESCRIÇÃO	48
4.2 TERRITORIALIZAÇÃO E DESTERRITORIALIZAÇÃO DOS IMIGRANTES POLONESES EM ÁUREA/RS	51
5 POLONIDADE – IDENTIDADE CULTURAL E CÓDIGOS CULTURAIS	58
5.1 RELIGIÃO	65
5.2 LÍNGUA E DIALETO	73
5.3 DANÇAS	77
5.4 MÚSICA	79
5.5 ARTE	81
5.6 ARQUITETURA	83
5.7 CULINÁRIA	88
5.9 FORTALECIMENTO E VALORIZAÇÃO DA CULTURA POLONESA	98
6 CONCLUSÃO	104
REFERÊNCIAS	108
APÊNDICE A - ROTEIRO DE PESQUISA	114

1 INTRODUÇÃO

A migração populacional se caracteriza pelo deslocamento de indivíduos dentro de um espaço geográfico, de forma temporária ou permanente. Esses fluxos migratórios podem ser desencadeados por diferentes motivos, sendo eles econômicos, culturais, religiosos, políticos e naturais, dentre outros.

A migração econômica é a que exerce maior influência na população, sendo caracterizada como o deslocamento de contingentes humanos para áreas onde o sistema produtivo concentra uma maior ou melhor oportunidade de trabalho.

No Brasil, coexistiram no processo imigratório duas grandes atividades distintas, sendo elas: a colonização e a imigração. A primeira visava a formação de colônias de estrangeiros que tornassem permanente a ocupação de certas regiões, já a segunda era a atividade de iniciativa particular, cuja finalidade imediata associava-se aos interesses da grande lavoura.

As migrações pelo território brasileiro estão, em grande maioria, associadas a fatores econômicos, desde o tempo da colonização. Nesta esteira migratória, a migração polonesa ganha destaque pela sua contextualização de crise da República da Polônia, ocasionando a emigração de seus habitantes em busca de melhores condições de vida, que em grande parte ocorreu para o Brasil e demais países da América. Estes países eram vendidos como terras de grandes oportunidades, no final do século XIX e início do século XX.

A imigração polonesa se insere como uma das maiores correntes imigratórias no sul do Brasil, sendo os imigrantes e descendentes destes a terceira maior colônia provinda da Europa a se inserirem no país, atrás apenas da imigração e colonização alemã e italiana.

A bibliografia sobre a imigração polonesa para o Brasil, mais especificamente para as regiões sul e sudeste, é escassa por diversos motivos, sendo que o principal deles é a tardia vinda de intelectuais poloneses para o país, como professores, padres e diplomatas. Porém, autores como Thaís Wenczenovicz, Edmundo Gardolinski, Isabel Rosa Gritti, dentre outros, fazem um resgate histórico deste processo que serve como norteador para a presente pesquisa.

É preciso destacar a dificuldade de representação das identidades étnicas dos imigrantes que aqui aportaram, pois com a “partilha” da Polônia nos séculos

XVIII, XIX e XX, muitos imigrantes que chegaram ao Brasil eram de origens russa, ucraniana, austríaca, dentre outras, sendo que nos registros constam apenas como poloneses, renegando assim suas verdadeiras identidades étnicas. Esta complexidade de identidades aqui abordadas não significa ignorar lituanos, judeus e rutenos.

Os imigrantes poloneses que aportaram no Brasil no início do século XX enfrentaram diversas dificuldades, dentre elas a falta de habilidade em lidar com a declividade do solo (principalmente na serra gaúcha e na região metropolitana de Porto Alegre), bem como a insuficiente assistência por parte do governo brasileiro, que vendia o país como uma terra de prosperidade, e da falta de assistência por parte do governo polonês, que neste período encontrava-se exilado no Reino Unido e na França.

Os primeiros imigrantes poloneses que aqui chegaram trabalharam na abertura das florestas, para posteriormente introduzirem as plantações. A principal cultura praticada eram as plantações de centeio (que na época era a principal fonte econômica da Polônia). Após este período, obrigados a se engajarem na economia agrícola do Brasil, estes imigrantes passaram a trabalhar nos cafezais no sudeste, e plantarem milho, trigo, soja, e no sul, erva-mate.

A chegada dos imigrantes poloneses a região onde se localiza o município de Áurea/RS se dá no início do século XX. A estes imigrantes, somam-se famílias provindas de outras regiões da Europa, tais como imigrantes alemães, italianos e espanhóis, sendo estes em menor número quando comparados com as famílias polonesas que se instalaram no município.

Algumas fontes históricas apontam que a chegada destes imigrantes em Áurea se deu no mês de dezembro de 1911¹, porém alguns autores, bem como fontes consultadas durante a pesquisa, apontam que no ano de 1906 já existiam famílias assentadas na região, instaladas principalmente próximas das margens dos rios que cruzam o município. A proveniência destes imigrantes, suas nacionalidades, assim como as funções desempenhadas por eles não podem ser confirmadas concretamente.

A colonização de Áurea se insere diretamente na política governamentista de desenvolvimento da região sul do Brasil, com o objetivo de abastecimento do

¹Outras fontes apontam datas diferentes, tal como no livro tomo da paróquia que aparece a data “por volta de 1909”.

mercado agrícola interno. Também havia interesse em introduzir estes imigrantes nas indústrias que se formavam na região, tais como madeireiras, prestação de serviços na abertura de estradas ligando as estações férreas às regiões de mata ainda virgem, bem como fortalecimento do comércio na região, dentre outros.

Assim, constata-se que o surgimento de Áurea, bem como seus processos de desmembramentos e emancipação, passa diretamente pela locação de terras para os imigrantes europeus, principalmente os de origem polonesa. A identidade polonesa se mantém ao longo das décadas, tornando o território aureense em uma “extensão da pátria deixada para trás” no final do século XIX e início do século XX.

Desta forma, o presente trabalho tem como objetivo geral reconhecer a contribuição dos imigrantes poloneses na organização espacial e cultural do município de Áurea/RS. Como objetivos específicos, busca-se: a) analisar o processo de desterritorialização e reterritorialização dos imigrantes poloneses no Rio Grande do Sul; b) apontar a importância da presença dos imigrantes poloneses no processo de desenvolvimento de Áurea/RS; e c) identificar e caracterizar os códigos culturais poloneses e suas representações no município.

A temática de pesquisa sobre a imigração polonesa para o Rio Grande do Sul, mais especificamente para o município de Áurea, justifica-se pela necessidade de contribuir para o entendimento deste processo migratório, que corresponde a cerca de 20% dos imigrantes que aportaram no Estado do Rio Grande do Sul.

No que tange ao desenvolvimento da pesquisa, serão utilizados os seguintes procedimentos metodológicos que contribuirão para alcançar os objetivos propostos: levantamento teórico e revisão bibliográfica sobre a temática de discussão da imigração polonesa para o município de Áurea/RS, abordando os aspectos culturais desta inserção; trabalhos de campo com fins de observação e compreensão deste processo; sistematização das informações e dos dados coletados; e, por fim, a redação do texto final, contendo considerações e apresentação dos resultados.

Para nortear a presente pesquisa, foi utilizado o subsídio da abordagem qualitativa, utilizando os procedimentos metodológicos da pesquisa de campo, pesquisa documental e observação. De forma geral, a presente pesquisa se utilizou da pesquisa exploratória, a partir da análise de fontes pré-determinadas, tais como levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos para estímulo da compreensão.

A presente dissertação está organizada em seis capítulos, a partir da introdução. O segundo capítulo consiste no levantamento bibliográfico, a partir da revisão das matrizes teóricas que materializam os conceitos levantados e, por conseguinte, a obtenção dos fundamentos necessários para o desenvolvimento dos objetivos propostos e a compreensão do tema escolhido. Desta forma, serão discutidos os principais conceitos que são norteadores para a presente pesquisa: os conceitos de cultura, códigos culturais e identidade cultural. Os conceitos referentes a território e migração também serão abordados com o objetivo de auxiliar a compreensão.

No capítulo 3, é realizada uma caracterização do município de Áurea, abordando seus aspectos físicos, econômicos, sociais e demográficos, visando compreender as atuais estruturas do município, bem como seus processos de formação e emancipação.

No capítulo 4, faz-se uma discussão e apresentação dos processos migratórios dos poloneses para o Brasil, com enfoque para a corrente migratória que se direcionou para o estado do Rio Grande do Sul. Neste capítulo, apresenta-se uma breve caracterização histórica da República da Polônia, contextualizando o país durante os principais períodos de imigração de seus habitantes para os demais países da Europa, bem como para o continente americano. Para isso, a revisão bibliográfica consiste em resgatar obras que abordam o contexto histórico da Polônia; as forças que influenciaram o deslocamento destes imigrantes para o Brasil e demais nações estrangeiras; bem como obras que apresentam uma contextualização da chegada destes imigrantes ao Brasil, analisando assim os diferentes momentos deste processo migratório.

O conceito de Polonidade é abordado no capítulo 5, a partir da discussão da identidade polonesa e seus principais códigos culturais, sendo este o norteador da pesquisa sobre a cultura polonesa em Áurea. Neste caso, a Polonidade se caracteriza pela preservação dos costumes étnicos, agrícolas e sociais da colonização polonesa no município de Áurea. Como aprofundamento da discussão, serão caracterizados e discutidos os principais códigos culturais que materializam a cultura polonesa no município de Áurea, sendo eles: religião, língua e dialeto, danças, música, arte, festividades típicas, arquitetura, gastronomia, trajes típicos, valores, ideologias, convenções, bem como ações voltadas para o fortalecimento da cultura polonesa.

No capítulo 6, apresentam-se as considerações finais da pesquisa, onde os resultados são discutidos. Além disso, também se aponta onde se faz necessário um maior aprofundamento de análise.

Por fim, apresentam-se as referências bibliográficas e as fontes de pesquisa que serviram como base para o presente trabalho.

Nos apêndices, é possível observar o modelo de roteiro que serviu como norteador dos trabalhos de campo, com a finalidade de que se apresentem os principais parâmetros analisados durante a pesquisa *in loco*.

2 REVISÃO DAS MATRIZES TEÓRICAS

Neste capítulo abordam-se as matrizes teóricas e os conceitos norteadores da pesquisa. Primeiramente, enfatiza-se o conceito de cultura e códigos culturais, a partir do entendimento da sua importância para a geografia cultural. Posteriormente, aborda-se a identidade cultural como uma vertente dos códigos culturais. Após, passa-se a discussão dos conceitos de território, abordando a territorialidade – territorialização e desterritorialização – como conceitos-chave para o entendimento da presente pesquisa. Por fim, apresentam-se alguns conceitos sobre migração, imigração e emigração, bem como uma discussão sobre a conceitualização de colonização.

2.1 CULTURA E CÓDIGOS CULTURAIS

Na discussão que se inicia abordando os aspectos culturais que se mantêm ainda hoje nos hábitos e costumes dos imigrantes, a geografia cultural se insere como uma vertente fundamental para a compreensão destes fatos, aprofundando a discussão no campo da geografia humana, bem como estudando os produtos e normas culturais e suas variações através dos espaços e lugares, bem como seus significados.

A temática cultural vem sendo abordada por várias ciências distintas. Na geografia, este estudo surge como uma linha de pesquisa que busca explicar as relações humanas e suas implicações no espaço. Debates e discussões em torno deste conceito fizeram com que muitos estudos e conceituações surgissem, aprimorando-o como um dos conceitos-chave para o estudo das relações homem/natureza.

Para Corrêa (2009), a geografia cultural se interessa tanto em estudar os significados construídos em minúsculas áreas, como uma rua, um vale ou mesmo um prédio, como no estudo de um bairro, uma cidade, uma região ou mesmo um país. Para o autor, não há limites em termos de escala para a pesquisa em geografia cultural.

De acordo com Piccin (2009), a abordagem cultural na geografia humana diz respeito à humanidade como um todo, onde os diferentes grupos interagem e se transformam no decorrer do tempo. Santos (2005, p. 7) salienta que a cultura

É uma preocupação contemporânea, bem viva nos tempos atuais. É uma preocupação em entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro. O desenvolvimento da humanidade está marcado por contatos e conflitos entre modos diferentes de organizar a vida social.

Desta forma, entende-se a geografia cultural como o estudo das diferentes manifestações culturais, como religião, crenças, rituais, artes, formas de trabalho, ou seja, ideias de um grupo social e de um povo.

Assim, a cultura se materializa como a soma de saberes e conhecimentos de um determinado grupo social. Esta soma de saberes, compreendida pela geografia humana e cultural como flutuante, e que se modifica e se adapta aos diferentes meios e contextos, não pode ser considerada como acabada ou imutável, nem como uma cultura homogênea.

Segundo Wagner e Mikesell (2003, p. 28), a cultura pode ser entendida como

Uma propriedade ou atributo inerente aos seres humanos, ou meramente um artifício intelectual para se generalizar convenientemente a respeito de atitudes e comportamentos humanos, cultura é uma chave para a compreensão sistemática de diferenças e semelhanças entre os homens. A noção de cultura considera não indivíduos isolados ou quaisquer características pessoais que possam possuir, mas comunidades de pessoas ocupando um mesmo espaço determinado, amplo e geralmente contínuo, além de numerosas características de crença e comportamento comuns aos membros de tais comunidades.

Desta forma, entende-se que a cultura é definida como tudo aquilo que é produzido a partir da inteligência humana, estando presente desde os povos primitivos em seus costumes, leis, religião, artes, ciências, crenças, mitos e valores morais.

Corrêa (2009, p. 5) abrange a cultura no campo das significações, onde

A cultura, entendida como significados, direciona a atenção dos geógrafos para a escolha de seus objetos de investigação. Por ser uma abordagem, um modo de olhar a realidade, uma interpretação daquilo que os outros grupos pensam e praticam, a geografia cultural não é definida por um objeto específico, como a própria cultura, concebida segundo o senso comum ou segundo uma visão abrangente. A geografia cultural está focalizada na interpretação das representações que os diferentes grupos sociais construíram a partir de suas próprias experiências e práticas.

Para Pinto (1986), cultura é um conjunto complexo que inclui conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes e quaisquer capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade. Para o autor, qualquer que seja a cultura,

ela sempre estará em constante mudança, e ao ser passada de geração para geração, muito se deixa morrer desta cultura, já que na maioria das vezes não são passados "a risca" estes costumes, crenças, saberes, e muitas vezes, até mesmo a língua e o dialeto.

Claval (2014, p. 81) vai ao encontro de tal afirmação, já que para o autor a cultura não pode ser vista como um ato ou reflexo isolado, pois a cultura

É a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é uma herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes no passado longínquo, que mergulha no território em que seus mortos são enterrados e seus deuses se manifestam. Não é, portanto, um conjunto fechado e imutável de técnicas e comportamentos. Os contatos entre povos de diferentes culturas são algumas vezes conflitantes, mas constituem uma fonte de enriquecimento mútuo. A cultura transforma-se também sob o efeito das iniciativas e das inovações que florescem em seu meio.

Desta forma, para Duncan (2004, p. 101), a cultura pode ser compreendida como “um sistema de criação de signos através do qual, necessariamente - ainda que entre outros meios -, uma ordem social é transmitida, reproduzida, experimentada e explorada”. O autor complementa que a paisagem é um dos elementos centrais de um sistema cultural, pois, como um conjunto ordenado de objetos, age como um sistema de criação de signos através do qual um sistema social é transmitido, reproduzido, experimentado e explorado.

A ideia de cultura designa a administração do pensamento e do comportamento humano. A palavra cultura não nasceu de um termo descritivo, uma forma reduzida para as já alcançadas, observadas e registradas regras de conduta de toda uma população. A ideia de cultura nasceu com uma declaração de intenções. Assim, um objeto é cultural dependendo da duração de sua permanência, e seu caráter durável se opõe ao aspecto funcional, aquele que faz desaparecer do mundo dos fenômenos pelo uso e pelo desgaste. (BAUMANN, 2009).

Para Hoefle (1998), a cultura é vista ou numa perspectiva abrangente ou restrita, abarcando, respectivamente inúmeros fenômenos - crença, hábitos, conhecimentos, linguagem, arte, etc. -, ou limitada aos significados construídos a respeito das diferentes esferas da vida.

Claval (2014) argumenta que a cultura é uma criação coletiva e renovada dos homens, sempre em paralelo com a mutabilidade. Ela molda os indivíduos e define

os contextos da vida social, que são, ao mesmo tempo, os meios de organizar e dominar o espaço. Ela institui o indivíduo, a sociedade e o território em que se desenvolvem esses grupos. As identidades coletivas que daí resultam limitam as marcas exteriores e explicam como diferentes sistemas de valor podem coexistir num mesmo espaço.

A cultura, assim entendida, é produto de um grupo social e resulta em diversas obras responsáveis pela materialidade dos seus códigos culturais no espaço. O sistema simbólico que permeia uma comunidade étnica expressa o seu modo de vida “em partes”, ou seja, cada código cultural responde por um aspecto da cultura e se considerados em conjunto, esses códigos definem a cultura.

Assim, a hegemonia cultural é um dos imperativos do fenômeno da globalização como um processo que se opera mediante a transformação do imaginário social, deixando pouco espaço para a diversidade, alteridade e autonomia dos sujeitos, que sempre diz da singularização da cultura, entendida pela antropologia como um conjunto de condutas, comportamentos e costumes praticados por uma dada comunidade. (WERLE, 2005).

De acordo com Malinowski (1975, p. 46),

A cultura é um conjunto integral de instituições em parte autônomas, em parte coordenadas. Ela se integra à base de uma série de princípios, tais como: a comunidade de sangue, por meio da procriação; a contiguidade espacial, relacionada à cooperação; a especialização de atividades; e, por fim, mas não menos importante, o uso do poder na organização política. Cada cultura deve sua integridade e sua autossuficiência ao fato de que satisfaz toda a gama de necessidades básicas, instrumentais e integrativas.

No texto *A Geografia Cultural: O Estado da Arte*, Claval (1999) menciona que “a cultura aparece, em cada um, como um sistema que resulta de disposições inatas e do conjunto das interações às quais cada um foi submetido. A natureza das relações nas quais cada um participa, não é, contudo, sempre a mesma”. (CLAVAL, 1999, p. 69). O autor complementa que a cultura não é uma realidade primeira, mas uma construção imaginada para permitir às pessoas se comunicarem, sentirem-se próximas ou diferentes, e construir grupos que se sentem unidos. O papel do geógrafo não é explicar o homem, a sociedade, a cultura, o espaço, mas se questionar sobre as razões que levam os homens a construir sistemas simbólicos que negam a distância, ou a relaxam.

Compreende-se assim que existem diferentes formas de se representar uma cultura no espaço, sendo que os códigos culturais norteiam a compreensão desta integração.

Muitas são as formas de se visualizar uma determinada cultura no espaço. Desta forma, é através da compreensão dos códigos culturais que se caracterizam essas transformações culturais, sua cristalização na cultura de um povo, bem como a substituição de hábitos por outros através das adaptações, por diversas forças, de tradições que se perdem ou se ganham ao longo dos tempos.

Brum Neto (2007, p. 38) caracteriza os códigos culturais como

Uma simbologia responsável pela visualização da cultura e, também, pela sua transmissão. Encontram-se impressos nas diferentes paisagens, através do estilo das casas, vestuário típico, arte, gastronomia, música, religiosidade e festividades. Além desses, existem outros códigos que, embora não sejam visíveis, também são responsáveis pela materialização da cultura no espaço, como aportes culturais, com destaque para os valores, ideologias e convenções.

Brum Neto (2007, p. 43) acrescenta que

Os códigos culturais configuram-se como convenções simbólicas partilhadas por uma mesma comunidade social. E, responsável pela sua identificação, salientando a diferença, uma vez que cada grupo cultural é permeado por um sistema simbólico de representação particular, (re)construído no constante processo evolutivo das sociedades. [...] A cultura, mediada pelos códigos, é representada e materializada no espaço, originando formas típicas, passíveis de reconhecimento pelos demais grupos sociais. Decifrar e interpretar os códigos significa entender a dinâmica da cultura em questão, os valores e crenças que orientam as atitudes e ações. Estas, por sua vez, são repetidas maquinalmente como um padrão orientador comum.

Assim, a produção e reprodução da vida material é mediada na consciência e sustentada pela produção simbólica – língua, gestos, costumes, rituais, artes, a concepção da paisagem, etc. De acordo com Cosgrove (1993, p. 103), “toda atividade humana é, ao mesmo tempo, material e simbólica, produção e comunicação”.

Os símbolos constituem traços fundamentais do ser humano. Todo comportamento humano é comportamento simbólico, assim como todo comportamento simbólico é comportamento humano. Os símbolos, contudo, não expressam um único significado, ainda que haja a intenção, por parte daqueles que os criaram, de dotá-los de um único sentido. (CORRÊA, 2009).

Para Brum Neto e Bezzi (2008, p. 136),

O homem, como agente reorganizador do espaço, transforma a natureza de acordo com suas necessidades, lhe imprimindo as características marcantes da sua cultura. Tem-se, então, uma configuração regional, onde um grupo social confere à sua base espacial uma identidade, que irá diferenciá-la das demais.

Desta forma, os códigos culturais se materializam como um conjunto de características que nos auxiliam na compreensão de um determinado tipo de cultura, tendo estritas ligações com comportamentos, linguagens, imagens, formas de entender a vida, ou seja, um conjunto de valores e estereótipos relacionados a um lugar ou povo. É algo amplo, por isso não cabe dar uma definição simples. Assim, os códigos culturais contribuem muito na análise de comportamento, pois são parte dela.

A cultura consiste então num conjunto de crenças e valores que orientam as ações de um determinado grupo social, a partir de sistemas simbólicos que o tornam distinto dos demais, conferindo-lhe características singulares. Estas, por sua vez, definem o grupo social através do contraste, originando a identidade cultural. Desta forma, os códigos culturais não são fixos, mas sim mutáveis ao longo do tempo já que eles se adaptam, se renovam e se sobrepõem quando se encontram defasados.

Observa-se, assim, que a partir dos códigos culturais tem-se a identidade cultural. Nessa pesquisa, os diferentes códigos culturais identificados e elencados demonstram a mutabilidade da cultura, seus símbolos e signos que se perpetuam, se adaptam, e se modificam ao longo dos tempos, em formas materiais de representação, bem como em simbologias imateriais, tais como a fé religiosa e os diferentes ritos que se perpetuam não apenas nos pequenos âmbitos de convívio, mas como uma construção cristalizada na sociedade analisada.

Na presente pesquisa, foram elencados oito diferentes códigos culturais da imigração polonesa em Áurea, sendo eles: Religião, língua e dialeto, danças, música, arte, arquitetura, culinária e trajes típicos. A identificação destes códigos justifica-se pela sua cristalização – em maior ou menor grau – no município em questão.

O código cultural religião se imprime no território de diferentes formas, tanto no âmbito material, quanto imaterial. A religião em Áurea se expressa nas formas concretas, a partir de igrejas, capelas e imagens, bem como no campo social e

político, a partir da influência exercida pelos membros da igreja católica – padres e freiras – perante a sociedade.

A língua e o dialeto polonês estão presentes no dia a dia dos descendentes de poloneses em Áurea, constituindo-se ainda nos dias atuais como parte da comunicação oral e escrita dos cidadãos de Áurea. Observa-se que a comunicação em língua polonesa se caracteriza principalmente pelo sua perpetuação no âmbito familiar e religioso.

As danças, trajes e músicas típicas polonesas se perpetuam principalmente nas festividades organizadas no município, a partir da organização municipal, bem como nas comunidades interioranas do município. As danças características trazidas pelos imigrantes para Áurea se constituem como um código cultural pouco difundido nos ambientes externos a estas festividades, porém demarcam ainda uma importante herança cultural, que se difunde principalmente a partir das apresentações intermunicipais do grupo folclórico Auresóvia, composto por crianças, jovens e adultos do município.

A arte de influência polonesa é um código cultural que se perpetua em menor escala no município, justificado pelo fato dos imigrantes que colonizaram o município serem em sua maioria agricultores com baixa escolaridade, que em seu país de origem não tinham acesso a obras e demais artefatos artísticos. O que se observa é que este código cultural se materializa a partir de atributos religiosos, bem como nas casas com jardins floridos e obras trabalhadas no âmbito escolar municipal.

A arquitetura típica polonesa é observada principalmente nas edificações de cunho religioso – igrejas, capelas e santuários -, já que carregam em suas construções influências de obras polonesas. As casas, em número reduzido, mantêm características a partir das construções em *blocause*, onde se utilizam madeiras de encaixe, sem a utilização de pregos e demais adereços. Observa-se também nestas construções colorações quentes na pintura, com cores vivas acompanhadas de extensos jardins floridos.

A culinária é um dos códigos mais representativos expressos no município, onde se mantém a tradição de alimentos que eram consumidos no país europeu. Observa-se que a produção dos ingredientes para a constituição destes pratos típicos são produzidos em grande parte no próprio município.

Desta forma, os códigos culturais elencados servem como norteadores para o entendimento das diferentes formas de cristalização da cultura polonesa no

município de Áurea, expressas de diferentes formas, tanto no que tange à imaterialidade, quanto nas expressões culturais que se imprimem na paisagem do município.

2.2 IDENTIDADE CULTURAL

Por identidade, Castells (1999) entende que é um processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o qual prevalece sobre outras fontes de significado.

Martins (2002) explica que a construção das identidades se processa por quatro vias não excludentes e que, na maioria das vezes, estão entrelaçadas. A primeira delas, a identidade por assimilação ou apropriação pode ser chamada também de aculturação, quando ocorre a submissão de um indivíduo ou de uma comunidade a outra cultura, que se funde. A segunda via é a identidade por contraste, entendida como a diferença das demais ou da dominante. A terceira via é a identidade por rejeição que se processa de forma conflituosa, envolvendo a busca das raízes históricas de determinada minoria. Por fim, tem-se a identidade por diferença que se torna componente comum entre as demais formas de identidade, pois diferenças e identidades se relacionam dialeticamente.

Claval (2014) vai ao encontro de tal afirmação, ao defender três componentes que contribuem com a formação das identidades culturais: a vontade de se conformar aos usos de um grupo; a ideia de uma origem em comum; e a construção da pessoa, baseada na articulação assumida de todos os aspectos da vida em torno dos valores centrais da cultura.

Para Silva (2013), a identidade depende da diferença, e a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis. Desta forma, compreende-se que identidade cultural não se constrói de forma homogênea, sendo construída e constituída pelas diversidades.

Gritti (2004) pontua que a identidade é um elemento-chave da realidade subjetiva e, tal como toda realidade subjetiva, acha-se em relação dialética com a sociedade. Assim, a identidade é formada por processos sociais que são modelados e remodelados.

Desta forma, mesmo quando cristalizada, a identidade cultural não se torna imutável ou inflexível. Tymowski (2000, p.27) afirma que a identidade cultural,

Uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais. Os processos sociais implicados na formação e conservação da identidade são determinados pela estrutura social. Inversamente, as identidades produzidas pela interação do organismo, da consciência individual e da estrutura social reagem sobre a estrutura social dada, mantendo-a, modificando-a ou mesmo remodelando-a. As sociedades têm histórias no curso das quais emergem, particulares identidades. Estas histórias, porém, são feitas por homens com identidades específicas.

A identidade cultural está intimamente ligada ao território onde a mesma se manifesta. Para Haesbaert (1999, p. 179), “a identidade social é também territorial quando o referente simbólico central para a construção desta identidade parte do ou transpassa o território”.

Claval (2014) complementa tal afirmação da identidade cultural cristalizada no território, com uma visão geográfica destes processos. Para o autor, observam-se os marcos e sinais visíveis sobre o terreno: as igrejas nas pequenas cidades, as cruzes ao longo dos caminhos, os minaretes, os cemitérios de geometrias indecisas. É viajando, familiarizando-se com as paisagens diferentes, que os geógrafos se tornam sensíveis a esses marcos, cuja presença repetida é sinal de pertencimento, de reconhecimento, de confirmação de identidades.

Para Bossé (2004), a pertinência da noção de identidade e sua riqueza conceitual facilitam a convergência de perspectivas temáticas diversas, não apenas entre as ciências humanas e sociais, mas também na área de geografia cultural. O autor acrescenta que a construção de uma identidade passa pela consideração de uma herança e pela preservação de um patrimônio sócio-histórico, e que recordar, preservar e perpetuar um passado faz parte de um sentimento identitário. Desta forma, a territorialidade revela a identidade do lugar.

De acordo com Bossé (2004, p. 162),

Toda identidade se define por um conteúdo compreendido em termos de caracteres referenciais, percebidos a partir de perspectivas diferentes, e que podem incluir igualmente aspectos de ordem física ou psíquica, material ou intelectual. Assim, a identidade se exprime e se comunica de maneira interna e externa, através de práticas simbólicas e discursivas. Para o grupo étnico e nacional, ela se baseia particularmente na ideia de um mito das origens ou de uma escatologia coletiva, partilha de um espaço comum, as redes de sociabilidade, a participação em obras coletivas – econômicas, políticas e morais – que asseguram sua coesão. Além disso, se a eventual multiplicação dos indicadores da identidade tende, de um lado, a enfocar um núcleo identitário individualizado, de outro surge e possibilita, como que gravitando em torno dele, a existência de identidades múltiplas. Estas são, mais ou menos contingentes, impostas ou escolhidas em graus diversos, especialmente no sentido em que a identidade social do indivíduo e do

grupo se aproxima e é entendida por relações e situações em linhagens ou redes.

Desta forma, a reflexão sobre identidade em geografia leva a ampliar o sentido do imaginário geográfico individual e social, e, desse modo, a encaminhar a geografia cultural para um aprofundamento de sua especificidade.

Conforme Haesbaert (1999), os discursos identitários se atêm à naturalização para estender ao território a qualidade indiscutível de atributo natural da identidade reivindicada. Para o autor, a estratégia que daí deriva é clara e cada vez mais difundida: a uma identidade deve corresponder um território.

Claval (1999) defende que são variados os elementos que permitem aos indivíduos manifestarem o que são, porque se integram em tal ou tal comunidade e porque se opõem a tal ou tal outra. Para o autor, em sociedades onde as técnicas materiais variam de um ponto a outro, nada impede que tal ou tal característica do vestuário, do habitat ou do gênero de vida seja valorizado e se torne um símbolo. A língua (quer se trate de um dialeto ou de uma língua de cultura), a religião, as instituições políticas, igualmente contribuem para isso.

Haesbaert (1999, p. 172) complementa que

Toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias, quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social. [...] De uma forma muito genérica, podemos afirmar que não há território sem algum tipo de identificação e valoração simbólica (positiva ou negativa) do espaço pelos seus habitantes.

Assim, observa-se que no município de Áurea a identidade local permanece perceptível e se propaga através das gerações por meio dos códigos culturais, diferenciando-os das demais culturas regionais. Ao se deslocar para este recorte espacial, logo se passa a atribuir características aos seus habitantes no sentido de seu pertencimento à cultura polonesa, a qual é visualizada e concretizada através da simbologia cultural representada principalmente na religião, no uso do dialeto e na culinária.

2.3 TERRITÓRIO

O território surge, na tradicional geografia política, como o espaço concreto em si - com seus atributos naturais e socialmente construídos -, que é apropriado, isto é, ocupado por um grupo social. O território é visto como algo gerador de raízes e identidade: um grupo não pode ser compreendido sem o seu território, no sentido de que a identidade sociocultural das pessoas estaria inarredavelmente ligada aos atributos do espaço concreto - natureza, patrimônio arquitetônico e paisagem. (SOUSA, 1995).

O território, desta forma, é visto como um construtor de identidade, talvez o mais eficiente de todos. A territorialização e desterritorialização estão carregadas de simbolismos que identificam e caracterizam seus agentes atuantes.

Para Saquet (2006), o território pode ser compreendido como resultado de processo de territorialização, pautado nas territorialidades ali inscritas. Desta forma, tais territorialidades estão fortemente ligadas ao lugar, apesar de possuírem continuidades e descontinuidades no tempo e no espaço. Dão identidade, ao mesmo tempo em que são influenciadas por condições históricas e geográficas do lugar. Nesse sentido, as relações econômicas, políticas e culturais, em um âmbito interno ou em sua relação com o exterior, apropriam e ordenam o território.

Para Haesbaert (2004), o território é considerado como um signo cujo significado somente é compreensível a partir dos códigos culturais nas quais se inscreve. Desta forma, segundo o autor, a territorialidade é condicionada pelas linguagens, pelos sistemas de signos e pelos códigos que nela se constituem, em suas diferentes esferas.

Haesbaert (2004) acrescenta que existem três vertentes básicas de território: política, onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes relacionado ao poder político do Estado; cultural, onde se prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, onde o território é visto, sobretudo, como o produto de apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido; e econômica, que enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas, sendo o território fonte de recursos e/ou incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho, como produto da divisão “territorial” do trabalho, por exemplo.

Neste sentido, conforme Haesbaert (2007), o poder do laço territorial revela que o espaço está investido de valores não apenas materiais, mas também éticos, espirituais, simbólicos e afetivos. É assim que o território cultural precede o território político e, com ainda mais razão, precede o espaço econômico.

Desta forma, este simbolismo está além de valores externos. Bonnemaïson; Cambrèzy (1996 apud HAESBAERT, 2007, p. 51) acrescentam que

Pertencemos a um território, não o possuímos, guardamo-lo, habitamo-lo, impregnamos-nos dele. Além disso, os vivos não são os únicos a ocupar o território, a presença dos mortos marca-o mais do que nunca com o signo sagrado. Enfim, o território não diz respeito apenas a função ou ao ter, mas ao ser. Esquecer este princípio espiritual e não material é se sujeitar a não compreender a violência trágica de muitas lutas e conflitos que afetam o mundo de hoje: perder seu território é desaparecer.

Para Claval (2014), o território constitui a base material da existência comum e fornece ao menos uma parte dos recursos indispensáveis à existência de cada um. É um contexto compartilhado, formado de lugares carregados de significações acessíveis a todos: peregrinações, santuários, campos de batalha e monumentos históricos; as gerações passadas aí viveram, seus corpos aí repousam.

Haesbaert (1997, p. 42) argumenta que

O território envolve sempre, ao mesmo tempo, uma dimensão simbólica, cultural, através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de 'controle simbólico' sobre o espaço onde vivem (sendo também, portanto, uma forma de apropriação), e uma dimensão mais concreta, de caráter político-disciplinar: a apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos.

Sendo assim, podemos compreender os territórios como totalidade, com várias dimensões em que as relações sociais construídas historicamente compõem as bases que fundamentam o conceito de território. O território imaterial está relacionado com o material, podendo ser ambos observados nas formas que estão presentes em todas as ordens de construção do conhecimento, de suas interpretações, como ideologias, signos, teorias, paradigmas, dentre outros.

Desta forma, a territorialidade está dentro do que se espera das dimensões que estão inseridas numa abordagem cultural, estando dentro do vivido existencial dos indivíduos. Podemos dizer também que a territorialidade está vinculada à formação das identidades territoriais, tendo em vista que as relações sociais manifestam-se em dado território permitindo que haja identificação material e

imaterial dos indivíduos não só com o local onde vivem, mas também entre o seu grupo social.

Além disso, a constituição de novas territorialidades não implica a supressão das antigas territorialidades, pelo contrário. As descontinuidades históricas e multiescalares acarretam mudanças e permanências, em um movimento processual e relacional no qual os elementos não deixam de existir, mas ganham novas significações.

Para Santos (2012), o território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir de manifestações de sua existência.

Santos (2012) complementa que o território não é apenas o conjunto de sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. Para o autor, o conteúdo do território mudou fundamentalmente com a globalização, seja o conteúdo demográfico, o econômico, o fiscal, o financeiro, o político. O conteúdo de cada fração do território muda rapidamente.

Para Corrêa (2012), as formas simbólicas espaciais são dotadas de sentido político, que são concebidas visando: a) glorificar o passado; b) reconstruir o passado, conferindo-lhe novos significados; c) transmitir valores de um determinado grupo; d) afirmar a identidade de um grupo religioso, étnico, racial, ou social; e) criar lugares de memória.

Raffestin (1993) afirma que o território se forma a partir do espaço, sendo este o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente, o ator "territorializa" o espaço. Mais adiante, o mesmo autor afirma que o território, nesta perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder.

Para Almeida (2008, p. 108) o território "é objeto de operações simbólicas e é nele que os atores projetam suas concepções de mundo". Assim, a compreensão

dessas relações permite afirmar que a apreensão dos vínculos entre território e cultura é de extrema importância para o olhar geográfico.

Almeida (2005, p. 108) afirma que

Como organização do espaço, pode-se dizer que o território responde em sua primeira instância, a necessidades econômicas, sociais e políticas de cada sociedade e, por isso, sua produção está sustentada pelas relações sociais que o atravessam. Sua função, porém, não se reduz a essa dimensão instrumental; ele é também objeto de operações simbólicas e é nele que os atores projetam suas concepções de mundo.

Para Bossé (2004, p. 173), “o território define tanto aquilo que lhe pertence, quanto àquilo que ele exclui”. Desta forma, observa-se que a cristalização dos códigos culturais está intimamente ligada a supressão de alguns símbolos culturais, que se manifestam em diferentes padrões, como religiosos e culinários, por exemplo.

Levando em conta tais aspectos, território desdobra-se em territorialidade, conceito que tem sido utilizado para enfatizar as questões de ordem simbólica e cultural e o sentimento de pertencimento que Almeida (2005, p. 109) destaca como “resultado de uma apropriação simbólico-expressiva do espaço, sendo portador de significados e relações simbólicas”. Diante de tal constatação, é inevitável concluir que a identidade cultural também dá sentido e significado ao território. Enfim, a intensa articulação entre todas as dimensões é que vai possibilitar uma compreensão da totalidade dos fenômenos que se manifestam no território.

Compreende-se, desta forma, que o processo de territorializar um determinado espaço significa apropriar-se do mesmo, sendo esta apropriação caracterizada por diferentes esferas. Para Fernandes (2005, p. 06),

Os processos geográficos são, igualmente, movimentos das propriedades espaciais e das relações sociais. São quatro os processos geográficos primários: espacialização, espacialidade, territorialização e territorialidade. São três os processos geográficos procedentes: desterritorialização, reterritorialização, desterritorialidade, reterritorialidade. Enquanto a territorialização é resultado da expansão do território, contínuo ou interrompido, a territorialidade é a manifestação dos movimentos das relações sociais mantenedoras dos territórios que produzem e reproduzem ações próprias ou apropriadas. Existem dois tipos de territorialidade, a local e a deslocada, que podem acontecer simultaneamente.

Raffestin (1993, p. 158) complementa que

A territorialidade adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do “vivido” territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens “vivem”, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas.

Desta forma, para Raffestin (1993, p.160), “a territorialidade pode ser definida como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo, em vias de atingir a maior autonomia possível”. Nessa concepção, o território é a condição da realização do ator Estado ou das grandes corporações capitalistas, transformando o espaço enquanto possibilidade de realizações socioeconômicas em território concreto da materialização do capital incorporado. Segundo o autor, o mesmo ator, ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente, territorializa o espaço.

Para Haesbaert (1999), o território é a riqueza dos pobres. Para eles, perder seu território é desaparecer. Desta forma, o território é de suma importância para os imigrantes, pois é no novo território, a partir do processo de desterritorialização de sua pátria de origem, e a partir da territorialização nas novas terras, é que o imigrante imprime e cristaliza seus costumes e códigos culturais, representados tanto de formas materiais, quanto imateriais.

2.4 MIGRAÇÃO, IMIGRAÇÃO E EMIGRAÇÃO

Os movimentos migratórios populacionais são caracterizados por fatores que atuam em conjunto: uma área ou região que apresentam fatores repulsivos, e áreas ou regiões que apresentam fatores atrativos. Desta forma, a imigração é o processo mediante o qual pessoas não nacionais ingressam em um país com o fim de estabelecerem-se. (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES, 2006).

Para Romero (2003), migração é o deslocamento de uma pessoa ou grupo de pessoas desde seu local habitual de residência a outro, para permanecer nele mais ou menos tempo, com a intenção de satisfazer alguma necessidade ou conseguir determinada melhora.

Desta forma, observa-se que neste conceito podem ser analisados alguns aspectos essenciais, tais como a mobilidade humana; a trajetória entre uma origem

e um destino; seu assentamento e caráter de permanência; bem como a finalidade deste deslocamento.

Para Brum Neto (2007, p. 44), “migrar significa deslocar-se e pressupõe movimento e mudança”. Neste estudo, a estudiosa supracitada ainda observa que “ao longo da história evolutiva, o homem, desde os tempos primitivos, tem experimentado esta mobilidade. E, assim, contribuído para a expansão da área habitável, bem como para o efetivo conhecimento da superfície terrestre”.

Segundo a Organização Internacional para as Migrações (2006, p. 38), “a migração é o movimento de uma determinada população para o território de outro Estado ou dentro do mesmo, que abrange todo movimento de pessoas, seja qual for o tamanho, sua composição ou suas causas”; o texto reforça que isso “inclui a migração de refugiados, pessoas deslocadas, pessoas desarraigadas, migrantes econômicos, etc”.

A partir da análise deste conceito de migração, ressalta-se que existem diferentes motivações que levam a este deslocamento populacional. Nesta esteira, encaixam-se refugiados, deslocados, solicitantes de asilo, extraditados, dentre outros. Esta pesquisa se detém em analisar o imigrante econômico, analisando os diferentes fatores que levaram o mesmo a emigrar da Polônia para o Brasil.

Melchior (2001, p. 4) declara que

Nenhum movimento migratório se dá de forma involuntária ou impulsionada por uma necessidade individual, mas estão inseridos num contexto mais amplo e estão relacionados, sobretudo, a questões econômicas que envolvem os países de atração e de expulsão dos migrantes. As pessoas se deslocam à medida que existe uma oferta de emprego, que proporcione rendimentos superiores aos que ela possui, mesmo que para isto tenham que se sujeitar a qualquer tipo de trabalho.

Brum Neto (2007) destaca a migração populacional como um fator importantíssimo de difusão cultural. Quando um indivíduo se desloca de um país, região ou cidade, ele leva consigo suas características culturais, e ao mesmo, se mescla com a cultura onde está se inserindo. A autora complementa que este movimento explica a presença de culturas semelhantes em espaços diferentes, assim como de culturas distintas ocupando um espaço contíguo. Por conseguinte, ambas organizando-os de forma singular, de acordo com suas aptidões culturais.

Assim, para a Organização Internacional para as Migrações (2006, p. 42), o migrante econômico é

A pessoa que, tendo deixado seu lugar de residência ou domicílio habitual, busca melhorar suas condições de vida num país diferente daquele de origem. Este termo se distingue de “refugiado” que foge por perseguição ou do refugiado de fato, que foge por violência generalizada ou violação massiva dos direitos humanos. [...] Da mesma forma, o termo se aplica às pessoas que se estabelecem fora de seu país de origem pela duração de um trabalho sazonal ou temporário, chamadas de “trabalhadores temporários” ou sazonais.

Há de se caracterizar a diferença entre os diferentes termos migratórios, onde, segundo a Organização Internacional para as Migrações (2006), a emigração caracteriza-se como o ato de sair de um Estado com o propósito de assentar-se em outro. As normas internacionais de direitos humanos estabelecem o direito de toda pessoa de sair de qualquer país, incluindo o seu. Somente em determinadas circunstâncias, o Estado pode impor restrições a esse direito. As proibições de saída do país repousam, em geral, em mandados judiciais. A imigração, conforme a Organização Internacional para as Migrações (2006, p. 32), consiste no “processo mediante o qual pessoas não nacionais ingressam em um país com o fim de estabelecer-se”.

De acordo com Brum Neto (2007), as migrações pressupõem perda de vínculo territorial e também um processo de adaptação frente à nova realidade que se propõe. Ao sair do espaço vivido, o grupo social leva consigo a herança cultural, os hábitos, os valores e os costumes.

Este processo de adaptação territorial, visto da ótica política, cultural e econômica, está intimamente ligado às migrações, uma vez que perde-se a territorialidade construída e já constituída, e enfrenta-se a nova realidade de adaptação. Esta ótica, expressa nos processos migratórios, é exemplificada pelas migrações europeias para o Brasil.

Há de se destacar também o conceito de colonização a partir da análise e da discussão no âmbito regional do processo analisado em questão, onde para Brum Neto (2007, p. 107)

O caráter da colonização no Rio Grande do Sul, além da ocupação dos vazios espaciais, centrava-se em contrapor as grandes áreas criadoras de gado via implantação da atividade agrícola em pequenos lotes de terra. Portanto, ser imigrante no Rio Grande do Sul implicou em ser colono. Deve-se a essa relação o uso comum, quase como sinônimo das palavras imigração/colonização para o território gaúcho.

Seguindo essa linha de pensamento, Roche (1969, p. 03) salienta que “o emprego da palavra colonização pelos brasileiros não provém, pois, de uma confusão, mas de uma subordinação do imigrante à colonização, que é o fim dela”.

A palavra colonização teve vários significados entre os séculos XIX e XX, mas sempre atrelada à agricultura, pois essa era o fim primordial do processo de colonização. No século XIX, colonizar consistia em introduzir a mão de obra inexistente no lugar, através de novos habitantes para fins agrícolas. Já no século XX, procurando inovar a definição jurídica do imigrante, a legislação estabelece como critério a intenção do estrangeiro em se estabelecer num ponto do território e exercer uma profissão, de preferência agrícola. Os colonos foram os primeiros agricultores e artesãos rurais, ou seja, pessoas ligadas à terra que exploravam, segundo a legislação. (ROCHE, 1969).

Durante este processo de inserção nas novas terras, os imigrantes assimilaram a identidade colonial, tornando-se imigrantes/colonos. Não havia controle sobre o processo migratório, pois já encontraram tudo pré-determinado pela legislação: o local de destino, a função e as obrigações a serem cumpridas, ou seja, privilegiava-se a implantação e o desenvolvimento da atividade agrícola com a finalidade de expansão econômica regional. (BRUM NETO, 2007).

A correlação entre imigração e colonização deve-se ao fato de que a primeira resolve o problema da mão de obra, enquanto que a segunda contrapõe a pequena propriedade ao latifúndio, permitindo uma vigilância contínua e um isolamento que garantiriam a segurança nacional. (GIRON, 1992).

Etimologicamente, colonizar é transformar em colônia, habitar como colonos, promovendo a colonização. Migrar para um território e nele se estabelecer como seus primeiros ou principais habitantes. (MICHAELIS, 1998).

Desta forma, a imigração e colonização polonesa se insere diretamente neste contexto de territorialização e desterritorialização, uma vez que estes imigrantes deixaram seu país de origem – deixando para trás sua cultura, seu idioma, seus costumes -, para imergirem em um novo mundo, em busca de melhores condições de vida. Este processo de territorialização passa, necessariamente, pelo pertencimento ao território, onde seus costumes e diferentes códigos culturais se cristalizam.

A identidade polonesa, reconfigurada e remodelada ao longo das décadas e gerações, fez dos descendentes de poloneses ainda residentes em Áurea o que

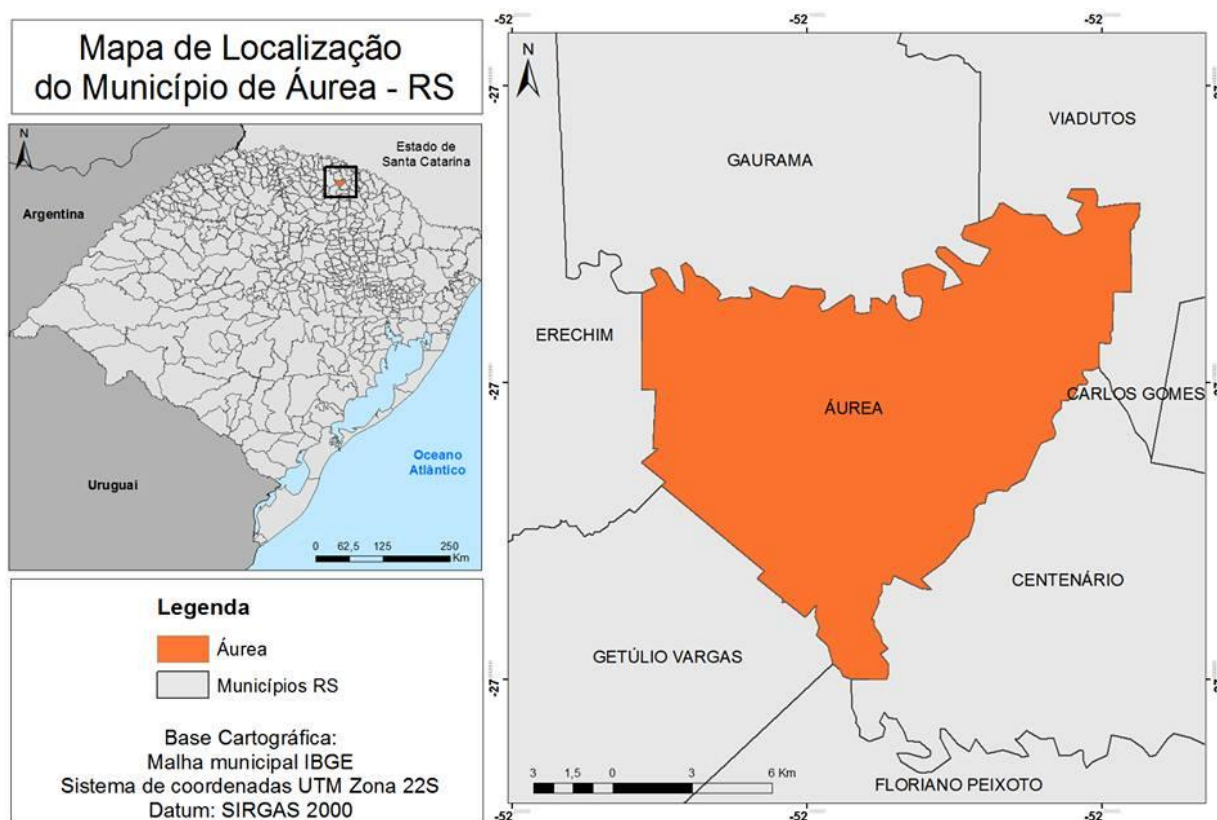
alguns autores chamam de “polono-brasileiros”, expressos culturalmente pela polonidade. Estes descendentes, nascidos em solo brasileiro e identificados com a cultura gaúcha, ainda manifestam, de diversas formas, a cultura polonesa.

Os códigos culturais identificados e representados na presente pesquisa não atuam e não se constituem de forma isolada ou descontextualizada, uma vez que os mesmos se imprimem de diferentes formas, com diferentes significações, porém são provenientes de uma mesma cultura: a polonesa.

3 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O município de Áurea está localizado no norte do estado do Rio Grande do Sul, com coordenadas geográficas 27° 41' 52" de latitude sul e 52° 4' 15" de longitude Oeste, sendo pertencente à Mesorregião Noroeste Rio-Grandense. Segundo a classificação climática de Köppen-Geiger, o município possui clima subtropical úmido, bioma mata-atlântica, e uma altitude média de 587 metros sob o nível do mar, possuindo 158,29 km² de área (figura 1).

Figura 1 - Mapa de localização do município de Áurea/RS



Fonte: IBGE - Malha municipal (2016).
Org: SOCOLOSKI, T. S.; 2016.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), contidos no censo demográfico de 2010, sua população é de 3.665 pessoas, onde 2.128 pessoas vivem na área rural e 1.537 pessoas vivem na área urbana, demonstrando ser um município predominantemente voltado a atividades agrícolas. De acordo com os dados da estimativa populacional fornecidos pelo IBGE no ano de 2017, o município conta atualmente com uma população total de 3.718 habitantes.

A economia do município é essencialmente voltada para atividades rurais, com a produção de grãos, como soja, milho, trigo e feijão, e também com principal destaque para o cultivo e produção de erva-mate, as quais atendem ao mercado local e regional.

A base econômica regional, cujo pólo é Erechim, concentra-se no setor agropecuário, caracterizando-se pela produção, em pequenos estabelecimentos rurais, da policultura de produtos alimentícios e industriais, bem como na suinocultura, associada à lavoura de milho. O perfil agrícola microrregional baseia-se nas culturas de feijão, milho, soja, trigo e erva-mate. Quanto à pecuária, destacam-se o gado leiteiro, os suínos e as aves.

Áurea é pertencente à Microrregião de Erechim, enquadrando-se na área climática do Planalto, onde a altitude contribui para acentuar as variabilidades da temperatura. As principais massas de ar que dominam esta área são a Tropical Atlântica e a Polar Atlântica. Os vales dos rios normalmente apresentam temperaturas mais altas do que nas áreas mais elevadas. Embora possam ocorrer períodos de seca, geralmente chove bastante no inverno, uma vez que as frentes frias atuam com mais intensidade. (THEODORO, 2010).

O Planalto, em sua maioria, foi ocupado pela floresta subtropical com araucária, da qual ainda existem algumas porções testemunhais, em formas de manchas no topo dos morros ou nas encostas mais íngremes. (THEODORO, 2010).

Figura 2 – Imagem de satélite da área urbana do município de Áurea/RS.



Fonte: (Digital Globe, 2018).

A confirmação da vegetação acima descrita é encontrada em Silva (2013, p. 78), que cita:

A vegetação natural é a de mata subtropical alta com araucárias. Na zona fria de clima Cfb, há a predominância do pinheiro (*Araucária angustifolia*) e na zona de clima Cfa, há um equilíbrio maior ocorrendo a erva-mate (*Ilex paraguariensis*). A mata virgem foi profundamente modificada, com a extinção de muitas espécies vegetais. Com o uso contínuo, as matas deram lugar aos campos.

Os rios que banham a Microrregião pertencem à Bacia do Uruguai e correm para o norte, alcançando o Rio Uruguai em seu curso superior, sendo caracterizados por vales profundos e encaixados. O regime dos rios desta bacia é equilibrado, pois as chuvas mensais são regulares. (THEODORO, 2010).

A colônia de Erechim foi criada em outubro de 1908 pelo então Presidente do Rio Grande do Sul, Carlos Barbosa, sendo que em 1918 foi transformada em município. Erechim constituiu-se como o primeiro exemplo do Rio Grande do Sul em que houve planejamento para a ocupação da terra.

Uma das características marcantes da região hoje polarizada por Erechim é a diversidade étnica e cultural de sua população. Isso se evidencia desde a sua fundação. Nos livros de registros de entrada de imigrantes correspondentes aos anos de 1911 a 1914, encontramos o registro de imigrantes de nacionalidade alemã, austríaca, polonesa, russa, italiana, portuguesa, sueca, holandesa e japonesa. (GRITTI, 2004).

O povoamento da região onde hoje localiza-se o município de Áurea teve início em 1911, com a vinda de poloneses e descendentes desses para o distrito de Rio Marcelino, pertencente até então ao município de Erechim. Os primeiros colonizadores vieram em busca de melhores condições de vida, sendo que muitos deles já estavam em outras partes do Rio Grande do Sul, dedicando-se ao desbravamento das matas e ao cultivo do solo.

Segundo o histórico apresentado pela Prefeitura Municipal de Áurea, por volta de 1918, o distrito de Rio Marcelino passa a denominar-se Treze de Maio, sendo que isso foi formalizado em 1924, ainda subordinado ao município de Erechim. Em 1938, Treze de Maio passa a denominar-se Princesa Isabel, enquanto o município de Erechim passa a denominar-se José Bonifácio. Em 1944, o distrito de Princesa

Isabel passou a denominar-se Vila Áurea, e o município de José Bonifácio voltou a denominar-se Erechim².

Em 1953, o distrito de Gaurama, vizinho de Vila Áurea, inicia seu processo de emancipação de Erechim. Nesta década, dos distritos de Erechim, Gaurama era, individualmente, o maior produtor de trigo, cevada, milho e feijão. Além dos frigoríficos (Santa Isabel e Ipiranga), exportava vinho, farinha de trigo e milho, bem como seus subprodutos, como cereais e madeiras beneficiadas. A realidade econômica daquele período enquadrava-se no modelo histórico rio-grandense, que compunha uma economia regional com linhas próprias. (GARCEZ, 1997).

No dia 20 de dezembro de 1953, com maioria de votos sendo a favor da emancipação, Gaurama se desmembra de Erechim, e torna-se município, fazendo com que o distrito de Vila Áurea seja incorporado, a partir desta data, ao município gauramense. Vale-se registrar que, na votação do plebiscito de emancipação, a maioria dos votos de Vila Áurea foi contrário a emancipação, preferindo, desta forma, continuar fazendo parte de Erechim.

A ideia da emancipação de Vila Áurea do município de Gaurama surgiu com a chegada do Padre Josef Wojnar (enviado da Polônia para servir a comunidade), vigário da paróquia Nossa Senhora do Monte Claro de Vila Áurea, em 1980. A primeira reunião para escolha da comissão pró-emancipação dos distritos de Vila Áurea e Vila Centenário foi realizada no dia 10 de agosto de 1981, na sede do clube Princesa Isabel de Vila Áurea. Mas a autorização para a realização de uma consulta plebiscitária só viria na legislatura seguinte, em 1986.

Ao longo do processo emancipatório, entretanto, houve dificuldades e percalços que, com diálogo de conciliação, foram um a um superados. Finalmente, por determinação do Tribunal Regional Eleitoral (TRE), Vila Áurea e Vila Centenário (este último também com forte presença de descendentes de poloneses) realizaram a consulta plebiscitária no dia 20 de setembro de 1987, quando 3.390 dos 4.053 eleitores inscritos, manifestaram-se favoravelmente a emancipação de cada uma das localidades. Desta forma, em 24 de novembro de 1987, Áurea se emancipa de Gaurama, e torna-se município.

No ano de 1997, durante o 1º Encontro de Setores Ligados ao Turismo do alto Uruguai, inicia-se o movimento que buscava tornar o município a Capital Polonesa

²Os nomes até agora citados referem-se a um dado histórico brasileiro, a Abolição da Escravatura, sancionada em 13 de maio de 1888. (WENCZENOVICZ, 2002).

dos Brasileiros. Desta forma, em outubro do mesmo ano, Áurea alcança tal título de forma oficial. Os habitantes e gestores municipais viam o evento como uma chance para promover o município no seu aspecto turístico. (SIUDA-AMBROZIAK, 2005).

Em entrevista publicada no Jornal Razão (27.10.1997, p. 3), o prefeito em exercício declarou que

Áurea se tornou a Capital Polonesa dos Brasileiros, em virtude principalmente do grande percentual de descendentes poloneses em nosso município, que atinge cerca de 92%, ou seja, o município de Áurea é formado por uma população polonesa quase em sua totalidade. Outro motivo é a valorização e conservação de costumes e tradições da cultura polonesa por parte do nosso povo [...]. Nosso compromisso perante este título é prosseguir com o trabalho do renascimento das tradições das comunidades polono-brasileiras. Através deste título, além de darmos continuidade a todo este legado cultural herdado, e de estarmos prestando uma homenagem aos nossos antepassados, queremos também elevar o município de Áurea a um patamar de valorização e divulgação, pois, com certeza, o título será para Áurea um ponto de referência entre as demais comunidades.

Desta forma, intensificou-se o processo de valorização e preservação cultural das tradições polonesas a partir deste título simbólico de “Capital Polonesa dos Brasileiros”.

4 ETAPAS MIGRATÓRIAS PARA O BRASIL E RIO GRANDE DO SUL

No final do século XIX, a industrialização tomou força nos Estados Unidos, a partir do surgimento de inúmeras fábricas, bem como a expansão de lavouras e de minas de carvão, criando uma alta demanda de trabalhadores para suprir tamanha produção, tal como agricultores, mineiros e operários profissionais. (WENCZENOVICZ, 2002).

Desta forma, por iniciativa de indústrias norte-americanas, desencadeou-se uma intensa campanha com o objetivo de recrutar, nos países europeus, trabalhadores de diversas profissões com fins de que alavancassem a produção. Em face das boas vantagens ofertadas pelos americanos, bem como pelo fato de a Europa estar em um período de recessão econômica, grandes levas de europeus cruzaram o oceano atlântico emigrando para os Estados Unidos em busca de emprego e melhores condições de vida. Nesta leva de imigrantes, Stawinski (1976) dá principal destaque para trabalhadores oriundos de países como Irlanda, Polônia e Alemanha.

Nesta esteira de migração para a América, anos mais tarde, igual propaganda começa a ser feita para os países da América Latina, onde o Governo Brasileiro adere ao movimento, visando atrair novos elementos para suas terras.

Neste fluxo migratório para as Américas, Stawinski (1976, p. 13) destaca que

As companhias de navegação marítima, através de agentes especializados em assunto de propaganda, provocaram na Europa a chamada “febre migratória”, prometendo mundos e fundos no continente americano. O alto índice demográfico e o baixo nível salarial nos países europeus também influíram no ânimo da classe operária, para que se decidisse a tentar a sorte no novo mundo. Primeiramente vieram chegando ao Brasil colonos germânicos, em 1824. Cinquenta anos depois, em 1875, iniciou-se a imigração italiana rumo ao Rio Grande do Sul. Na mesma época, começaram a chegar agricultores poloneses, a princípio em pequenos grupos e, posteriormente, em grande escala.

Segundo Wenczenovicz (2002), o processo migratório europeu foi decorrência do excesso de mão de obra nas aldeias e nas vilas europeias, da falta de terras para as novas gerações, da ausência de leis agrárias, bem como da destruição do artesanato rural devido à Revolução Industrial. No século XIX, a vinda de migrantes estrangeiros para o Brasil foi um movimento que se inseriu, em grande parte, no processo de expansão do capitalismo mundial.

Na Europa, situações adversas como excedente populacional, guerras e as crises econômicas que geravam desigualdade social, desemprego e insatisfação, vieram a despertar, em muitas pessoas, o interesse de partir para outra realidade, que poderia estar disponível em países como o Brasil.

Desta forma, o final do século XIX e início do século XX foram marcados por grandes correntes migratórias para o Brasil, alavancadas principalmente pela necessidade de substituição de mão de obra nas lavouras após a abolição da escravidão, em 1888. Estas correntes se caracterizaram por imigrantes provindos de países como Itália e Alemanha, em maior número. (GARDOLINSKI, 1956).

Segundo Gardolinski (1956), posterior a este período de febre migratória alemã e italiana, em decorrência da proibição do governo alemão de imigrantes virem ao Brasil, o governo brasileiro viu-se obrigado a procurar novas fontes de imigrantes em regiões mais pobres da Europa. Foi nessa esteira que começou a imigração polonesa para o país.

A vinda de europeus era um objetivo do governo brasileiro de atrair imigrantes visando à ocupação de regiões estratégicas do território brasileiro, a fim de aumentar a produção de alimentos para abastecimento do mercado interno e para exportação. (STAWINSKI, 1976).

A migração polonesa para o Brasil constitui um dos movimentos migratórios de maior expressão no território Brasileiro, juntamente com imigrantes provenientes de países como Alemanha, Itália, Espanha e Portugal. Estima-se que atualmente existam 1,5 milhão de brasileiros que são descendentes de poloneses, sendo o Brasil a segunda maior colônia de poloneses do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos.

Essa imigração foi resultado do agravamento dos problemas sociais na Polônia, onde em termos geopolíticos, o Estado polonês não existia, pois estava dominado pelos impérios Austro-Húngaro, da Prússia e da Rússia. Nas regiões rurais, assistiu-se à queda do preço do cereal e uma propaganda sobre o Brasil, vendendo o país como uma terra de oportunidades. Assim, fugindo da pobreza, muitos poloneses optaram por migrar para o solo brasileiro.

Para Gritti (2004), três foram os fatores de atração decisivos para que o camponês polonês se dirigisse ao Brasil: a possibilidade de se tornar proprietário, a ampla liberdade e o democratismo.

Decol (2000) considera que, além dos motivos econômicos, a emigração polonesa precisa ser compreendida também como motivada por questões de ordem política, referindo-se a essas ocupações. Assim também entende Gritti (2004), que defende que os poloneses que tomaram o rumo do Brasil eram movidos pelos mesmos fatores de expulsão e de atração de alemães e italianos, com a particularidade de serem marcados pela “submissão” aos Impérios ocupantes.

Segundo Gardolinski (1956), os imigrantes que se instalaram a partir de 1890 nas áreas já ocupadas por italianos, na região serrana do Rio Grande do Sul, não teriam se adaptado ao relevo acidentado, particularmente porque estavam habituados às planícies, propícias ao cultivo do trigo, e também porque, acostumados a viver em aldeias densamente povoadas, não se acostumaram à dispersão das terras montanhosas. Esses migrantes, a quem o autor refere-se como “retirantes”, compõem parte do conjunto de poloneses que se instalou na região de Erechim a partir da primeira década do século XX, bem como na região onde hoje está o município de Áurea, a partir de 1911.

Poplavski (2017, p. 47) destaca que

A maioria das famílias polonesas estabelecidas no Rio Grande do Sul, ao final do século XIX e início do século XX, tinham um modo de vida simples, austero, cercado de rígidos princípios de conduta moral, dedicando-se basicamente ao trabalho alicerçado pela fé, sendo a grande maioria de crença católica. Os pais dirigiam sua principal atenção à educação dos filhos, fazendo com que eles se adaptassem, o mais rápido possível, a nova fase de suas vidas. A economia sistemática objetivava a aquisição de casa própria e seu estabelecimento definitivo na cidade ou na roça.

Gardolinski (1956) divide a imigração polonesa para o Brasil em três diferentes momentos históricos, sendo eles: a 1º fase (1869-1871), onde registrou-se a entrada das primeiras 32 famílias polonesas no Brasil, que foram encaminhadas para a atual cidade de Brusque, em Santa Catarina, então povoada, sobretudo, por imigrantes alemães. A 2º fase (1873-1891), onde cresce a imigração polonesa para o Estado do Paraná. E a 3º fase (1895-1910), sendo esta a mais significativa em termos quantitativos e históricos, onde, com a proclamação da República (1889), iniciou-se uma imigração maciça de poloneses para o Brasil. O período ficou conhecido como "febre brasileira", onde se estima que, entre os anos de 1890 e 1914, cerca de 96.000 poloneses desembarcaram no Brasil, sendo que o Paraná

recebeu aproximadamente 35.000 indivíduos, e o Rio Grande do Sul, 32.000 imigrantes.

Os dados acima citados também são apresentados por Gritti (2004), onde a autora desmembra este processo migratório entre os estados que compõem a região sul do Brasil em quatro distintos períodos: 1872 a 1889, período anterior a Proclamação da República, onde se inicia o processo maciço imigratório para o estado do Paraná; 1890 a 1894, período Pós-proclamação da República; 1900 a 1914, período onde esta imigração se consolida e passa a contar com a chegada de um maior número de imigrantes para os estados do sul do Brasil, período este onde se começa a colonização da região de Erechim e a destinação das primeiras famílias para a localidade onde hoje existe o município de Áurea; por fim, apresenta um panorama do número de imigrantes poloneses que residiam nos estados conformadores da região sul do Brasil, no ano de 1920.

Na tabela 1, entre os anos de 1872 e 1889, período este anterior a Proclamação da República, observa-se majoritariamente o fluxo imigratório de poloneses para o estado do Paraná, formando, assim, as primeiras colônias polonesas. Neste período, observa-se que os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina pouco são contemplados com a destinação dos imigrantes.

Tabela 1 - Primeiro período de imigração polonesa – 1872 a 1889

Estado	Número de imigrantes
Paraná	7.030
Santa Catarina	750
Rio Grande do Sul	300
Outros Estados	500
TOTAL	8.580

Fonte: (GRITTI, 2004, p. 43).

Na tabela 2, que compreende o período entre os anos de 1890 a 1894, se intensifica a imigração polonesa para o estado do Rio Grande do Sul, onde estes imigrantes são destinados principalmente para a região da serra gaúcha, sendo esta já ocupada por imigrantes provindos de outros países europeus, tais como

Alemanha e Itália, bem como para a região metropolitana de Porto Alegre e outros municípios da região noroeste do Rio Grande do Sul.

Como a chegada destes imigrantes se dava na chamada Ilha das Flores, localizada na cidade do Rio de Janeiro (então capital da República dos Estados Unidos do Brasil), muitos imigrantes tinham a opção de permanecerem na região sudeste para que pudessem trabalhar nos serviços gerais que necessitavam de mão de obra, bem como alguns optavam por serem destinados ao estado de São Paulo, em franco crescimento e expansão das lavouras de café (KOKUSZKA, 2006). Neste período, observa-se que 13.500 imigrantes se destinaram aos cafezais paulistas.

Observa-se também que quase metade dos imigrantes poloneses que migraram para o Brasil se destinaram as colônias localizadas no Estado do Rio Grande do Sul. Neste período, as primeiras colônias de imigrantes poloneses começam a se consolidar, juntamente com as colônias de outros imigrantes provenientes de países europeus, tais como alemães e italianos, dentro outros em menor número.

Tabela 2 - Segundo período de imigração polonesa – 1890 a 1894

Estado	Número de imigrantes
Paraná	15.000
Santa Catarina	5.000
Rio Grande do Sul	25.000
São Paulo	13.500
Outros Estados	5.000
TOTAL	63.500

Fonte: (GRITTI, 2004, p. 43).

Na tabela 3, observa-se que cerca da metade dos imigrantes poloneses que se destinaram ao sul do Brasil foram locados em colônias no estado do Paraná. Neste período, as colônias polonesas no estado paranaense já estavam em franca aceleração de consolidação, ao contrário do que se dava no Rio Grande do Sul, onde as colônias localizadas no norte do estado ainda estavam em fase de distribuição de terras para os colonos.

Neste período, as primeiras famílias polonesas são destinadas à região de Erechim, por volta de 1911. Segundo Kokuszka (2006), entre 1911 e 1913, aproximadamente 5.000 imigrantes poloneses residiam no município de Erechim.

Neste período, as primeiras estações férreas começam a tomar forma no Alto-Uruguai. As estações de Capo-Erê, Erebangó, Getúlio Vargas e Sertão são inauguradas em 03/05/1910; Erechim e Gaurama são inauguradas em 25/08/1910; Marcelino Ramos e Viadutos são inauguradas em 25/10/1910. Todas elas, a partir do início de seu funcionamento, despejaram grandes levas de imigrantes em toda região Alto-Uruguai que era colonizada oficialmente pelo governo do Rio Grande do Sul. (WOLFF, 2014).

Tabela 3 - Terceiro período de imigração polonesa – 1900 a 1914

Estado	Número de imigrantes
Paraná	14.730
Santa Catarina	1.000
Rio Grande do Sul	7.000
Outros Estados	2.000
TOTAL	24.730

Fonte: (GRITTI, 2004, p. 44).

A tabela 4 apresenta o número de imigrantes poloneses que residiam nos três estados da região sul do Brasil, no ano de 1920. Os números apresentados por Gritti (2004) levam em consideração os dados oficiais apresentados pelo governo brasileiro com base no número de famílias e dos lotes distribuídos. Observa-se que o estado do Paraná concentra um maior número de imigrantes poloneses, principalmente de judeus de origem polonesa. (WEGRZYNEK; WIECZOREK, 2008).

Neste período, as colônias de imigrantes poloneses já estavam consolidadas, principalmente a colônia de Erechim, sendo esta apontada como a colônia mais desenvolvida do Rio Grande do Sul.

Até 1920, o povoamento de Áurea se dá de forma conturbada, principalmente no que tange à adaptação dos imigrantes ao solo, a declividade do mesmo e ao clima da região onde estão se inserindo. Apesar da ajuda governamental da

distribuição de sacos de sementes de milho e feijão na chegada destes imigrantes à região, a produção demora para crescer e gerar a renda necessária para que as famílias pudessem adquirir bens de consumo próprios.

Segundo Wenczenovicz (2002), a localidade de Erechim foi a colônia que mais recebeu imigrantes poloneses entre o período de 1886 e 1913, dentre todas as colônias do estado do Rio Grande do Sul.

Tabela 4 - Poloneses no Brasil em 1920

Localização	Total
Paraná	42.046
Santa Catarina	6.750
Rio Grande do Sul	32.300
São Paulo e outros estados	21.500
TOTAL	102.596

Fonte: (GRITTI, 2004, p. 77).

A tabela 5 apresenta um panorama da distribuição de imigrantes poloneses nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, entre os anos de 1920 e 1960. Observa-se que, a partir dos anos 40, o Estado do Rio Grande do Sul começa a receber um menor número de imigrantes provindos da Polônia, tendo em vista que, em sua maioria, as colônias polonesas no estado gaúcho já estavam consolidadas e com praticamente todos seus lotes de terra já distribuídos.

Tabela 5 - Estrangeiros procedentes da Polônia e lugar ocupado entre os grupos de estrangeiros do estado

	Rio Grande do Sul	Santa Catarina	Paraná
1920	10.451 (4º)	3.065 (3º)	16.444 (1º)
1940	11.172 (4º)	2.862 (3º)	14.392 (1º)
1950	9.345 (4º)	2.123 (3º)	12.978 (2º)
1960	4.995 (4º)	673 (4º)	7.080 (5º)

Fonte: (WEBER; WENCZENOVICZ, 2012).

No ano de 1924, aproximadamente 3.600 imigrantes poloneses encontravam-se em Áurea, de um total de 61.200 imigrantes europeus distribuídos entre as 33 colônias formadas no Estado. As colônias que mais receberam imigrantes neste período foram as colônias de Guarani, Castilho e Rio dos Índios, Porto Alegre e São Feliciano. (GRITTI, 2004).

4.1 AS ÁREAS DE ORIGEM – BREVE DESCRIÇÃO³

A República da Polônia localiza-se no centro da Europa, situada no hemisfério norte oriental, limitando-se territorialmente ao sul com a República Tcheca e a Eslováquia; a leste, com a Ucrânia e Belarus; a oeste, com a Alemanha; e a norte, com o enclave russo Kaliningrado e o mar Báltico. Territorialmente, o país ocupa uma área de 323.250 km², onde vive uma população de aproximadamente 38,5 milhões de habitantes (estimativa de 2016).

Segundo Lacerda (1944), a topografia da Polônia é suave e não apresenta grandes altitudes, com uma média de 173 metros sob o nível do mar, onde mais de 75% da superfície não se eleva acima de 200 metros. À exceção da área sul, que é montanhosa, o território polonês é plano, fazendo parte da Grande Planície Europeia que, no período das glaciações, esteve coberta de gelos e que, ao recuarem, deixaram como testemunho inúmeros lagos e solos muito pobres e pedregosos, influenciando diretamente na agricultura.

Por estar localizada na zona temperada da Terra, a Polônia possui um clima temperado continental, com invernos rigorosos, verões curtos e chuvosos e elevadas amplitudes térmicas anuais. O regime dos rios é condicionado pelo clima, aumentando muito o caudal no período do degelo ou quando as chuvas de verão provocam cheias. No litoral, os invernos tornam-se mais amenos e, no interior, mais rigorosos. (LACERDA, 1944).

Povoada por povos germânicos nos séculos V e VI, o Estado polonês (*Polska*⁴) surgiu no sistema político da Europa Central, no ano de 966, delineando a via europeia e cristã do desenvolvimento do estado e da sociedade polonesa.

³Algumas informações foram retiradas da série “Cartão da Polônia”, organizado pela agência Polska Informacyjna, editado na Polônia em 1991, a qual não exige referência da fonte.

⁴O nome Polska se origina da tribo de polanos, que significa “pessoas que cultivam a terra”. Disso derivam as denominações: *polak*, *polski*, *Polska* (cidadão polonês). A palavra “Polônia” deriva, etimologicamente, de ‘pole’, que significa “terreno próprio para a lavoura”. (WENCZENOVICZ, 2002).

A base econômica do Estado Polonês era a agricultura e a criação de animais, sendo que o trabalho da terra era realizado com o uso rudimentar do arado de madeira, com ponta de ferro. Segundo Wenczenovicz (2002), os principais produtos eram a batata e o trigo.

Segundo Lalik (1983), era comum o uso de queimada para se obter novas extensões de terras, a fim de se aumentar a produção e eliminar os bosques que circundavam as lavouras. Após a queimada, recorria-se a secagem, com a retirada dos troncos de árvores, e iniciava-se o cultivo, até a escassez do solo. As extensões territoriais eram distintas, não ultrapassando 50 hectares por propriedade.

De acordo com Wenczenovicz (2002), a maior parte do trabalho na economia doméstica recaía sobre as mulheres, que preparavam os alimentos, cuidavam do gado caseiro, moíam os grãos com pilão de pedra, costurando também vestimentas e se ocupando na educação dos filhos. Aos homens cabia o trabalho no campo, na coleta do mel e frutos silvestres, além de atividades como a pesca, a caça e passar as primeiras lições do trabalho e manejo da terra aos filhos.

Segundo Lacerda (1944), neste período quase todo o território da Polônia encontrava-se dividido em pequenas propriedades, onde 84,3% das propriedades rurais não ultrapassavam 50 hectares, e apenas 15,7% eram maiores de 50 hectares, demonstrando assim a quase predominância da agricultura familiar, em que grande parte da produção era destinada à subsistência, e uma pequena parte (no caso o que sobrava da produção), era destinada ao comércio e ao abastecimento do mercado nas áreas urbanas que se formavam.

O século XI indica o surgimento das primeiras cidades e do desenvolvimento do comércio, desencadeando as diferenças sociais e resultando, segundo Wenczenovicz (2002), na adoção do regime monárquico.

Do século XII ao início do século XIV, a nação polonesa conviveu com sucessivas trocas de monarcas, batalhas, invasões e lutas políticas e territoriais, bem como conflitos religiosos com a adoção do cristianismo.

Nos séculos XV e XVI, o Estado Polonês apresentava um cenário econômico positivo, com a grande exportação de cereais, madeira e serragem para diversos países da Europa, aumentando a renda da nobreza que comandava o país, bem como das cidades, já consolidadas.

Após se desenvolver economicamente e politicamente nos séculos XV, XVI e XVII, a Polônia conheceu a decadência em fins do século XVII, com o domínio da

Prússia e da Rússia no território polonês, enfraquecendo o poder central, bem como retalhando o território nas divisões da guerra.

Nos séculos XVII e XVIII, a nobreza se apresentava como uma classe privilegiada e dominante na Polônia, opondo-se ao fortalecimento do poder central, que buscava forças para se reerguer diante dos domínios que se mantinham. Neste período, a situação do pequeno proprietário rural e trabalhador braçal se agravava, onde os mesmos não possuíam nenhum direito político, e pagavam altos impostos, mantendo-se alheios às situações apresentadas fora de sua gleba e arredores. Neste período, a mobilidade do camponês polonês era rara, pois viviam em uma comunidade semifeudal, possuindo poucas oportunidades de pertencer às instituições sociais, se restringindo apenas às paróquias em suas comunas.

Sob o domínio Russo, já nos anos 1800, o Estado Polonês, fragmentado politicamente e economicamente, ainda se viu culturalmente abalado, com diversas restrições que iam desde a proibição de restaurantes com comidas típicas, até a proibição de seus habitantes de falarem o idioma polonês. Neste período, tal como se sucedeu nos domínios da Áustria (em parte do território) e da Prússia, a Rússia adotou uma política de repressão aos movimentos emancipatórios de desnacionalização e de exploração da mão de obra que se davam.

Observa-se também neste período um grande crescimento demográfico, provocando o parcelamento das propriedades camponesas (já fragmentadas historicamente), ocasionando no agravamento do empobrecimento dos pequenos proprietários rurais e ocasionando uma acelerada migração sazonal, especialmente para a Alemanha.

No final do século XIX, a Rússia passa a permitir alguns investimentos do Reino nas áreas industriais, alavancando a produção industrial. Porém, mesmo como o crescimento econômico em expansão, a falta de mão de obra, bem como a falta de perspectivas dos trabalhadores poloneses, sufocados por séculos pela repressão e pobreza, fez com que a migração se intensificasse para outros países e continentes.

Segundo Wenczenovicz (2002, p. 40),

Registraram-se neste período, além das migrações sazonais, os primeiros movimentos migratórios para além-oceano, em direção a França, Estados Unidos e América latina. Emigraram artesãos, camponeses e operários, em sua maioria os menos qualificados, os excluídos dos novos processos

industriais e agrícolas. Embora a Rússia proibisse a saída de emigrantes do Império, em 1875 já se presenciava a chegada de poloneses ao Brasil.

Dominado e explorado pela nobreza polonesa e, posteriormente, pelos invasores, o camponês polonês abandonou seu país de origem principalmente por motivos econômicos. Tendo a terra como principal fonte de renda e de sobrevivência, viu-se obrigado a procurá-la em outro lugar, após perdê-la para os latifundiários ou para o Estado, na forma de pagamento de imposto.

Desta forma, grande parte dos camponeses poloneses emigrantes almejavam serem proprietários de suas terras, garantindo também um pedaço de terra para seus filhos, condição essa que na Polônia era impossível.

4.2 TERRITORIALIZAÇÃO E DESTERRITORIZAÇÃO DOS IMIGRANTES POLONESES EM ÁUREA/RS

Ao longo da história, a formação de colônias foi a forma como a espécie humana se espalhou pelo mundo. Esta colonização, muitas vezes realizada de forma violenta, a partir da tomada de um território de um povo que ali já habitava, pode ser observada em diferentes períodos históricos.

Existem diferentes formas de colonização, podendo ser tanto colônias de povoamento - conforme é o caso das colônias inglesas na América do Norte -, como de exploração de um território - exemplificada pela colonização portuguesa no Brasil.

Os movimentos migratórios poloneses para o Brasil se caracterizam por imigrantes que buscavam melhores condições de vida, influenciados principalmente pela crise econômica vivida na Polônia no final do século XIX e início do século XX.

De acordo com Wenczenowicz (2002), a colonização desta área, assim como as demais áreas do sul do Brasil que receberam levas de imigrantes europeus, tinha como principais objetivos: substituir a mão de obra escrava pela mão de obra livre, num momento em que ocorria a expansão do capitalismo mundial; povoar e colonizar áreas ainda virgens com núcleos de pequenos proprietários agrícolas; bem como estruturar a cadeia produtiva, visando contribuir para o abastecimento interno do país e amenizar o desnível da balança comercial causado pelo grande peso das importações de alimentos.

De acordo com Roche (1969), durante o século XIX, a colonização baseava-se em introduzir a partir de novos habitantes uma mão de obra que até então era

inexistente neste lugar e empregá-los nos estabelecimentos agrícolas. Porém, para o autor, durante o século XX ocorre uma mudança nesta visão, dando um novo enfoque para o termo “colonização”.

No contexto da geografia, os estudos migratórios são fundamentais para compreender as diversas interações do homem com o meio onde ele está inserido, bem como suas mudanças e diferentes reflexos dos deslocamentos populacionais, em escalas micro e macro de territorialização.

É preciso destacar que as áreas onde os imigrantes aportaram não eram terras inabitadas, sendo as mesmas já ocupadas por tribos indígenas nativas da região. Neste contexto, a colonização costuma referir-se ao assentamento de um povo (os colonos) numa zona desabitada como uma ocupação de um território supostamente virgem, ignorando a ocupação anterior por parte de outros grupos (nativos ou indígenas).

Assim como em outras áreas do Brasil, em diferentes períodos e processos de ocupação e colonização, a organização do espaço se alterou de maneira a atender as demandas que se colocavam, tanto econômicas, na busca do desenvolvimento e no aumento da produção, quanto na esfera social, alavancando diferentes segmentos da população do Brasil, bem como das levas estrangeiras que aqui desembarcavam em busca de melhores condições de vida.

Como destaca Corrêa (1997), a organização do espaço brasileiro é algo muito complexo, pois se trata da regionalização de um país de grandes dimensões que tem passado por um complexo e desigual processo de diferenciação que envolve o espaço e o tempo, evidenciando, desta forma, a existência de ritmos distintos de transformação.

Consta que a data da chegada do primeiro grupo de imigrantes poloneses à região onde hoje se localiza o município de Áurea foi no final do ano de 1911, sendo estes provindos das regiões de Kalisz, Plock, Varsóvia e arredores, então dominadas pela Rússia. (WENCZENOVICZ, 2002).

Estes imigrantes desembarcaram em Porto Alegre, onde receberam um documento com a numeração do terreno onde seriam posteriormente destinados, bem como a caracterização do lote onde iriam residir. A seguir, viajaram de trem até Erechim, Gaurama (distrito) ou Getúlio Vargas, e prosseguiram a pé mata adentro.

A região a que se destinavam estes imigrantes, segundo Wenczenovicz (2002), era acidentada e de difícil acesso, pois os melhores terrenos já haviam sido

ocupados pelos imigrantes italianos, alemães e judeus. Ao chegar em Rio Marcelino, cada colono se destinava ao seu lote, onde improvisava a primeira habitação. De maneira geral, estes imigrantes eram camponeses pobres que não tinham bens materiais na sua terra de origem, e, além disso, possuíam pouca ou nenhuma escolaridade.

Cada família de imigrantes que se instalou na região recebeu aproximadamente 20 hectares de terra, em terrenos de difícil acesso, devido à declividade acentuada, bem como às matas fechadas e solos pedregosos, sendo alguns deles de difícil manuseio para as atividades agrícolas. (WENCZENOVICZ, 2002).

Mesmo com estas dificuldades, o imigrante passou a vivenciar uma nova realidade, pois, no Brasil, tinha a segurança de ser proprietário, sentia a liberdade de imprimir outros valores a sua vida e igualmente para a comunidade, passando a constituir sociedades de cunho recreativos e culturais. Esse fato representou extraordinária evolução na mentalidade camponesa. No Brasil, distante dos ambientes senhoriais, dono de suas decisões, não sendo diminuído como simples empregado miserável, maltrapilho, faminto, esse imigrante passou a contar com maior autonomia. (KOKUSZKA, 2001).

Este contexto é afirmado por Gritti (2004, p. 32), que menciona que

Para o camponês polonês, as representações construídas giram em torno da propriedade da terra. Agora, ele é o seu senhor. A conquista da terra, o tornar-se patrão de si mesmo, são destacados pelos imigrantes nas suas correspondências. Evidentemente são conquistas fundamentais. Na nova terra, o sonho concretizou-se. A falta de terras e a miséria que experimentaram na Polônia não mais existiam aqui. Desta forma, tornar-se patrão significa estar livre da violência da exploração e opressão que os camponeses sofriam no território polonês.

Pobre em instrumentos agrícolas, e habituado a solos já cultivados, o imigrante polonês utilizou-se de processos anteriormente aplicados pelos nativos da região. Escolhia uma área onde a vegetação não fosse tão densa, fazia a derrubada das árvores e dos arbustos para, a seguir, atear-lhes fogo. Muitas áreas já estavam semi-prontas para o plantio, visto que os nativos já tinham realizado o trabalho de derrubada e queima da floresta. (WENCZENOVICZ, 2002).

Neste período, a agricultura em Áurea se concentrava basicamente nos produtos que eram base da economia agrícola da Polônia, sendo eles a cebola, a

batata e afins para consumo próprio; além de centeio, trigo, cevada, mourisco, batata e ervilha para comercialização. Por demorarem para produzir, as árvores frutíferas foram plantadas com o passar do tempo.

Este contexto produtivo é destacado por Wenczenovicz (2010, p. 34), onde

Nas propriedades predominavam a policultura e a criação de animais que, geralmente, abrangia aves, porcos, alguns bovinos e cavalos para puxar o arado e a carroça. A ideia central do colono era a autossuficiência. O excedente produzido era destinado à venda para o comércio local ou regional. Alguns produtos colhidos eram destinados ao beneficiamento dentro de um incipiente processo de industrialização herdado na Polônia. Destacam-se os alambiques, que aproveitavam a cana-de-açúcar; os moinhos, que produziam a farinha de milho e trigo e as frutas que se transformavam em polpas e geleias.

Como renda extra, aproveitando-se que os lotes adquiridos possuíam matas fechadas e diversas árvores, os colonos passaram a vender a madeira como uma fonte de renda financeira. Grande parte desta madeira era destinada à construção de casas, bem como era escoada e vendida no comércio de Erechim e arredores.

Os imigrantes que tinham profissões (artesãos, sapateiros, alfaiates, etc.) na terra natal abriam pequenos negócios no município de Áurea. O comércio em geral, onde se ofereciam pequenos serviços gerais, se concentrava em polos vizinhos, como Erechim e Gaurama, sendo o último ainda distrito. (WENCZENOVICZ, 2002).

Nesta etapa de inserção e adaptação nas novas terras, o pinhão⁵ teve papel fundamental na alimentação destes imigrantes até que as primeiras colheitas se concretizassem. Assinala-se assim os primeiros costumes culturais adquiridos no Brasil, caracterizados principalmente na alimentação.

Neste processo de colonização e territorialização, observa-se que ocorre a influência ou transferência cultural entre os que se inserem neste espaço, e vice-versa. Estes valores culturais imprimem características de diferentes esferas e costumes, sendo eles em forma de dialeto, danças, culinária, dentre outros, passados de geração para geração.

A área onde hoje se localiza o município de Áurea foi historicamente uma área de habitação de indígenas. Os indígenas que antes da chegada dos europeus viviam nas terras onde hoje é o Rio Grande do Sul, pertenciam a três grupos: os guaranis, os jês e os pampianos. Os guaranis ocupavam o litoral e a parte central

⁵Semente da árvore *Araucaria angustifolia*, nativa do sul do Brasil.

até a fronteira com a Argentina, os jês habitavam a parte norte junto a Santa Catarina, e os pampianos se localizavam ao sul, junto do Uruguai. (PILETTI, 2004).

Segundo Kokuszka (2007, p. 241), no final do século XIX e início do século XX,

Existiam cerca de seiscentos silvícolas⁶ no município⁷. Viviam eles da agricultura e da confecção de balaios, cestos, peneiras, chapéus, feitos de taquara, de arcos e flechas que atingem com substâncias vegetais, cujos objetos vendem e trocam por mercadorias. [...] A prova da existência dos silvícolas na região fundamenta-se em frequentes achados, como pontas de flechas, cerâmica, utensílios e outros objetos, sendo este um testemunho da vivo da existência dessas nações em nosso solo. [...] No transcorrer dos milênios, perpetuaram-se diferentes tribos silvícolas, pois ali existiam condições geográficas favoráveis para a sobrevivência na intocada floresta rica em flora e fauna. Eles faziam parte deste cenário natural, integrados a essa sábia dinâmica. Retiravam da natureza seus alimentos, seus remédios e suas ferramentas.

Os kaingang são o grupo indígena do grupo Jê que ocupavam o planalto norte-riograndense, ocupando uma vasta área onde hoje se localiza a microrregião de Erechim. Os kaingang viviam da caça, da pesca e da coleta de frutos e raízes. Também praticavam a agricultura, cujo principal produto era o milho e a erva-mate. (PILETTI, 2004).

Segundo Piletti (2004), neste período que compreende o final do século XIX e início do século XX, os kaingang tinham quatro fontes importantes de alimento, sendo eles: a coleta, a caça, a pesca e a agricultura. A coleta se caracterizava por alimentos como o pinhão, palmitos e abóboras. A caça era realizada através de armadilhas, bem como com arcos e flechas. A carne consumida era de antas, porcos do mato, veados, tatus e vários pássaros. A pesca era realizada no período do verão, em rios nas proximidades das aldeias. No que tange à agricultura, tradicionalmente (antes da chegada dos europeus), os indígenas kaingang plantavam milhos (algumas variedades), feijão, erva-mate (nativa) e morangas.

Os kaingang foram sendo expulsos de suas terras pelos colonizadores que iam chegando ao território de Erechim. Muitas de suas aldeias foram simplesmente massacradas. No fim do século XIX e início do século XX, os poucos jê que sobraram e que haviam sido os senhores do planalto, foram obrigados a viver em pequenas reservas. (PILETTI, 2004).

⁶Nativos da tribo indígena kaingang (Jê).

⁷Referente ao município de Erechim, antes dos desmembramentos.

Alguns dos costumes mais tradicionais dos gaúchos⁸, adquiridos pelos imigrantes europeus, como o churrasco e o chimarrão, são heranças indígenas. Por isso, o conhecimento sobre esses primeiros habitantes dos pampas se torna fundamental para a compreensão da história do Rio Grande do Sul, bem como a compreensão de alguns hábitos e costumes que atualmente fazem parte da cultura dos descendentes de imigrantes poloneses que residem atualmente no município de Áurea.

Especificamente no Brasil, até meados do século XX, o setor ervateiro, assim como o setor primário exportador, passou por um processo de industrialização. A modernização da estrutura de produção fez com que as culturas tradicionais, tais como as geridas por pequenos produtores, fossem gradativamente deslocadas para uma posição secundária no mercado, com diminuição relativa nas quantidades físicas e no valor da produção.

Neste período, a partir da metade do século XIX e início do século XX, começa a se difundir o antigo costume indígena da produção e do consumo de erva-mate, através do impulso da produção voltada para o comércio. Em suma, a exploração econômica da erva-mate intensificou-se com a chegada de colonos imigrantes ao sul do Brasil, na região de Misiones, na Argentina, e no Paraguai, locais onde é observada a incidência de ervais nativos. (VASCONCELLOS, 2012).

A cultura do plantio da cevada e do centeio, bases da economia agrícola polonesa, foi substituída por culturas que visavam o abastecimento do mercado interno gaúcho e do Brasil. Como forma de se inserir neste mercado, o plantio ervateiro surgiu como alternativa, bem como outros produtos que garantiam a subsistência das famílias que estavam se inserindo neste processo, como cebola, batata e outros.

O plantio de culturas como milho, soja e trigo foram inseridos posteriormente, dado que as propriedades rurais destes imigrantes eram reduzidas no que tange a sua área. Porém, atualmente, o município é um dos maiores produtores de soja da microrregião de Erechim, com aproximadamente 7.000 hectares de área plantada, segundo dados do IBGE (2017).

⁸Por gaúcho, entende-se, dentre outros aspectos, o indivíduo do Estado do Rio Grande do Sul. Alguns autores atribuem a origem do termo na expressão de *el gauchos*, que era utilizada para designar os camponeses uruguaios e argentinos que não tinham um território delimitado, pois viviam na região litorânea dos três países. (MACHADO, 2015).

No que tange às áreas destinadas aos kaingang, atualmente, as mesmas encontram-se relativamente demarcadas, em alguns pontos isolados da microrregião de Erechim. Elas, no entanto, são muito pequenas para o número de indígenas que nelas habitam. Isso ocorre porque as reservas originais, criadas no século XIX, perderam grande parte de sua área devido à invasão de pecuaristas e extrativistas, bem como o assentamento de colonos poloneses, judeus, italianos e alemães, dentre outros. Ainda hoje, os índios disputam suas terras com os agricultores que foram assentados nas primeiras décadas do século XX. Além disso, o constante uso do solo acabou o degradando, tornando a produção insuficiente para alimentar as famílias. Tal situação faz com que a maioria dos kaingang viva na miséria. (PILETTI, 2004).

5 POLONIDADE – IDENTIDADE CULTURAL E CÓDIGOS CULTURAIS

A polonidade se caracteriza como a culturalização polonesa passada pelos imigrantes para seus descendentes, mantendo, assim, viva a cultura polonesa, sendo esta repassada de geração para geração. (KOKUSZKA, 2001).

Para Krupinski (1990), a sociedade polonesa que se instala em Áurea é a marca de uma cultura que desejava, além das fronteiras da milenar Polônia, cultivar as suas tradições e suas raízes na terra acolhida.

Alguns autores e fontes bibliográficas consultadas apresentam o termo “polono-brasileiros” como definição desta mescla cultural entre os imigrantes poloneses e os descendentes dos mesmos que hoje residem em diferentes regiões do Rio Grande do Sul. Esta polono-brasilidade consiste em atributos herdados dos imigrantes – sendo estes representados por diversos códigos culturais – que hoje se mesclam com a cultura brasileira, sobretudo, com a cultura gaúcha. Para Poplavski (2017, p. 48), “dentro do ‘cadinho’ étnico e cultural diversificado, característica do Brasil e do Rio Grande do Sul de hoje, temos o elemento polonês como um dos mais expressivos e influentes”.

Desta forma, a cultura polonesa é parte das diversas etnias colonizadoras do Rio Grande do Sul, constituindo uma das tantas figuras que conformam a figura do gaúcho, seu tradicionalismo perpetuado, bem como sua mutabilidade sob as influências externas provindas do país europeu.

Baumann (2013) apresenta o termo “polonesidade” para explicitar a cristalização cultural dos imigrantes poloneses, sendo esta caracterizada como a materialização das características polonesas que são levadas com seus emigrantes para os demais países do mundo. Para o autor, este traço cultural é de crucial simbolismo para que se mantenha viva a tradição originária do povo, tantas vezes oprimidos pelas partilhas pelos países vizinhos.

A opressão sofrida pelo povo polonês durante as ocupações que ocorreram ao longo da história e que destituíram o governo polonês de sua função de gerência do estado, bem como a proibição dos costumes poloneses em sua pátria ocupada, ainda hoje podem ser sentidas, tanto no atual país, quanto nas tradições cultuadas por estes grupos étnicos que vivem em outras nações pelo mundo.

Assim, no caso dos imigrantes poloneses, dominados pela Áustria, Prússia e Rússia, no final do século XIX, essa opressão pode ser traduzida pela proibição do

uso da língua nacional em locais públicos, tais como igrejas, colégios, universidades; pelo uso obrigatório da língua estrangeira nas escolas normais e secundárias, bem como nos setores administrativos e na magistratura; pela substituição dos nomes poloneses nas cidades, ruas e praças. Todas essas medidas extremas visavam à destruição da cultura e dos valores nacionais poloneses. (GRITTI, 2004).

Para Gritti (2004, p. 161), ao falarmos de Polônia,

Falamos de opressão, uma vez que a história da Polônia e dos poloneses até o final da Primeira Guerra Mundial é uma história de dominação. Essa dominação não se dá apenas no plano econômico e político, mas também e conseqüentemente no cultural. Assim, os imigrantes poloneses que chegam ao Brasil chegam com o estigma da dominação. A dominação de um povo sobre o outro precisa ser legitimada através de uma ideologia que perpetue a dominação e que estabeleça a suposta inferioridade do colonizado.

Desta forma, a sua identidade e a sua consciência nacional se perpetuaram porque estes migrantes preservaram o sentimento de distinção religiosa, linguística, cultural e étnica, o qual não se perdeu com o passar do tempo, pelo contrário, se tornou cada vez mais fortalecido, dado pela sua sobrevivência, muitas vezes, em territórios que não eram soberanos enquanto Estado polonês.

A dificuldade de representação das identidades étnicas dos imigrantes que emigraram para o Brasil e demais países se dá pela documentação que os mesmos apresentavam em sua chegada à Ilha das Flores, no Rio de Janeiro, bem como em Porto dos Casais, no Rio Grande do Sul, no momento em que eram destinados as colônias. Muitos destes imigrantes apresentavam documentações e passaportes de origens russa, ucranianas, austríaca, dentre outras.

Estes fatos causam certa divergência quanto aos dados que se apresentam sobre a imigração polonesa e número de residentes no Brasil, uma vez que não há dados concretos sobre estes números. Porém, apresentam-se dados com fontes históricas baseadas nos portos de embarque dos imigrantes, que se davam em grande parte na costa da Alemanha, nos portos de Bremen e Hamburgo.

Na figura 03, temos um exemplo desta documentação que descaracteriza a identidade polonesa. Em uma tradução literal em português, lê-se no documento: “Livro passaporte, emitido em Potoksky na gestão do departamento do distrito de Yanovsky da província de Lyubimsky. Ano de 1911, nos 20 dias do mês de julho”.

Figura 3 - Passaporte em russo de um imigrante polonês



Fonte: Arquivo do Museu Municipal João Modtkowski, Áurea/RS.

Este documento, emitido em 1911, é de um imigrante polonês que residiu em Áurea no começo do século XX, trabalhando como agricultor, e está em exposição no arquivo geral do Museu Municipal João Modtkowski, em Áurea/RS. Nota-se que, mesmo que o portador do documento fosse polonês, o documento está escrito e registrado em russo, uma vez que, na época, o país era ocupado pelos russos.

Nos registros do número de imigrantes poloneses no Brasil, são considerados imigrantes provindos da Polônia os que vieram para o Brasil falando a língua

polonesa, trazendo nas veias sangue polonês e declarando-se poloneses, apesar de seus passaportes terem sido emitidos por autoridades russas, prussianas, alemãs ou austríacas.

Na nova terra, os imigrantes, além de sofrerem com as péssimas condições de vida, ainda enfrentaram o que Gritti (2004) classifica como “preconceito polaco”. Vindos de uma área até então pobre da Europa, com pouca ou quase nenhuma aptidão ao trabalho agrícola, este imigrante enfrentou esta nova realidade que o tornou recluso socialmente, no que tange as relações dele com os demais grupos étnicos.

Os conflitos entre os colonos poloneses e as Comissões de Terras, representadas por seus funcionários, foram frequentes e constantes. Os conflitos ocorriam pelas mais diversas razões. Aconteciam em decorrência de problemas de hospedagem, alimentação, transporte e instalação dos imigrantes nos núcleos coloniais.

Gritti (2004, p. 7) argumenta que

No que tange aos poloneses, o preconceito começava pelo país de origem, a Polônia. Assim, esses imigrantes vinham marcados por um estigma que os colocava numa certa marginalidade sócio-cultural, já que vinham de um país considerado marginal. É sabido que em relação aos alemães também havia preconceitos, mas nesse caso o preconceito ia, justamente, em direção oposta: apontava-se para o perigo que poderiam representar imigrantes vindos de um país forte, organizado, de projeção e ambições políticas internacionais.

Esta emergência do preconceito aos poloneses trouxe diversos reflexos culturais. Alguns destes imigrantes perderam o hábito da língua da pátria de onde vieram. Dominado e explorado pela nobreza polonesa e depois pelas nações ocupantes, o camponês polonês passou a ser um indivíduo socialmente arredo. Ele não confiava nas pessoas de condição social superior à sua. Por outro lado, os camponeses também eram rotulados de tolos, estúpidos, massas ignorantes, etc pelas classes sociais a eles superiores.

Para os responsáveis pela imigração e colonização europeia no Rio Grande do Sul, e, conseqüentemente, pelo assentamento dos imigrantes poloneses, os países de origem dos imigrantes apresentam-se em graus diferentes de prosperidade. A Polônia, na hierarquia das nações, encontra-se num patamar inferior aos demais países imigratórios europeus. Seguindo esta lógica, os

poloneses também são inferiores aos italianos, alemães e demais grupos. (GRITTI, 2004).

Para Gritti (2004, p. 62)

A ideia de que o polonês é dado a bebidas alcoólicas e possui especial predileção pelas atividades agrícolas e a de que suas filhas têm inclinação para as atividades domésticas são exemplos de ideias feitas, elaboradas em determinadas circunstâncias histórico-sociais da comunidade, que adquirem caráter de permanência.

A conjuntura imigratória polonesa mostra claramente a situação de exploração e marginalização dos poloneses. Eles estão econômica, política e culturalmente dominados. As estruturas feudais que duraram oito séculos na Polônia, aliadas ao domínio imperialista das nações que a partilharam, levaram a grande maioria dos poloneses à miséria. São estes os poloneses que chegam ao Brasil, de forma mais intensa a partir de 1890, que serão instalados como agricultores no sul do Brasil e que contribuirão para o povoamento das terras e para a produção de alimentos.

Os imigrantes que chegavam ao Brasil provinham de uma sociedade que havia passado há pouco tempo pela desagregação da economia agrária baseada na servidão, e que estava em pleno processo, ao menos, sua parte rural, de adaptação à economia de concorrência capitalista.

Segundo Gritti (2004), na opinião dos administradores dos núcleos coloniais, os imigrantes poloneses são transgressores da ordem e da estabilidade. É necessário que tal comportamento seja punido, a fim de que não sirva de exemplo para os demais imigrantes. A única linguagem entendida pelos imigrantes poloneses, segundo os administradores, é a da força, uma vez que estavam acostumados a ela.

Desta forma, observa-se que são dois os fatores responsáveis pela formação do preconceito: a mentalidade arcaica do imigrante, extremamente ligada a terra, e às suas dificuldades iniciais em se adaptar a uma sociedade que está se transformando, isto é, está em um processo inicial de industrialização e urbanização. Além de serem numericamente inferiores aos imigrantes italianos e alemães que aqui se estabeleceram, os poloneses e descendentes também se encontram em desvantagem na produção de obras e estudos sobre a sua presença no Brasil e no Rio Grande do Sul. (GRITTI, 2004).

Ao longo das décadas, os costumes dos imigrantes poloneses em Áurea sofreram ressignificações culturais, fundindo-se em diversas esferas com a cultura brasileira, principalmente, a gaúcha. Os hábitos alimentares, religiosos, estéticos, sofreram mutações provocadas pela inserção na nova cultura. Mesmo nas mais favoráveis condições, e/ou circunstâncias, a assimilação nunca se completa nos imigrantes de primeira geração; completa-se, porém, muitas vezes, nos de segunda e quase sempre nos de terceira.

Para Baumann (2013, pág. 65),

Quanto mais os imigrantes perceberem que as tradições de sua cultura original são respeitadas no país de adoção, e quanto menos eles forem desprezados, rejeitados, amedrontados, discriminados e mantidos a distância em decorrência de sua identidade diferente, mais atraentes lhes vão parecer as opções culturais do novo país, e menos será o apego à distinção.

Observa-se que, com o passar das gerações, as culturas originais dos imigrantes poloneses e as culturas onde se inserem, neste caso, a brasileira, entrelaçam-se de forma natural, através da vivência cotidiana. Porém, mesmo que passem diversas gerações que não tenham contato direto com a cultura polonesa, observa-se que os traços ainda se mantêm, em maior intensidade em alguns códigos, e em menor intensidade nos que sofreram um processo mais intenso de “culturalização brasileira”.

A identidade polonesa mantém-se ao longo das décadas através de diversos costumes passados de geração a geração. Segundo Delong (2014), esta identidade é construída ao longo da vida, nas diferentes interações e práticas sociais. Não é um fenômeno individual, mas social. Desta forma, identidade é o que nos faz ser reconhecidos como um certo tipo de pessoa, num determinado contexto, sendo que esse tipo de pessoa pode mudar de um momento para outro, dependendo do interlocutor, do contexto, da época e, por essa razão, pode ser ambígua, instável, contraditória, estando em constante fluxo.

Na nova pátria, na tão desejada e sonhada terra prometida, no caso, na terra gaúcha, o estigma acompanha os poloneses. É aqui, no momento da instalação dos mesmos, que surgem, se expressam e se registram as ideias negativas em relação aos imigrantes poloneses. Este estigma aqui entendido como a situação do indivíduo que está inabilitado para aceitação social plena, far-se-á presente não apenas nos imigrantes, mas atingirá os descendentes, muito tempo depois.

Para Buchmann (1995, p. 29), quando nos referimos à identidade polonesa, devemos levar em consideração a relação entre dominador e dominado, onde

O processo de dominação de um povo sobre o outro, além da dominação concreta – a política e a econômica – destrói também seu mundo simbólico, cujos significados são imprescindíveis para que os indivíduos, ao identificarem-se positivamente com o real, adquiram, sem grandes dificuldades, a consciência histórica do seu próprio futuro, ações que o construam e comportamentos que o solidifiquem. Destruir seu mundo simbólico significa quase sempre a destruição de suas instituições e/ou esmagamento da língua materna, o que quer dizer, o aniquilamento profundo da sua identidade cultural.

Para Siuda-Ambroziak (2005, p. 37), foi o isolamento em que viveram os poloneses no sul do Brasil que propiciou a preservação da língua e costumes trazidos da Europa, além disso, o autor salienta que

Os poloneses haviam emigrado de um país onde a sua identidade era ameaçada pelas potências ocupantes. Isso pode explicar o fato de que nas primeiras décadas da sua permanência no Brasil os imigrantes fizeram todos os esforços para preservar a sua identidade. Mantinham rigorosamente a língua e os costumes. O isolacionismo e a resistência aos casamentos mistos tornava-se um dever patriótico. Temos que mencionar também que os estereótipos existentes no Brasil que descreviam os poloneses como “burros”, “pobres”, e que foram provocados pelo nível de escolaridade e capitalização dos colonos, levaram muitos deles a um complexo de inferioridade. Isso também propiciou com que os poloneses formassem núcleos fechados, não se integrando e identificando com a Nova Pátria.

Este isolamento referido pelo autor é evidenciado pela preservação da língua e a resistência em aderir o idioma da nova pátria, especialmente nos ritos religiosos, nos casamentos realizados baseando-se na identidade étnica, na gastronomia e em outras esferas sociais.

Para Brum Neto (2004), a identidade se origina a partir dos códigos que identificam a cultura e, portanto, são determinantes. Estabelecidos os códigos e constituída a identidade, esta inicia um processo de consolidação ao longo do tempo, onde seus códigos serão permanentemente testados. Assim, estes podem permanecer, caso sejam “sólidos” o suficiente, ou desaparecer, caso se mostrem frágeis, podendo estes também ser substituídos por outros, ou simplesmente ir agregando novos elementos em sua reformulação.

Assim, entende-se que a identidade cultural está intimamente ligada a uma construção múltipla, marcada por meio de símbolos que se perpetuam ao longo das

gerações, ao mesmo tempo em que estes se mesclam com novas culturas e identidades, mantendo-se, transformando-se, ou sendo substituídos.

Desta forma, os principais códigos culturais que materializam a cultura polonesa em suas diferentes esferas serão discutidos posteriormente, com a finalidade de caracterizar cada um deles e suas diversas influências no cotidiano dos descendentes de imigrantes poloneses que residem em Áurea, formando, assim, uma identidade que ainda se mantém de forma cristalizada e ligada ao país europeu.

5.1 RELIGIÃO

A religiosidade se apresenta como uma das principais difusoras da cultura polonesa e um significativo código cultural, representada pelos ritos religiosos exercidos sob a língua polonesa nas celebrações. Provindos de uma nação onde a religião católica é predominante, os imigrantes procuraram manter os ritos católicos nas novas terras, a partir da construção da igreja e da devoção a Nossa Senhora de *Częstochowska*⁹, bem como a valorização da mesma nas gerações posteriores.

Rodycz (2002, p. 88) defende que

É, sobretudo na religião, que muitas famílias conservam ainda hoje os velhos costumes de sua pátria, tais como a maneira de celebração de suas principais festas, que se constituíram nas maiores contribuições dos imigrantes poloneses para a cultura do sul do Brasil.

Segundo Piccin (2009), a religião é considerada um dos principais códigos da geografia cultural, sendo esta composta por aspectos materiais e imateriais. Os aspectos materiais são expressos na paisagem, por meio das construções de capitéis, igrejas e grutas, por exemplo. Já os imateriais constituem a fé e a devoção, sendo transmitidos no decorrer das gerações.

Tal afirmação também é destacada por Capalbo (1999), onde afirma que as atividades religiosas imprimem no espaço transformações que estão fortemente relacionadas com os aspectos culturais da comunidade, de tal modo que o espaço pode ser percebido de acordo com os valores simbólicos ali representados.

⁹Nossa Senhora do Monte Claro, padroeira da Polônia.

Desta forma, a religiosidade é uma identidade fortemente ligada à presença e à preservação de símbolos e ritos, não apenas em formas materiais, mas como uma forma simbólica de união entre a comunidade em questão.

Conforme Oliveira (2007, p. 7),

A religião tal qual entendemos hoje continua tendo um papel de extrema importância na sociedade atual, e como sistema simbólico possui uma específica estruturação e algumas regras que modelam a ordem social, as condutas culturais e passa a ser um fio condutor através do qual as pessoas olham para si mesmas, para o outro e para o mundo.

Para Krupinski (1990), as principais tradições polonesas se mantêm, em grande parte, ligadas diretamente a vida religiosa na comunidade, sendo a mesma composta não apenas pelos ritos religiosos – como missas e celebrações -, mas também através de inter-relações, dadas no convívio que é construído pelos membros.

A importância da materialização religiosa para os imigrantes poloneses é afirmada por Poplavski (2017, p. 16),

Logo que os imigrantes poloneses chegaram, a comunidade construía a igreja, imitando modelos existentes na Polônia, sob orientação dos padres poloneses. A liderança do padre se impunha perante a comunidade. O padre conduzia suas orientações catequéticas em língua polonesa e em português. Era um guia espiritual, líder político, médico e conselheiro. Estimulava o associativismo, as cooperativas, como condição de sobrevivência em um ambiente hostil com mato ainda a se derrubar, língua por aprender, doenças novas a se enfrentar, moradias a construir, roças por fazer e estradas por abrir.

Tal afirmação também é destacada por Wenczenowicz (2010, p. 40), que complementa que

A iniciativa e desejo de construção de um espaço religioso em cada núcleo colonial, esteve ligado intrinsecamente à esmagadora preponderância do elemento aldeão, na composição mental católica do imigrante polonês. A paróquia era, na Polônia do século XIX, o único espaço onde o polonês tinha a oportunidade de participar, ocupando cargos na administração local das atividades paroquiais ou fazendo arte de associações religiosas.

A materialização desta fé e devoção dos poloneses se concretizaram já na chegada destes imigrantes onde hoje se localiza o município de Áurea. Os mesmos empenharam-se, antes mesmo de se inserirem nas tarefas de abertura das estradas, a construírem uma igreja para que pudessem, desta forma, exercer a

religião que traziam desde a terra natal. Assim, em 1912, os imigrantes ali instalados iniciaram a construção da primeira capela¹⁰. (SIUDA-AMBROZIAK, 2005).

Desta forma, como base no empenho da comunidade na concretização da construção da capela, a mesma foi inaugurada no ano de 1915, poucos anos depois da chegada dos primeiros imigrantes poloneses a localidade, sendo esta batizada como Paróquia de Nossa Senhora do Monte Claro. (KRUPINSKI, 1990)

No que tange a realização dos cultos religiosos, Poplavski (2017, p. 49) apresenta que

A missa das 10, aos domingos, era rezada em polonês. Todos os poloneses – de todas as regiões -, sentiam satisfação em se encontrarem na praça da matriz, na saída da missa. Parecia uma festa. Os poloneses, todos conversavam em voz alta na sua língua de origem. Era a oportunidade de matar a saudade, de saber dos seus parentes e de tratar de negócios; enquanto os jovens aproveitavam para namorar, e as crianças, para brincarem no parquinho da praça.

Poplavski (2017) ainda argumenta que quase não havia automóveis naquela época, então a maioria dos fiéis ia à missa de caminhão. Este contexto de extrema necessidade, trazido pelo povo polonês de seu país de origem, é apresentado como um dos principais motivadores para o fortalecimento da crença religiosa, uma vez que estes imigrantes se encontravam em situação de desamparo político e social, tanto do governo da Polônia, quanto do governo brasileiro.

Após este período, visando um maior espaço concreto em que pudesse acomodar a numerosa população que crescia cada vez mais, construiu-se, no lote de número 37, adquirido pela comunidade juntamente com a comissão de terras, a segunda igreja matriz, sendo concluída e inaugurada no ano de 1927, época em que a colônia já estava em franco processo de desenvolvimento. (KRUPINSKI, 1990).

Posteriormente, no ano de 1960, inaugura-se a nova igreja, sendo esta a sede da paróquia até os dias atuais. Na entrada da mesma, construiu-se uma estátua em homenagem ao Papa polonês João Paulo II¹¹, sendo este motivo de orgulho e de devoção pela comunidade católica polonesa.

¹⁰Todos os membros da comunidade contribuíram com o dinheiro para que se quitasse o pagamento do lote onde a capela seria construída, apesar do fato de que a situação material deles ainda era difícil. Cada família teve também de participar da construção da capela e fornecer o material necessário. (SIUDA-AMBROZIAK, 2005).

¹¹*Karol Józef Wojtyła*, nascido na Polônia, que foi papa entre anos de 1978 até 2005, data de seu falecimento.

A Igreja em questão demonstra traços da arquitetura polonesa, sendo seu projeto e execução dirigidos por arquitetos provindos do país europeu, visando à construção de uma matriz que demonstrasse as características dos modelos religiosos da Polônia. Características estas que serão discutidas posteriormente, no subcapítulo destinado aos traços e heranças da arquitetura polonesa no município.

Figura 4 - Paróquia de Nossa Senhora do Monte Claro, Áurea/RS.



Fonte: Trabalho de campo – 2017.

No altar da igreja está representada a religiosidade sob a influência polonesa, sendo esta manifestada pela imagem de *Karol Józef Wojtyła* – Papa João Paulo II, e a imagem de *Matka Boska Częstochowska*, considerada a “padroeira da Polônia”.

Figura 5 - Altar da igreja de Nossa Senhora do Monte Claro - *Matka Boska Częstochowska*



Fonte: Trabalho de campo – 2017.

O significado do brasão paroquiano traz também características da terra natal, com as cores vermelha e branca da bandeira polonesa, bem como o verde e o amarelo da nova terra que estava sendo desbravada, significando a renovação das esperanças por uma vida mais justa para estes imigrantes. A união entre as bandeiras das duas pátrias significava, segundo um dos entrevistados, “um sentimento de apreço pela pátria. A nossa língua, a nossa história, os nossos costumes nacionais são as mais preciosas pérolas da herança dos nossos ancestrais que, com reverência, temos o dever de transmitir para as futuras gerações”. A águia branca, símbolo do brasão da bandeira polonesa, também faz parte do simbolismo dos imigrantes poloneses no Brasil.

Os ritos das principais festividades religiosas também carregam traços da Polônia. O natal e a páscoa, comemorados também com devoção pelos adeptos da religião católica brasileiros, são celebrados com fortes traços de como eram realizados no país europeu.

A páscoa sempre foi sinônimo de arte para os poloneses. Quando a quaresma¹² ainda mal começou, já é possível encontrar, nas mais remotas aldeias eslavas, famílias inteiras absortas na pintura de ovos cozidos de galinha, ganso ou marreco. A decoração de um único ovo pode custar vários dias de esforço até que se alcance a perfeição. Linhas geométricas hipnotizantes, flores ricamente trabalhadas ou motivos religiosos são desenhados e pintados à mão numa profusão de cores e detalhes. As elaboradas obras artísticas resultantes desse trabalho têm como destino acabarem despedaçadas e ingeridas no domingo de páscoa. Alguns destes ovos são dados como presentes, como sinal de amizade - conforme o grau de amizade, deve-se dar mais ou menos ovos¹³.

Estas características de celebração eram realizadas pelos imigrantes que colonizaram o município de Áurea. Devido ao seu isolamento, conforme apresentado anteriormente, o imigrante polonês manteve por muito tempo sua cultura praticamente intacta no que tange aos ritos religiosos.

Porém, com o passar dos anos, com a assimilação cultural das gerações posteriores aos imigrantes que aqui chegaram, os ritos religiosos poloneses se misturaram com as culturas brasileiras de celebração. Atualmente, a raiz capitalista do consumismo se encontra deveras presente nas celebrações que anteriormente significavam a devoção e a fé cristã na união e celebração em família que eram praticadas pelos imigrantes.

Este fato se deve, principalmente, a realidade na Polônia no final do século XIX e início do século XX, quando as primeiras famílias emigraram do país europeu. Elas saíram de um país que se encontrava em ruínas pela dominação econômica, social e cultural que era exercida pelos países vizinhos. Sem condições financeiras para adquirir bens materiais, as famílias polonesas se refugiavam no convívio familiar, uma vez que não era possível presentear as pessoas próximas com bens adquiridos externamente.

Das características que ainda se mantêm da época da colonização, a celebração no domingo de Páscoa é uma das mais latentes que ainda são realizadas por algumas famílias católicas. Neste dia, os alimentos são levados até a igreja, onde são benzidos, para serem consumidos pelas famílias, rito este ainda

¹²Período do ano litúrgico que antecede a Páscoa cristã.

¹³Informações obtidas no arquivo histórico do Museu Municipal João Modtkowski - Áurea/RS.

repetido pelas famílias de descendência ucraniana e polonesa em todas as partes do Rio Grande do Sul.

Desde os tempos mais remotos na Polônia, comemora-se a “vigília de natal”, com a partilha do pão (*opłatek*¹⁴), sendo esta tradição passada de geração para geração, e levada com os imigrantes poloneses para as novas terras distantes de sua pátria. Esta confraternização tem um significado importantíssimo para os poloneses, pois simboliza a união entre as famílias. A partilha do *opłatek* também pode ser realizada em sociedade ou em certos grupos, onde o clima de compreensão ajuda na união comunitária. Para os poloneses, os votos natalinos contidos no *opłatek* são a expressão da “fraternidade sincera, humana e familiar”. O dia da vigília é um dia de jejum e de autopenitência para os adeptos religiosos. Findadas as celebrações, todos se dirigem à igreja para participarem da Missa do Galo (*pasterka*).

A religiosidade foi também um importante difusor da língua polonesa entre os imigrantes que passaram a residir em Áurea. Segundo Wenczenowicz (2010, p. 40),

O clero também influenciou a educação nas colônias. O impulso inicial em criar escolas coloniais incentivadas por religiosos católicos demonstrou a permanência da submissão do grupo, pois saindo de um ambiente senhorial, onde sua iniciativa era diminuída, criou seus primeiros espaços de socialização, com características do Velho Mundo.

Inicialmente, o letramento litúrgico se dava unicamente na língua polonesa, com padres imigrantes que eram enviados às paróquias das colônias polonesas no Brasil, para que se mantivessem os costumes e hábitos linguísticos da pátria polonesa. Posteriormente, com a finalidade de inserção cultural com as demais comunidades, se passou a ensinar também na língua portuguesa, sendo o ensino realizado na parte da manhã na língua polonesa e, pela parte da tarde, na língua portuguesa¹⁵. Desta forma, o letramento litúrgico se insere como um dos principais

¹⁴Pão ázimo em formato retangular composto por farinha e água, comumente estampado com imagens religiosas.

¹⁵Impossibilitados de pagarem por suas terras, muitos imigrantes trabalharam para o governo, na abertura de estradas. Preocupados com o estudo dos filhos, os colonizadores passaram a dar aulas particulares nas casas das famílias, ministrada por alguém que sabia ler e escrever, e que pelo menos dominasse algumas funções mínimas de estudos matemáticos. Anos mais tarde, em 1920, foi fundada uma sociedade cultural e recreativa em Áurea, ainda quando esta ainda pertencia ao município de Erechim. Na década de 30, por motivo de força maior, esta sociedade é extinta. No final da década em questão, conclui-se a construção da Escola Paroquial, tendo esta a coordenação das Irmãs da Sagrada Família.

símbolos de unificação da comunidade, isto é, como um fator de identidade destes imigrantes com sua pátria.

Assim, constata-se que um dos fatores mais importantes da evolução da vida religiosa dos descendentes de imigrantes é a preservação do conhecimento da língua étnica. (SIUDA-AMBROZIAK, 2005).

O casamento também é um importante rito dos devotos poloneses da igreja católica romana, sendo este representado não só pelo culto na língua polonesa, mas pelos traços de suas celebrações, que chegam a durar três dias.

No início da colonização, estas celebrações eram mantidas de forma tal como eram realizadas na Polônia. Porém, com o passar dos anos, estes ritos foram se mesclando com ritos praticados no Brasil, sendo que, atualmente, são realizados em grande parte na língua portuguesa. Nas residências de muitos descendentes de imigrantes poloneses em Áurea, a oração das famílias é realizada diariamente na língua polonesa.

No período inicial de formação das colônias, o preconceito de outras etnias aqui instaladas com os imigrantes poloneses era tão latente, que as relações pessoais não se davam entre poloneses e pessoas que era imigrantes e descendentes de outros países. Este isolamento é demonstrado pelo número de casamentos que foram realizados nas primeiras décadas da colonização, observando-se a origem étnica dos noivos.

Segundo Gritti (2004), os registros de casamentos revelam que os imigrantes poloneses e seus descendentes, especialmente nas décadas iniciais de sua instalação, casavam-se predominantemente entre si. De acordo com a autora, na Paróquia de Áurea, de 1918 a 1959, foram realizados 2.575 casamentos de poloneses e descendentes entre si, na proporção de 65,98%. As demais etnias são responsáveis por 32,74% dos casamentos registrados, sendo observados em menor número casamentos de poloneses com pessoas de outras etnias.

A figura do padre ainda é tida como uma liderança espiritual e social. Porém, padres vindos da Polônia no começo da colonização não se adaptaram à nova cultura em que se inseriram, devido ao fato de que os poloneses estavam habituados a doutrinação ortodoxa da igreja na Polônia, e estavam se inserindo em uma cultura que sofria processos amplos de mudança e entrelaçamento com a cultura brasileira. (SIUDA-AMBROZIAK, 2005).

Mudanças e evoluções semelhantes estão acontecendo pouco a pouco com os costumes e tradições ligados à vida religiosa da comunidade. Dentro de uma comunidade antes predominantemente católica, agora aparecem também outras religiões. Esta inserção de novas culturas religiosas tem trazido diversos agravantes aos costumes e tradições polonesas, dados pela desvalorização dos ritos poloneses, sendo estes substituídos por culturas religiosas globais que vêm padronizando os ritos e celebrações.

Desta forma, observa-se que alguns ritos e celebrações religiosas ainda se mantêm vivos no cotidiano dos habitantes e descendentes dos imigrantes poloneses em Áurea. Porém, como os passar dos anos, as novas gerações vêm sofrendo com o processo de mudança, onde os velhos ritos praticados pelos seus ancestrais são pouco a pouco substituídos pela cultura brasileira e global.

Pode-se constatar que existe uma ampla relação entre imigração polonesa e religiosidade. Esta se expressa através da construção e conservação dos símbolos religiosos, juntamente com a vivência diária dos habitantes deste recorte espacial, pois a religião é considerada um código consolidado, transmitido às gerações futuras.

5.2 LÍNGUA E DIALETO

A língua e o dialeto se constituem também como um código cultural de suma importância, que se mantém vivo nas escolas, que além da língua portuguesa, também ensinam a língua polonesa para as séries iniciais nas escolas municipais. Kokuszka (2001) se refere a este fato como uma interação entre a escola e a sociedade onde a mesma está inserida, sendo que o ensino deve ser voltado necessidades sociais e à integração entre ambas, de forma conjunta.

É preciso destacar que existem diferenças entre língua, idioma e dialeto. Língua, tal como o português e o polonês, é um sistema formado por regras e valores presentes na mente dos falantes de uma comunidade linguística e aprendido graças aos inúmeros atos de fala com os quais eles têm contato. Por sua vez, idioma é um termo referente à língua usado para identificar uma nação em relação às demais e está relacionado à existência de um estado político. Já dialeto é a designação para variedades linguísticas, que podem ser regionais ou sociais.

Ainda hoje há quem alimente o mito em torno de um ideal de língua única falada no Brasil. Ingentemente, muitos acreditam que se fala somente o português em todo o território nacional. Mas, de acordo com Rodrigues (1966), além da língua portuguesa, considerada a língua oficial, há também outras, por exemplo, as línguas indígenas, as línguas africanas, as línguas das minorias europeias e asiáticas que, em muitos lugares do território brasileiro, ainda se preservam. É preciso salientar que o conceito de língua minoritária não está associado ao número de falantes de uma língua, mas ao prestígio que a língua desfruta no meio social, sendo, pois, entendido em seu sentido político.

A história da língua polonesa divide-se em quatro períodos: antigo (séculos XII - XVI), médio (século XVI - 1780), novo (1780 - 1945) e moderno. A língua polonesa pertence ao ramo lequítico do grupo ocidental eslavo, junto com dialetos extintos dos eslavos que viveram a leste dos rios Odra e Elba. A história registrada da língua polaca começa com uma bula papal redigida em latim em 1136, pelo arcebispo de Gniezno, na qual aparecem 410 nomes polacos pessoais e geográficos. O registro polaco mais antigo é datado do século XIII, sendo do século XIV o texto contínuo mais antigo. No século XVI, já se pode falar de língua literária mais ou menos normativa, que contém algumas características do dialeto da região da Grande Polónia, no oeste do país, e da região da Pequena Polónia, no sudeste, sendo que a história da época da Polónia está conectada com os centros político-religiosos dessas regiões (Gniezno, Poznań e Cracóvia). As influências diferenciadas de ambos dialetos acabaram com a seleção da variante mais próxima ao Checo, que teve forte influência no começo do século X, quando o cristianismo entrou na Polónia via Boémia. A língua literária polaca teve desenvolvimento contínuo desde então, ainda que o latim tenha sido um sério adversário, concorrendo com o polaco até o final do século XVIII. (IARUCHINSKI, 2003).

O português é uma língua romântica, isto é, faz parte de um grupo de línguas originadas do latim e que inclui as seguintes línguas: português, espanhol, italiano, francês, romeno, rético, galego, provençal, catalão, sardo, e os mais diversos dialetos. Já o polonês faz parte de um grupo de línguas eslavas, que incluem, por exemplo, línguas como russo, esloveno, eslovaco, ucraniano, dentre outras ramificações. (KAWKA, 2005).

No início da colonização polonesa, os imigrantes que passaram a colonizar o município de Áurea dialogavam entre si apenas no idioma polonês, uma vez que

eles não sabiam se comunicar oralmente, nem ler em língua portuguesa. Essa interação e aprendizagem, que no começo se dava em forma de dialeto e na comunicação mista entre as duas linguagens, se deu de forma lenta, dado que as duas linguagens tem profundas diferenças em suas raízes e formas de escrita. Essa prática era incentivada principalmente pelos padres poloneses que vinham da Polônia com o intuito de manter vivas as tradições religiosas do país europeu.

Poplavski (2017, p. 48) destaca que

O idioma falado dentro de casa e nas sociedades era o polonês, mantendo assim um elo perene com a pátria de origem. Hoje muitos descendentes ainda dominam o idioma polonês com fluência. O português era a língua paralela aprendida na escola e usada no cotidiano, fora do ambiente familiar.

Porém, ao longo das décadas de inserção destes imigrantes em solo brasileiro, a desvalorização e o preconceito com a língua polonesa se tornou cada vez mais latente.

Claval (2014, p. 415), observa que

Os imigrantes vinham antigamente para melhor ganhar a vida e para se inserir nas sociedades cujas instituições lhes pareciam mais justas, liberais e democráticas. A maior parte tinha vontade de se fundir a sociedade de acolhida, mesmo que manifestassem um vínculo legítimo à sua religião e a alguns de seus costumes. O uso da língua de origem mantinha-se para assegurar a comunicação com as gerações que permaneciam no país, mas ela era progressivamente superada pela língua do país de hospedagem.

Para alguns descendentes de poloneses residentes em Áurea, a língua polonesa é sua língua materna¹⁶, passada de geração para geração, seja no âmbito familiar, seja no âmbito escolar e demais convívios sociais.

Segundo Wenczenovicz (2010, p. 40),

Até a nacionalização, ocorrida em 1938, praticamente todas essas escolas dos núcleos poloneses eram bilíngues e em turno integral. O horário e calendário escolar eram determinados pelos pais, considerando a época das colheitas. Esta atitude visualizava o gasto com a manutenção da criança na escola e a ausência de um elemento na cadeia produtiva.

No período das ocupações e partilhas da Polônia pelos países vizinhos, foi-lhes roubada a língua e com isto massacrada a sua religiosidade, por uma marca de

¹⁶Entendida como a primeira língua que uma criança aprende e que geralmente corresponde ao grupo étnico-linguístico com o qual o indivíduo se identifica culturalmente.

dominação externa que lhes impunha uma língua nacional e uma nação que não era a sua. (KRUPINSKI, 1990).

No Brasil, atualmente, o dialeto polonês vem se perpetuando ao longo das gerações, sendo ele ainda praticado pelos habitantes com idades mais avançadas e com um maior grau de proximidade com os imigrantes que vieram da Polônia.

Para Claval (2014, p. 349),

A difusão das formas elitistas de cultura tem um preço: muitas tradições locais desaparecem pelo fato de não serem transmitidas pelos novos modos de aculturação. A regressão dos dialetos empobrece certos domínios de cultura e torna mais difícil o uso da língua – de seus pais – por aqueles que são levados a não mais utilizá-la e, algumas vezes, a não mais compreendê-la.

Observa-se também que grande parte das pessoas que ainda se comunicam no dialeto polonês, na cidade de Áurea, não dominam a parte escrita da língua do país europeu. Este fato se explica, além da baixa escolaridade de alguns habitantes, pelo fato de que a leitura e a escrita não são praticadas, dado que, na maioria dos casos, a pessoa aprendeu a língua polonesa no âmbito familiar, a partir de diálogos de temas variados do dia a dia.

Outro fato que merece destaque é que, na chegada dos imigrantes no início do século XX, algumas palavras ainda não existiam, tais como designações simples que são atreladas principalmente à tecnologia. Pelo isolamento cultural e linguístico e, muitas vezes, pelo pouco ou nenhum contato com o idioma polonês que se pratica na Polônia, palavras como “computador”, “caixa eletrônico”, por exemplo, não são pronunciadas em polonês, tendo em vista que o dialeto que se aprende ao longo das gerações ainda é o dialeto dos imigrantes que colonizaram o município, não sendo este um canal de comunicação a partir da língua polonesa moderna. Desta forma, esse isolamento linguístico está diretamente atrelado ao fato de que os descendentes dos imigrantes poloneses, pelo distanciamento da Europa, não acompanharam a evolução do idioma do seu país de origem ao longo das décadas, agregando termos e variações específicas e únicas regionais.

A perpetuação da língua polonesa passa também pela escolaridade. Segundo Wenczenowicz (2010), inicialmente os poloneses viam a escola como uma forma de instruir seus filhos, já que esta não era encarada como necessária à ascensão

social. A atividade econômica não demandava nenhum tipo de preparo que a escola pudesse fornecer.

Wenczenovicz (2010, p. 39) complementa que

As primeiras aulas ocorreram em espaço coletivo, como capelas ou na residência do professor, segundo acerto com as partes envolvidas – pais e professores. As aulas eram ministradas, inicialmente, em polonês. A tarefa era executada por algum colono que sabia escrever, ler e dominava as quatro operações aritméticas. O pagamento poderia ser em gêneros coloniais. O professor geralmente assumia cargos na comunidade, como direção de coral, sessões religiosas, organizador de atividades festivas e até conselheiro.

Livros eram peças raras. Existiam algumas preciosidades que acompanharam os imigrantes desde a Polônia até o Brasil. Estes livros possuíam uma função mais decorativa do que instrutiva. O nível escolar dependia das aptidões e preparo técnico do professor, bem como do desenvolvimento e envolvimento dos alunos.

A língua polonesa, ainda que praticada nas famílias e em âmbitos religiosos, tende a gradativamente ter menos alcance ao longo das gerações. Hoje, este dialeto se restringe a poucos canais de comunicação, estagnando-se nos âmbitos internos das comunidades, especialmente enquanto dialeto familiar.

A língua e o dialeto polonês são um importante código cultural, que se imprime no âmbito imaterial, e que reverbera em toda a cultura polonesa entre os descendentes de imigrantes. Como símbolo de um povo, a língua é o primeiro traço de territorialização, e é o que ainda mantém, no maior grau, a proximidade destes habitantes com o país europeu, apesar dos hiatos geográficos.

O ensino da língua polonesa nas escolas, a ligação desta com a religiosidade, e a comunicação entre as famílias, a partir do dialeto polonês, são traços que se mantêm no município de Áurea. Desta forma, incentivar o uso da língua em âmbitos externos aos citados, bem como resgatar a leitura na língua polonesa são práticas que evitam que este importante canal histórico sofra uma ruptura cultural, fazendo com que se perca este importante patrimônio deixado pelos imigrantes.

5.3 DANÇAS

Outro importante código cultural é o folclore polonês, representado através de danças e canções populares. Como materialização da cultura, existe no município o grupo folclórico Auresóvia - denominação referente à junção entre o nome da cidade

e de Varsóvia, capital da Polônia, que interpreta danças e diferentes representações artísticas polonesas.

Fundado em 1988, a partir do incentivo e da organização de religiosos ligados à Paróquia de Nossa Senhora do Monte Claro, onde se organizavam os primeiros ensaios com danças tipicamente polonesas a partir da participação de crianças e jovens da comunidade.

Figura 6 - Grupo Auresóvia – Apresentação de dança polonesa



Fonte: Arquivo do Museu Municipal João Modtkowski, Áurea/RS.

As danças polonesas têm características regionais, onde observam-se vestimentas, ritmos e traços que são marcantes para que se compreenda suas origens e representações.

As danças apresentadas pelo grupo são divididas entre os elencos a partir de sua faixa etária, compostas por elencos mirins, juvenis, adultos e másters, sendo que as principais são: *Duo kujawiak oberkiem*, praticada pelos adultos; *Szamotuly*, sendo esta uma dança típica da região de *Wielkopolska*; *Kaszuby*, apresentada pelo elenco juvenil, sendo esta caracterizada como uma dança regional do norte da Polônia; *Rzeszów*, praticada pelo elenco adulto; *Lowiczanka*, dança regional do

centro do país (*Lowicz*), sendo esta uma referência para todos os poloneses; *Suita Lubelska* (juvenil); *Krakowiak* (adultos), sendo esta uma dança nacional, das mais antigas e representativas para os poloneses, onde os passos imitam os movimentos de galope dos cavalos; *Kokotek* (mirim), dança da região da Silésia; e *Trojak* (elenco máster), sendo uma dança popular da Silésia, dançada por um homem e duas mulheres.

Estes estilos correspondem a danças populares polonesas, intrinsecamente ligados às condições sociais, dado que as classes mais populares as praticam com mais frequência. Desta forma, observa-se que a perpetuação destas danças pelos descendentes de imigrantes poloneses em Áurea reflete a condição social de seus antepassados, uma vez que estes imigrantes são provindos de classes sociais inferiores economicamente, perpetuando, assim, características que são reflexos destes condicionamentos.

Observa-se que a dança não se difunde em âmbitos internos, tal como a religiosidade e o dialeto polonês, mas que se imprime como um importante código cultural, que, tendo uma ligação direta com os imigrantes, se tornou um símbolo e um importante elo com o país europeu, que se perpetua a partir da arte e da música.

5.4 MÚSICA

A música é considerada a principal arte em todo o mundo. Desde tribos indígenas, até em grandes cidades, a música tem uma forte presença artística na cultura. Portanto, a música pode ser considerada uma das artes que mais influenciam na sociedade.

A música tem um papel muito importante nos processos de constituição das identidades culturais, uma vez que se caracteriza como uma representação de culturas em suas diferentes esferas. A condição econômica se apresenta como uma das principais características da construção dos diversos estilos musicais, uma vez que eles se sustentam pela condição social em que suas raízes estão inseridas.

A música polonesa, assim como as danças, representa a Polônia em suas diferentes camadas culturais e sociais. Este fenômeno, que se observa em diversas outras culturas ao redor do mundo, é caracterizado pela sua regionalidade, uma vez que não há um estilo musical hegemônico no país, por conta da sua diversidade e, conseqüentemente, das características distintas de cada região.

A música polonesa tradicional, englobando suas diversidades regionais, tem pouca representatividade fora da Polônia e entre os descendentes. Fato dado principalmente pela globalização, acarretando a homogeneização da cultura representada pelas manifestações através da música.

As gerações posteriores aos imigrantes, principalmente as gerações mais recentes, se inserem em uma cultura musical global que se reflete na música proferida em idiomas de maior aceitabilidade e prestígio social, tais como na língua portuguesa, na língua inglesa (globalizada e sendo esta o símbolo de uma comunicação uniforme no mundo), e na língua espanhola (dos países que fazem fronteira com o Brasil).

A Polônia tem uma cena musical viva e diversificada, possuindo os seus próprios gêneros, como a poesia cantada e o disco polo. Inclui desde compositores famosos como Chopin ou Penderecki, até música folclórica tradicional ou regionalizada.

A música tradicional polonesa se perpetua em Áurea na forma das festividades típicas, por meio da ligação que carrega com o país de origem dos imigrantes, bem como pela sua representatividade nas danças folclóricas, através de apresentações culturais que se caracterizam pelas vestimentas típicas e estilos regionais marcantes, conforme apresentado anteriormente.

As músicas típicas polonesas apresentadas nas festividades se mesclam ao tradicionalismo musical do Rio Grande do Sul, incorporando desde a musicalidade até as danças, representadas pela incorporação de novos instrumentos, tais como a gaita e o pandeiro.

O *dobry pan* é tradicional nas festividades de casamentos realizadas nos município entre os descendentes de imigrantes poloneses, sendo esta caracterizada como uma dança onde os noivos arrecadam dinheiro através do sapato, que é passado entre os convidados da festividade.

A música polonesa tem como característica letras que retratam o cotidiano e histórias de vida. Observa-se que a realidade dos poloneses ao longo dos séculos – com inúmeras ocupações em seu território e seu amordaçamento político, social e cultural -, é retratada em suas canções, sendo que, em muitas delas, celebra-se a liberdade do povo polonês perante às nações usurpadoras de seu território, bem como canções que refletem o povo polonês que reside distante de sua pátria, como os imigrantes que vivem no Brasil e seus descendentes.

No município de Áurea não há registro de produções musicais na língua polonesa, sendo que esta característica pode ser observada nas demais colônias polonesas no sul do Brasil. Desta forma, a música na língua do país europeu se reproduz apenas em celebrações de ritos religiosos e festividades, normalmente acompanhadas de danças.

O que se observa é que, ao longo das décadas pós-imigração, a apreciação de músicas típicas polonesas (folclóricas) não vem se aplicando as novas gerações, sendo substituídas por gêneros em idiomas de línguas que, segundo os imigrantes entrevistados, são “forma de comunicação moderna”, quando comparadas à língua polonesa.

5.5 ARTE

A arte, em suas diferentes formas e manifestações, se configura como uma das principais difusoras da cultura polonesa entre seus descendentes. Para Baumann (2013), a missão da arte é salvar-nos do esquecimento do ser. Desta forma, as representações artísticas polonesas são reflexo de seus diferentes períodos ao longo da história, sendo esta traçada e caracterizada principalmente aos cultos religiosos, através das diversas colorações nas imagens, da representação dos períodos de opressão vividas pelas ocupações, entre outros períodos que são de fundamental entendimento para que se interprete tais construções.

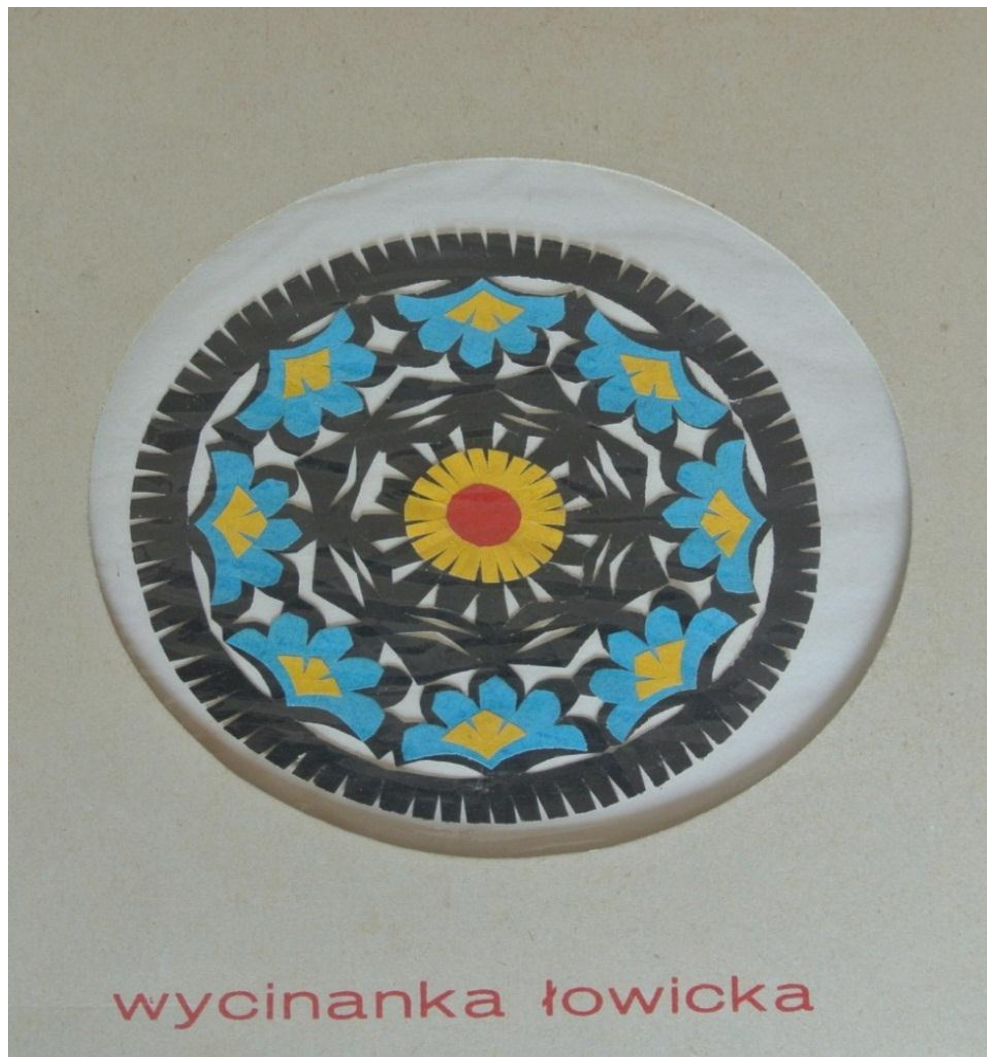
Ao longo das décadas, a arte polonesa sofreu com transformações e sobreposições, sendo esta uma realidade que se aplica ao campo artístico em esfera global. Essas mutações no país europeu não são uma característica que se restrinja apenas a Polônia, já que também ocorre entre os descendentes poloneses.

Com o distanciamento geográfico da terra natal, bem como pela assimilação cultural vivida pelos imigrantes nas novas terras, as transformações no campo da arte se refletem em suas manifestações artísticas.

A representação da padroeira da Polônia celebra as artes como símbolo de culto religioso. Nossa Senhora do Monte Claro (*Matka Boska Częstochowska*) existe apenas em forma de pintura, não sendo esta representada como forma de estátua ou outras representações. A pintura citada exhibe uma composição tradicional bem conhecida dos ícones dos cristãos orientais, sendo esta pintada em 1382, na Polônia.

Dentre a enorme variedade e grande riqueza da arte popular polonesa, o *wycinanka*, uma antiga arte popular polonesa feita com recortes de papeis e muitas cores, ocupa lugar de destaque como arte decorativa, fruto da manifestação do temperamento artístico do povo polonês, sempre caracterizado por ser uma arte representada pela união de diversas colorações.

Figura 7 - *Wycinanka* – Arte popular polonesa



Fonte: Arquivo do Museu Municipal João Modtkowski, Áurea/RS.

O *wycinanka* é uma prática antiga realizada pelos poloneses por meio de papéis recortados. Pesquisas indicam que a prática surgiu em meados da década de 1800, pouco tempo depois que os camponeses conseguiram expulsar a fumaça de dentro de suas casas por meio de chaminés. Com isso, as paredes brancas

passaram a precisar de decoração, especialmente para as festas tradicionais e religiosas, como o Natal e a Páscoa. As combinações e formas delicadas, ricas em detalhes e muitas vezes confundidas com pequenos crochês, tornaram-se uma espécie de marca registrada das colônias polonesas.

Nas escolas do município, os alunos aprendem desde as séries iniciais a produzirem o *wycinanka*, como uma forma de valorização e perpetuação da cultura polonesa nas novas gerações que surgem.

A tradição dos ovos pintados na celebração da Páscoa mantém-se viva na tradição dos imigrantes poloneses, ligados diretamente aos ritos religiosos. Para eles, o ovo é tido como um símbolo de vida e procriação, sendo para muitos cristãos um símbolo da ressurreição.

Os jardins poloneses também se constituem como uma importante representação artística do povo polonês, mantidos e perpetuados pelos seus descendentes em Áurea. Tais jardins, observados principalmente nas residências do interior do município, se caracterizam por propriedades com obras e representações a partir de esculturas na vegetação, bem como jardins repletos de flores, principalmente de roseiras e vasos de madeira com adornos das mais diversas colorações.

Estas formas de representação a partir da arte, bem como o conhecimento da história e valor da representação que se carrega com essas manifestações artísticas, são traços culturais que se caracterizam também por serem de suma importância para a cultura polonesa entre os descendentes de imigrantes.

5.6 ARQUITETURA

A narrativa sobre a arquitetura polonesa é complexa quanto a trajetória política desta parte da Europa. As fronteiras da Polônia foram modificadas diversas vezes, as partilhas e a perda da independência, a destruição durante os tempos de guerra e, finalmente, os fundos europeus que estimulam o mercado de construção civil são fatores que contribuem para a imagem da arquitetura polonesa. É versátil, surpreendente, moderna, mas também, com frequência, muito tradicional, caracterizada principalmente por elementos que remontam os reflexos de estruturas voltadas para o abrigo durante o inverno.

Desta forma, por sua localização geográfica fronteiriça com grandes impérios, como a Alemanha e a Áustria, a arquitetura polonesa é deveras influenciada pelos países vizinhos. Observa-se, com base nas características, que existem na Polônia ainda hoje várias obras de arquitetos austríacos e alemães, e, por vezes, holandeses.

Na chegada dos imigrantes em Áurea, eles improvisavam a primeira moradia com o objetivo de abrigar a família nos primeiros dias. As primeiras moradias se caracterizavam por serem construções simples, com poucas divisórias, e moldadas inteiramente a partir da madeira, com o chão de terra batida e um banheiro na parte externa.

Esta simplicidade é confirmada por Wenczenovicz (2010, p. 29), que complementa que

Os imigrantes não eram exigentes no que se referia à moradia, já que a situação habitacional na Polônia era difícil. As casas eram pequenas e mal ventiladas. Antes de emigrarem, muitos camponeses moravam em casas locadas. Muitas casas eram desconfortáveis, sem instalações sanitárias, assemelhando-se às choças medievais.

Segundo Wenczenovicz (2010), em geral, as residências mediam quatro por seis metros e eram cobertas de pequenas tábuas feitas de madeira, como as moradias dos imigrantes italianos e alemães, já instalados nas demais localidades próximas. A casa compreendia um ou dois cômodos: cozinha e quarto, sem assoalho, com o piso de terra batida. Os imigrantes dormiam em camas trazidas da Polônia ou em tarimbas¹⁷ construídas por eles. A fumaça e as más condições de higiene eram comuns nessas diminutas moradias. A cozinha era separada dos quartos para isolar o ambiente das cinzas, fumaça e odores.

Observa-se que a construção das moradias era realizada pelos próprios imigrantes, mesmo sem nenhuma experiência para tal realização. Das poucas casas que se têm registro fotográfico, pode-se observar que eram moradias precárias, rudimentares, mas que serviam para a sua principal função: abrigar a família da chuva e dos animais selvagens, e aquecer durante os fortes invernos.

Wenczenovicz (2010, p. 35) complementa que

¹⁷Cama rudimentar de madeira.

As famílias não só construíam suas próprias casas como fabricavam também seus móveis e peças de vestuário. No mobiliário encontravam-se bancos, mesa, guarda-comidas e, nem sempre, o armário. As roupas eram penduradas em pregos fixos nas paredes dos quartos. Nessas peças predominava o uso de madeiras.

Segundo Wenczenovicz (2010), além das casas, as propriedades possuíam outras construções, duas delas muito importantes: o galpão e o abrigo dos animais. A facilidade de acesso a um ponto de abastecimento de água foi determinante na localização da casa, do galpão, do abrigo dos animais e do banheiro.

Uma das principais características das construções polonesas são as colorações de suas fachadas, representadas por cores quentes, e, em seu interior, uma estrutura que beira a simplicidade, reflexo da condição econômica do país, onde sua população se via limitada no que tange à aquisição de bens.

O estilo arquitetônico polonês ainda pode ser observado em algumas das residências e edificações do município de Áurea, configurando-se, assim, como um importante código cultural. Ressalta-se que as casas ao estilo polonês diferenciam-se das originais encontradas na Polônia, devido, principalmente, as condições climáticas encontradas no Brasil, uma vez que as residências e demais edificações no país europeu são construídas visando à proteção durante os fortes invernos, contrários a realidade climática no sul do Brasil.

A Igreja da Paróquia de Nossa Senhora de Monte Claro é um exemplo da difusão da arquitetura característica polonesa. A igreja em questão é de arquitetura influenciada pelo estilo arquitetônico das igrejas polonesas. A simplicidade ornamental, tanto da sua fachada quanto do seu interior, e devoção materializada por poucos adornos religiosos são características simplórias da arquitetura polonesa.

Poucos são os exemplos de habitações que resistiram ao tempo e à modernidade. Grande parte das moradias, construídas a partir da madeira das árvores nativas da região de Áurea durante a chegada dos imigrantes poloneses, não resistiram ao tempo e à modernidade, sendo em sua grande maioria substituídas por moradias feitas com materiais mais resistentes.

Essa evolução e adaptação das moradias se dá, principalmente, pela adaptação dos imigrantes ao clima e ao relevo da nova pátria, uma vez que, na chegada a Áurea, as construções se deram com formas características polonesas,

com a construção de moradias de madeiras de encaixe, sem o uso de pregos e demais adereços modernos.

Um dos poucos exemplos que ainda resiste ao tempo é a casa da família Waszczuk. Feita inteiramente de madeira no início dos anos 50, com uma influência arquitetônica tipicamente polonesa, localizada na Linha São Sebastião, no interior do município de Áurea. Atualmente, a casa serve como moradia dos descendentes dos imigrantes poloneses, bem como se tornou um espaço de valorização e perpetuação da cultura polonesa, a partir de um museu particular instalado em seu interior.

Figura 8 - Casa de arquitetura polonesa em Áurea/RS



Fonte: Trabalho de campo – 2017.

Observa-se que a arquitetura de influência polonesa já não predomina na paisagem urbana e rural das edificações em Áurea. Esta influência, a grosso modo, nunca chegou a existir de forma concreta, dado pelo desacelerado desenvolvimento econômico dos imigrantes que chegaram em Áurea, no início do século XX. Este desenvolvimento econômico desacelerado explica o fato da não concretização de edificações e demais influências pelo fato de que não houve, neste tempo, poder

aquisitivo por parte dos imigrantes para aquisição de materiais necessários para a realização destas obras.

O que se observa, com base na análise documental histórica, é que a influência arquitetônica concretizada pelos imigrantes se deu na modelagem das moradias, realizadas com madeira, a partir do encaixe das mesmas umas nas outras, sem o auxílio de pregos e demais materiais, sendo esta também uma característica das construções alemãs e de outros países europeus, demonstrando, desta forma, a influência externa perpassada na arquitetura polonesa.

Este estilo de construção é caracterizado por Wenczenovicz (2010). A autora expõe que, no momento da instalação no lote colonial, a edificação da residência estava entre as mais importantes para o início do empreendimento. Em geral, foi o colono que edificou sua casa, utilizando-se de material encontrado na propriedade: barro, madeira, palha e pedra. Os pregos, algumas vezes utilizados pelos imigrantes alemães e italianos, não foram utilizados na arquitetura polonesa. Os poloneses utilizaram, sobretudo, o sistema de encaixes de madeira – *blocause* -, usado na Polônia durante vários séculos, principalmente na área rural.

Não sendo um saber estritamente popular, a construção com madeira esteve presente em certas regiões do país onde se encontrava material em abundância, sendo que outras técnicas estiveram presentes no território brasileiro, como: *blocause* (casa de bloco, madeira colocada na horizontal, originária dos países eslavos), enxaimel (modificação estrutural da *blocause*, peças encaixadas em estruturas de madeira) e gaiolas (a diferença do enxaimel está no contraventamento da estrutura, feito nos dois sentidos, com encaixes para resistir à compressão e também à tração, trazida pelos imigrantes nipônicos). (WEIMER, 2005).

Não existem trabalhos especializados sobre a arquitetura residencial e a mobília do grupo polonês no Rio Grande do Sul. O pouco que se sabe sobre o assunto está esparso em capítulos de estudos sobre o tema e na história oral. De forma geral, as mesmas condições de produção, os mesmos materiais, os mesmos recursos técnicos disponíveis no ambiente determinaram uma importante unidade no que se refere à moradia colonial.

Em Áurea, a arquitetura polonesa é representada por poucas residências e edificações que mantêm esta estrutura característica. O mesmo se aplica a mobília das residências, onde em grande parte esta herança dos imigrantes encontra-se exposta em museus. O que se observa é que as estruturas de galpões e áreas

destinadas às atividades agrícolas e à criação de animais ainda se preservam em algumas propriedades, porém encontram-se em acelerado processo de degradação.

Figura 9 – Resquícios de uma construção de madeira com técnica *Blocause*



Fonte: Trabalho de campo – 2017.

5.7 CULINÁRIA

A cultura de um território é expressa de diferentes formas, entre elas através da culinária. A culinária, conjunto de receitas, técnicas e regras compartilhado coletivamente “contém e expressa a cultura de quem a pratica, é depositária de tradições e das identidades dos grupos. Constitui, assim, um extraordinário veículo de autorrepresentação e de comunicação intercultural” (MONTANARI, 2009, p. 11), além de deixar transparecer as preferências coletivas e refletir estruturas da sociedade. (CLAVAL, 2014).

Para Montanari (2009), a comida auxilia na intermediação entre culturas diferentes, abrindo sistemas culinários e todas as formas de invenções, cruzamentos e contaminações. Desta forma, as fronteiras étnicas são quebradas a partir da disseminação de uma determinada cultura culinária quando esta se espalha e se perpetua para fora de suas fronteiras.

Comer é algo trivial, primitivo e vital, comum a todos, mas o ser humano desenvolveu uma forma de socialização que permite a superação do simples naturalismo deste ato: a reunião de indivíduos para compartilhar da alimentação. Assim, a comida, banal por sua presença cotidiana, converte-se em ato sociológico: a refeição. (MONTANARI, 2009, p. 11).

A alimentação humana um ato social e cultural, que implica em representações e imaginários, envolve escolhas e classificações que organizam as visões diversas de mundo, no tempo e no espaço. Tomando a alimentação humana como ato cultural, é possível pensá-la como sistema simbólico, em que estão presentes códigos que operam no estabelecimento de relações dos homens entre si e com a natureza.

A gastronomia típica polonesa configura-se também como um importante código cultural de Áurea, representada por diferentes pratos e bebidas, a culinária polonesa é passada de geração para geração.

De acordo com Nunes (2008, p. 14), a culinária polonesa

É uma mistura de culinárias eslavas e estrangeiras. Entretanto, foi influenciada também pelas culinárias turca, alemã, judaica e francesa ao longo do tempo. A Polônia, por ser um país de vasto território, é rica em carnes de caça e suas terras são extremamente arborizadas, o que favoreceu a oferta aos poloneses de outros alimentos, como cereais, frutas da floresta, cogumelos, nozes e mel.

Esta fusão de culturas culinárias também é observada – e acrescida – nos hábitos dos imigrantes poloneses, onde segundo Wenczenovicz (2010, p. 51),

Vários foram os alimentos que foram acrescentados à prática alimentar dos imigrantes poloneses. Dentre eles, pode-se citar: abacate, feijão, mandioca, pinhão que, em muitos momentos, causaram estranheza e rejeição. A diversidade e abundância da flora brasileira e, especialmente, a sulina, contribuíram para que as condições alimentares destes imigrantes melhorassem substancialmente em comparação à vivenciada na Polônia.

A gastronomia polonesa se destaca principalmente nas celebrações religiosas, onde os pratos e receitas simbolizam a cultura polonesa de diferentes formas. Cita-se a tradição da ceia de natal, onde tradicionalmente preparam-se vários pratos com peixe, legumes e doces (*babkas*), acompanhados dos tradicionais *barszcz* e *uszkami* (sopa de beterraba com pasteizinhos). Normalmente, preparam-se doze pratos, cada um simboliza um dos doze apóstolos da bíblia. Os pratos mais

usados são: broa de centeio; sardelas; sopa de beterraba/ervilha; maionese de batata; maionese de peixe; repolho cozido (*kapusniak*); *zimme nogi*; salada de pepino, beterraba cozida; trigo mourisco; charuto de batata ralada crua com repolho (*peze*); *pierogi* com nata; e *pierogi* de forno. Sobremesas: sopa fria de frutas secas, bolachas decoradas, torta de maçã e *nugat* (doce de clara de ovos com mel e nozes).

Alguns pratos típicos que ainda fazem parte do cotidiano alimentar dos imigrantes poloneses são: *czarnina*; bolo de maçã e nozes (*ciasto jablokowo – orzechowe*); bolo de mel (*ciasto miodowe*); bolo de amendoim (*ciasto z orzechowe*); bolo úmido de chocolate (*wilgotne ciasto czekoladowe*); bolo de água fervida (*ciasto z przegotowaney wody*); bolo de milho (*ciasto kukurydziane*); bolacha sem ovos (*ciasto bez jajeczne*); bolacha de milho (*ciasto z kukurydziane*); panetone polonês (*stodycz polska*); grostuli polonês (*chrust polski*); pão de mel (*bulka miodowa*); docinho de natal (*piernik bozonarodzeniowy*); pastel de requeijão (*pierogi*); pãozinho de mel (*piernik*); rosquinhas (*kasztanki*); sonhos (*paczki*); torta polonesa (*tort polski*); bolacha com glacê (*wafel w polewie*); bolacha de suco de laranja (*ciasteczka z sokiem pomaranczowym*); rapadura da vovó polaca (*slodycz babuni*); docinhos de melado (*slodycze z melasy*); peirnik (*piernik*); torta de requeijão, bem como bebidas e licores marcados pela mistura de frutas com cachaça. (WENCELESWSKI; MIKOLAICZIK, 2009)

Siuda-Ambroziak (2005) garante que muitos dos hábitos alimentares regionais se tornaram presentes nas refeições dos imigrantes, no início da colonização, bem como para seus descendentes, por exemplo, antigamente se comia comidas típicas polonesas nas festividades de Natal e de Páscoa, agora se come churrasco, em grande parte das famílias. Alguns alimentos e iguarias em especial são consumidos mais corriqueiramente entre os descendentes poloneses em Áurea, tais como a *czernina*, o *ognizco* e o *pierogi*.

A *czarnina* - chamada também como *czernina* - é o prato mais difundido da culinária polonesa entre seus descendentes, juntamente com o *pierogi* - sendo que, muitas vezes, um acompanha o outro nas refeições. A *czarnina* consiste em uma sopa produzida com carne de pato, mergulhado em seu sangue, que tornou-se popular na Polônia e Lituânia, no século XVII, e até hoje é um prato que faz parte do cotidiano alimentar dos poloneses. A iguaria também é um símbolo da perpetuação da cultura polonesa em Áurea, uma vez que é um atrativo turístico para quem se

dispõe a visitar à cidade e reviver a cultura polonesa que está impregnada no cotidiano dos descendentes que ali residem.

O *Ognizco* também é uma representação que ainda se mantém nos dias atuais, em Áurea. O rito se caracteriza por uma fogueira acesa com fogo de chão, onde se assa linguiça, individualmente, com um pedaço de madeira rudimentar, normalmente uma taquara artesanal.

Figura 10 - *Ognizco*



Fonte: Trabalho de campo – 2018.

O rito se caracteriza como uma festa popular entre os descendentes que buscam resgatar as tradições antigas polonesas. Etimologicamente, *ognizco* significa “fogo/fogueira” e é realizado como forma de representação da união entre as comemorações de festas juninas com as tradições polonesas, tendo como objetivo lembrar os costumes dos antigos pastores da Polônia, que se alimentavam e festejavam ao redor da fogueira durante o rigoroso inverno europeu.

O *pierogi* é um tipo de pastel cozido originário da Polônia e oeste da Ucrânia, onde é chamado *pyrohy*. São pastéis de massa, que primeiro são cozidas e depois assadas ou fritas, normalmente na manteiga com cebolas, tradicionalmente recheados com batata, chucrute, carne moída, queijo ou frutas. Proveniente do centro e do leste europeu, eles têm formato normalmente semicircular, mas em algumas culturas podem ser retangulares ou triangulares.

Figura 11 - Comida típica polonesa



Fonte: Trabalho de campo – 2018.

A herbata era uma bebida consumida pelos imigrantes poloneses no início da colonização no Rio Grande do Sul, que se mantém nos dias atuais como parte da gastronomia de seus descendentes. A iguaria se caracteriza como uma bebida preparada através da infusão de folhas diversificadas, flores e folhas de erva-mate (*ilex paraguariensis*), e é geralmente preparada com água quente e acompanhada de leite. Observa-se que a bebida é um reflexo da inserção cultural destes imigrantes nos hábitos alimentares dos gaúchos, influenciados pelos costumes indígenas. Em grande parte das comunidades rurais, se observa a existência de

aparatos agrícolas de tratamento e beneficiamento da erva-mate, tais como carijos e manjolos.

A *na zdrowie*¹⁸ é uma bebida comum entre os descendentes poloneses, sendo esta consumida nas festividades e demais atividades populares. A bebida se caracteriza como uma aguardente de cana-de-açúcar, semelhante a cachaça brasileira, e é servida em um recipiente (normalmente uma garrafa de vidro transparente), envolto em uma peça circular de gelo.

Observa-se também que a erva-mate, forte traço cultural indígena que se mantém presente na cultura polonesa e gaúcha, vem sofrendo com sua desvalorização no mercado interno e externo. A arroba da erva-mate¹⁹ (cerca de 12kg) custa em média sete reais, tendo uma desvalorização de preço de mais quinze reais quando comparada aos anos de 2015 e 2016. Este fato vem fazendo com o que os agricultores “destoquem” estes pés e os substituam por culturas mais rentáveis, tais como o cultivo de sementes, como a soja, o milho e o trigo, e em vastas criações de bovinos.

Quanto à procedência dos produtos alimentares típicos poloneses, grande parte dos alimentos são produzidos nas comunidades rurais do município. Os alimentos de procedência animal, tais como carnes bovinas, são adquiridos em agroindústrias ou no comércio local. A carne de pato, principal ingrediente da *czernina*, é proveniente de criações realizadas pelas próprias famílias que compõem a organização das atividades. Os *pierogi*, massas e pães são produzidos na agroindústria familiar, localizada no interior do município, sendo os proprietários integrantes ativos da organização das atividades que se realizam no município. Saladas, frutas e legumes são fornecidos pelos integrantes do grupo, sendo que grande parte dos integrantes são hortifrutigranjeiros e feirantes.

A agricultura familiar é uma forte característica das propriedades rurais dos descendentes de imigrantes. Observou-se que a principal renda das famílias visitadas, que mantêm uma forte ligação com as atividades de resgate cultural, são famílias com pequenas extensões de terra, que comercializam uma parte de sua produção para feiras localizadas no município de Erechim (pólo regional). Observa-se também, que estas famílias não possuem trabalhadores de fora da família em

¹⁸“*Na zdrowie*”, em uma tradução da língua polonesa para a língua portuguesa, significa “saúde” e é utilizada como uma espécie de brinde antes das refeições.

¹⁹Uma árvore de erva-mate gera, em média, uma arroba de erva cancheada.

suas propriedades, usando deste atributo apenas nas colheitas de erva-mate (terceirizadas pelas ervateiras compradoras), bem como nas colheitas de soja, milho e trigo.

A culinária típica polonesa mantém-se como um forte laço cultural com o país europeu, uma vez que se perpetua entre as famílias em suas refeições diárias. Esta culinária se caracteriza também pela sua mutabilidade e adesão de novos ingredientes provenientes do Brasil, tais como a erva-mate e demais hábitos e tradições gastronômicas incorporadas principalmente a partir da influência de indígenas e gaúchos.

Observa-se, desta forma, que o papel produtivo agrícola das famílias se acentua para a preservação destes costumes, fazendo com que a comunidade seja, de certa forma, autossustentável na produção dos ingredientes necessários para a confecção das iguarias.

5.8 TRAJES TÍPICOS

As vestimentas folclóricas são um símbolo de identidade de um povo, sendo essas uma representação material caracterizada pela cultura e influência da região de onde provêm. Na Polônia, esta representação está intimamente ligada à história do país, bem como suas individualidades regionais e as tradições da música, da dança e da arte.

Assim como no campo das artes e da arquitetura, as roupas e as vestimentas típicas da cultura polonesa são demasiadamente coloridas. Na vestimenta dos homens, encontram-se adornos nas roupas e nos chapéus. As roupas das mulheres são caracterizadas por saias coloridas e lenços na cabeça, que simbolizam o matriarcado e a força da representação feminina, segundo um dos entrevistados.

As roupas típicas polonesas, trazidas pelos imigrantes e perpetuadas ao longo da colonização, eram indumentárias simples, que geralmente não seguiam nenhuma influência externa, como padrões de moda e outras associações.

Tal observação é confirmada por Wenczenovicz (2010, p. 60), que afirma que

Geralmente os poloneses não acompanhavam as tendências do vestir, tão visível nos centros urbanos. A justificativa está contida essencialmente na condição material que estas famílias estavam inseridas e a questão cultural. Devido à escassez financeira, as roupas das crianças, e também dos

adultos, eram de confecção doméstica, utilizando-se de máquinas de cultura manuais.

Desta forma, observa-se que a confecção dos trajes se dava de forma artesanal, produzidos pela própria família, normalmente a partir dos trabalhos e dotes manuais das mulheres, enquanto os homens se ocupavam da produção dos alimentos e dos cuidados com os animais. Eram eles que tinham a função de se deslocar até o comércio e fábricas para adquirir os materiais necessários. Algumas mulheres, com a finalidade de barganhar uma renda extra para a família, costuravam roupas para outras pessoas da comunidade.

A este respeito, Poplavski (2017, p. 48), menciona:

Herdeiros de uma sociedade patriarcal, em muitos pontos comum a típica família gaúcha de então, cabia ao pai prover o sustento da casa; e a mãe, o cuidado com os filhos e as lidas domésticas. Algumas mulheres, entretanto, para aumentar a renda da família, bordavam e costuravam para fora, e outras ainda trabalhavam como operárias em fábricas de calçados e tecidos.

Nas primeiras décadas de inserção dos imigrantes poloneses em Áurea, os tecidos eram comprados na cidade de Erechim, e transportados para o município, para que pudessem ser trabalhados. Segundo Wenczenovicz (2010, p. 61),

Botões, linha de costura e tecido eram objetos adquiridos com grande economia no comércio local. Não raro, os tecidos eram adquiridos em grande quantidade o que gerava constrangimento entre os usuários, pois todos tinham as peças do vestuário com a mesma cor e espécie de tecido. A diferenciação ficava por conta da criatividade da costureira. Tinha-se o cuidado para não se confeccionar roupas com o mesmo tecido para meninos e meninas para que estes não servissem de chacota por parte de outras crianças.

Com relação aos calçados, cabe mencionar que os imigrantes poloneses os consideravam artigos de extrema necessidade e luxo. A necessidade ocorria por razões geográficas, devido as diversas variações no relevo existentes nos locais em que se instalaram os imigrantes poloneses. Eram considerados artigos de luxo por se tratar de um produto industrializado ou de fabricação artesanal, que dificultava sua aquisição por motivos financeiros. Geralmente os calçados dos maiores eram repassados aos menores, dependendo de seu estado de conservação. Era comum andar de pés descalços durante a realização de atividades cotidianas. (WENCZENOVICZ, 2010).

Atualmente, as roupas tradicionais usadas pelo grupo de dança Auresóvia são confeccionadas no próprio município de Áurea, em uma parceria entre o poder municipal e a comunidade. Esta produção se dá como símbolo da perpetuação cultural polonesa no município, e se dá desde os anos 1930, quando se fundaram os primeiros grupos de danças folclóricas polonesas no município.

Os principais trajes utilizados pelos grupos culturais do município são: *Strój Kaszubski*, *Strój Kujawski*, *Strój Szamotulski*, *Strój Lubuski*, *Strój Krakowskie*, *Strój Krakowiaków Zachodnich*, *Strój Krakowiaków Wschodnich*, *Strój Rzeszowski*, *Strój Górali Beskidu Śląskiego* e *Górale Zywieccy*.

Figura 12 – Trajes típicos poloneses



Fonte: Trabalho de campo – 2018.

O que se destaca deste código cultural é a sua confecção. Desde as indumentárias para os eventos, até a sua produção para o grupo de dança tradicional polonesa do município, são trajes produzidos pelos membros da

comunidade, carregando características únicas de produção e representando as regionalidades da Polônia. Esta característica faz com que as vestimentas polonesas utilizadas no município sejam, de certa forma, produto da polonidade vivenciada e perpetuada pelos descendentes de imigrantes poloneses, carregando e construindo traços que se destacam de outras regiões e colônias de povoamento polonesas.

Figura 13 - Regionalidade dos trajes na Polônia



Fonte: (PISKORZ-BRANEKOVA, 2004, p. 7).

5.9 FORTALECIMENTO E VALORIZAÇÃO DA CULTURA POLONESA

O fortalecimento e a valorização da cultura polonesa se perpetuam em diversas instâncias no município de Áurea, sendo representadas principalmente nos ritos religiosos e nas festividades que envolvem danças, músicas e culinária típica polonesa, visando valorizar e perpetuar as tradições do país europeu, mesmo depois de mais de cem anos de colonização e inserção dos imigrantes poloneses no solo gaúcho.

As festas populares são rituais e, assim sendo, constituem momentos especiais de convivência social em que certos aspectos da realidade são postos em relevo. Tais eventos, materializados a partir destas festas populares que envolvem diversos setores da comunidade, ao contrário de outros rituais, possuem a especificidade de serem momentos extraordinários marcados pela alegria e por valores que são considerados altamente positivos.

Maia (1999, p. 195) afirma que “a festa sintetiza a totalidade da vida de cada comunidade, a sua organização econômica e suas estruturas culturais, as suas relações políticas e as propostas de mudanças”. Desta forma, o espaço das festas populares possui uma composição bastante complexa. Para o autor, subsistem relações econômicas, político-ideológicas, simbólicas e afetivas extremamente ricas, apesar do caráter efêmero do evento. O estudioso ainda complementa:

A festa é uma das vias privilegiadas no estabelecimento de mediações da humanidade. Ela busca recuperar a imanência entre criador e criaturas, natureza e cultura, tempo e eternidade, vida e morte. [...] A festa é ainda mediadora entre os anseios individuais e coletivos, mito e história, fantasia e realidade, passado e presente, presente e futuro, nós e os outros, por isso mesmo revelando e exaltando as contradições impostas à vida humana pela dicotomia natureza e cultura, mediando ainda os encontros culturais e absorvendo, digerindo e transformando em pontes os opostos tidos como inconciliáveis. (MAIA, 1999, p. 195).

Como fortalecimento da cultura e identidade polonesa, o município de Áurea realiza anualmente, no começo do mês de junho, a Festa Nacional da *Czernina*, constando no calendário de eventos turísticos do Rio Grande do Sul e sendo esta a principal festividade realizada atualmente no município. Este evento é de organização da Paróquia de Nossa Senhora do Monte Claro de Áurea, que procura resgatar os valores culturais, artísticos e culinários dos poloneses. Nessas oportunidades são promovidas atividades culturais, exposições de fotografias,

lançamentos de obras literárias, apresentações de folclore e o jantar, cujo prato de destaque é a *Czernina*.

Com o intuito da promoção e valorização da cultura polonesa e preservação da memória dos imigrantes que aqui chegaram no início do século XX, criou-se no ano de 2016 o projeto “Caminhos Poloneses” sob o tripé turismo-cultura-gastronomia, sendo este um projeto desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Áurea, em conjunto com a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), bem como membros da comunidade. Neste projeto, realizam-se dois trajetos de turismo rural: a “Trilha dos Imigrantes” e o “Resgatando a História”, com apresentações de atividades culturais típicas da cultura polonesa, e a possibilidade de desfrutar da culinária polonesa, contemplando seus diferentes costumes. Além de possuírem um importante significado no fortalecimento da cultura polonesa, estes passeios que ocorrem sob a tutela da comunidade servem como uma renda extra para as famílias envolvidas.

O Caminhos Poloneses – Trilha dos Imigrantes é uma atividade que reúne religiosidade, cultura e culinária a partir da visita de diferentes pontos do município. A atividade inicia na Igreja Nossa Senhora do Monte Claro, com a recepção dos visitantes por meio do rito do pão e sal, que para os poloneses significa votos de saúde e prosperidade. No mesmo local, é feita uma apresentação da história da padroeira da Polônia, a *Matka Boska Częstochowska*. Após, a visita contabiliza um total de dez propriedades rurais, sendo estas compostas por diversas representações da cultura polonesa.

Observa-se, nestes passeios, o papel fundamental da comunidade rural, que se encarrega da organização destes passeios. A manutenção das propriedades e a sua funcionalidade deixam de ser meramente produtivas, já que elas se tornam um espaço onde o resgate histórico, materializado muitas vezes em forma de minimuseus, se cristaliza como parte fundamental.

Os jardins tipicamente poloneses, onde se misturam flores, hortaliças e ervas medicinais, formam um atrativo que demonstra a cultura polonesa na arquitetura das residências. Em muitas propriedades, existem hortas em formato de mandala²⁰, onde as plantas convivem em equilíbrio. Durante a colonização, eles não possuíam

²⁰A horta mandala tem raiz no Movimento de Permacultura, cujos pilares são o cuidado com a terra, cuidado com as pessoas e o compartilhamento. A horta em círculo segue a teoria de que na natureza todas as suas formas são arredondadas/curvilíneas como o planeta Terra, as sementes, as células, etc. Etimologicamente, o termo mandala significa “sagrado” ou “círculo mágico” e fertilidade.

condições financeiras para adquirir remédios e demais artefatos para o tratamento de enfermidades, então recorriam às plantas medicinais para tratar eventuais problemas de saúde.

Figura 14 - Caminhos Poloneses - Trilha dos Imigrantes



Fonte: Caminhos Poloneses - Trilha dos Imigrantes (2017).

Os trajes típicos também se fazem presentes durante as atividades desenvolvidas. Os trajes utilizados são produzidos pelos membros da comunidade e refletem a cultura sem levar em conta a regionalidade ou outros atributos que definam traços específicos das diferentes regiões da Polônia.

Por fim, a atividade encerra-se com um almoço típico polonês. Entre as opções gastronômicas servidas, estão a *Czarnina* e o *pierogi*, sendo esta atividade realizada em uma agroindústria localizada no município. Para encerrar, são realizados os ritos do *ognizco* e do *na zdrowie*, a partir de apresentações artísticas com danças e músicas típicas polonesas.

O Caminhos Poloneses – Resgatando a História cumpre uma função semelhante a Trilha dos Imigrantes, porém possui uma abordagem histórica mais aprofundada. Mantém em sua essência o papel das propriedades rurais e o

envolvimento das famílias da comunidade. É realizado através do resgate histórico da cultura polonesa a partir da religiosidade, da arte, da música, das danças e dos trajes típicos.

A atividade inclui uma visitação à Igreja de Nossa Senhora do Monte Claro, onde é realizada uma apresentação da história da sede, abordando principalmente o papel social e político da religião para os imigrantes que fundaram o município de Áurea no início do século XX.

Após, segue a visitação no Museu Municipal João Modtkowski, ligado à imigração polonesa. O Acervo é constituído de objetos sacros, moedas, arquivo de fotografias, quadros, livros – com exemplares na língua polonesa e eslava -, instrumentos agrícolas, instrumentos de marcenaria, teares, utensílios domésticos, móveis, vestimentas, materiais cirúrgico-hospitalares, rádios, telefones, televisores, máquinas de datilografia, peças artesanais, objetos de uso pessoal, instrumentos musicais e outros objetos que retratam a história da localidade e, principalmente, a história dos imigrantes poloneses.

Posteriormente, seis propriedades rurais são visitadas, com o intuito de demonstrar à estrutura produtiva do município e sua organização, a partir de comunidades voltadas à produção de alimentos para consumo próprio, bem como para a comercialização em feiras de cidades vizinhas. Durante o passeio, é possível ter acesso a pequenas exposições de objetos e artesanatos produzidos pelos membros. Por fim, encerra-se a atividade com apresentações artísticas e degustação da gastronomia polonesa.

O Museu Municipal João Modtkowski é um dos locais onde é possível observar objetos e demais adereços trazidos pelos imigrantes poloneses que são mantidos para visitação e estudos até os dias atuais. O museu foi criado em 1990, juntamente com a fundação da BRASPOL²¹ em Áurea, e ficou sob responsabilidade da instituição até o ano de 1995, quando passou a ser de responsabilidade do município. O museu é constituído por um centro de estudos, essencial a todos aqueles que buscam conhecimento e entendimento sobre a imigração polonesa no município de Áurea, preservando e perpetuando a memória dos fundadores do município, bem como seus costumes étnicos, agrícolas e sociais.

²¹Núcleo de Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil (Braspol).

Desta forma, o museu volta-se para a preservação da memória de Áurea, a partir da conscientização dos munícipes do valor cultural dos bens particulares que possuem, podendo ser revertidos como uma importante ferramenta de valorização da memória de seus ancestrais, não se restringindo apenas a objetos da etnia polonesa, mas também de todas as demais etnias que foram importantes na fundação da cidade.

Além do museu municipal, existem ainda outros locais em que se mantêm viva a memória e a história de Áurea, sendo estes geridos de forma particular por seus mantenedores. Estes museus têm um papel fundamental para a manutenção da cultura polonesa, expressa por objetos trazidos pelos imigrantes, bem como objetos adquiridos durante o período de colonização, principalmente artefatos religiosos e agrícolas.

A festa da erva-mate, realizada anualmente, é uma representação da inserção dos imigrantes poloneses na cultura gaúcha. A erva-mate, em forma de chimarrão, herbata e tererê, faz parte do consumo cotidiano das famílias, além disso, atualmente também é uma das principais fontes de renda do município.

A Festa de Nossa Senhora do Monte Claro, realizada anualmente na data de 15 de agosto, é uma festividade trazida pelos imigrantes desde a colonização. A data, que também é considerada sagrada na Polônia, é marcada por um dia de festividade e devoção dos descendentes de poloneses. Conforme foi observado nas entrevistas de campo, os imigrantes poloneses não trouxeram bens materiais de grande valor, porém, era corriqueiro ter uma imagem da Nossa Senhora do Monte Claro nas malas.

Outras festividades se realizam no município, muitas delas voltadas à preservação da memória polonesa, ligadas a datas do país europeu. A festa religiosa de celebração das capelas acontece no primeiro domingo de maio, tendo proximidade com as datas mais importantes da Polônia: o dia dois de maio é considerado o Dia da Bandeira Polonesa; no dia três de maio se realiza a Solenidade de Nossa Senhora Rainha da Polônia – considerada também, juntamente com a Nossa Senhora do Monte Claro, a padroeira da Polônia -, e a comemoração da Constituição Polonesa, sendo esta a primeira moderna constituição nacional codificada da Europa, assim como a segunda mais antiga no mundo, promulgada em 1791, tendo nestes dias em especial, programações e atividades artísticas e religiosas de celebração de tais eventos.

Observa-se que muitas festividades e celebrações têm uma forte conexão com datas polonesas, celebrando feitos religiosos e políticos. A identidade polonesa dos descendentes poloneses se torna latente com a lembrança e celebração de eventos que, de certa forma, estão desconexos com datas do Brasil e do Rio Grande do Sul. Observa-se também uma forte identificação com a cultura gaúcha, que se perpetua de diversas formas, tanto na religiosidade, quanto na culinária e nas celebrações gaúchas.

Desta forma, a partir das festividades e demais celebrações, a cultura e a preservação da memória polonesa em Áurea se perpetua ao longo das gerações. Os códigos culturais presentes na religião, na língua, na arte, na culinária, na música, se imprimem no cotidiano aureense como uma parte de suma importância, para que compreenda a história do município, onde a presença da tradição polonesa resiste ao tempo.

6 CONCLUSÃO

A vinda dos imigrantes poloneses para o Rio Grande do Sul está inserida no contexto migratório europeu do século XIX. Assim sendo, os poloneses foram movidos pelos mesmos fatores de expulsão - do país de origem - e de atração - ao país adotivo, que os imigrantes italianos e alemães.

Os imigrantes poloneses apresentavam uma particularidade em relação aos demais imigrantes que aqui se instalaram. Ao migrarem, o faziam com a marca da submissão, uma vez que sua nação estava ocupada pelas nações vizinhas. Desta forma, estes imigrantes poloneses adentram em solo brasileiro e são registrados como cidadão das nações ocupantes, tais como russos, austríacos e prussianos. Isto traz um sério problema para os pesquisadores no que tange à identificação dos imigrantes que, de fato, emigraram do Estado polonês.

O fato dos poloneses emigrarem de um país dominado política, econômica e culturalmente fez com que eles fossem vistos como “polacos sem bandeira”²². Esta submissão, ocasionada pelo preconceito provindo de outros imigrantes de diferentes etnias, faz com que os imigrantes poloneses se isolem, geográfica e culturalmente frente à realidade que estavam se inserindo nos municípios colonizados no Rio Grande do Sul.

O lento processo de inserção econômica, dado pela realidade de exclusão na divisão de terras, bem como a baixa qualidade do solo e a declividade acentuada do terreno, são fatores-chave para o entendimento da realidade e da evolução da população descendente que reside hoje no município de Áurea. Esta realidade pode ser observada e comprovada também nos municípios vizinhos de colonização polonesa, tais como Carlos Gomes e Centenário.

Quase um século após a chegada dos primeiros colonos poloneses, Áurea continua sendo uma localidade predominantemente ligada à origem étnica dos moradores e, ainda hoje, é identificada como “polonesa”. Esta polonidade, vivenciada principalmente pelas gerações mais próximas aos imigrantes do início do século XX, ainda se perpetua nos diferentes códigos culturais que estão presentes

²²Gritti (2004) se refere aos “polacos sem bandeira” como uma forma pejorativa pela qual eles eram chamados pelos demais membros da comunidade, evidenciando, assim, o preconceito étnico que estes imigrantes enfrentaram.

no cotidiano de Áurea, como nos ritos religiosos, no dialeto polonês, no campos das artes, da arquitetura, da música e das danças, bem como na culinária.

A perpetuação da cultura, representada pelos símbolos e códigos culturais, é de extrema importância para que as tradições não se percam ao longo dos tempos. Assim, saber administrar a relação entre o presente com o passado, a tradição e as mudanças, é uma tarefa que cabe tanto à nossa geração, quanto às precedentes.

A religiosidade não somente foi importante para o apoio espiritual dos primeiros imigrantes para suportarem as condições adversas da colonização, mas também permitiu a coesão identitária do grupo que permanece ainda nos dias de hoje, embora como novos desafios para a sua permanência. A religião permitia também a agregação de outras sociabilidades capazes de aproximar o grupo, como é o caso da festa como uma ocasião que promove o encontro entre as pessoas, mas também coma cultura.

A língua e o dialeto polonês são um dos principais códigos culturais que se mantêm hoje no município de Áurea. Este é um importante elo com o país europeu, uma vez que continua sendo praticado nas famílias e nos ritos religiosos.

As danças típicas polonesas se perpetuam principalmente nas festividades do município, sendo estas intrinsecamente ligadas às comemorações do folclore polonês, como a religiosidade e a culinária. As danças estão intrinsecamente ligadas a música e as roupas típicas, celebradas como um código cultural que mantém viva a cultura polonesa no município.

A música polonesa é um código pouco latente no município. A globalização da indústria musical, bem como o não incentivo à perpetuação das músicas polonesas entre as gerações mais jovens, restringe a música folclórica polonesa a espaços de convivência e de festividades, cultuadas principalmente pelas gerações mais próximas as dos imigrantes poloneses que chegaram ao município no início do século XX.

A arte polonesa se expressa de diferentes formas no município de Áurea. Ela se configura desde jardins tipicamente poloneses, localizados principalmente nas residências interioranas, como adornos que lembram tradições do país europeu, até ritos religiosos (tais como a Páscoa e o Natal católicos) e o *wycinanka*, arte praticada nas escolas e difundida como um símbolo da cultura polonesa no campo artístico.

A arquitetura tipicamente polonesa sofreu com o processo de modernização e a não preservação do patrimônio. O que se observa atualmente em Áurea são

poucas edificações do período de colonização, sendo estas em sua maioria construções localizadas no interior do município, especialmente resquícios de alas destinadas à criação de animais e galpões de armazenamento da produção agrícola. As edificações que ainda se mantêm, carregam traços dos imigrantes principalmente pelas técnicas de construção de influência polonesa, como o *blocause*.

A culinária polonesa é um dos códigos mais latentes que ainda se mantêm no município, sendo cultuada nas festividades e demais atividades do município, representando um símbolo de ligação com o país europeu. Não há como descrever a cultura polonesa sem mencionar a gastronomia típica do país europeu, representada principalmente pela *czernina* e o *pierogi*. Observa-se também a inclusão de hábitos alimentícios da região onde foram locados os imigrantes, tal como a erva-mate, de origem indígena, e o churrasco, da cultura gaúcha.

Os trajes típicos poloneses são confeccionados no próprio município, com a participação da comunidade. Estes trajes servem como adorno nas apresentações artísticas que se realizam em Áurea, a partir da dança e da música folclórica. Eles são caracterizados pela sua coloração e a representação de saias floridas, representando, assim, um traço único da cultura polonesa em Áurea, uma vez que estes expressam não só a cultura típica do país europeu, mas os traços dos descendentes dos imigrantes que ainda residem no município.

Observa-se que atualmente existem diversas atividades de resgate e valorização da cultura polonesa no município, ligadas principalmente a pontos de visitas turísticas, culinária e religiosidade, integrando, assim, os demais códigos culturais anteriormente citados. Esta valorização e celebração são de suma importância para a perpetuação das tradições polonesas, agregando novos costumes e etnias, fazendo com que o município seja um símbolo e uma extensão da pátria deixada para trás há mais de cem anos.

O território expressa a polonidade em Áurea em diferentes âmbitos. A arquitetura de algumas moradias e centros religiosos, os jardins, o dialeto polonês praticado no dia a dia, a culinária, dentre outros, cristalizam a tradição polonesa no município e reproduzem costumes centenários ao longo das gerações, em um processo contínuo de territorialização.

A colonização de Áurea significou para os imigrantes poloneses uma questão política de autonomia, bem como uma soberania perante o território, mesmo com as dificuldades apontadas anteriormente. Para o imigrante polonês, o território está

intimamente ligado à perpetuação de sua cultura nos diferentes âmbitos. Esta realidade se perpetua nos dias atuais, onde Áurea se comporta como uma área específica, no norte do Rio Grande do Sul, mantendo as tradições polonesas preservadas.

A polonidade é expressa como a cultura perpetuada pelos descendentes de imigrantes poloneses e se materializa como uma cultura híbrida de hábitos ligados diretamente aos imigrantes, bem como aos costumes e tradições brasileiras, representadas pelos gaúchos e pelos indígenas. Não há como isolar a cultura polonesa perpetuada atualmente no município, sem que se compreenda suas influências externas adquiridas após a imigração.

Desta forma, percebe-se que a cultura polonesa, representada por seus diferentes códigos culturais, ainda é significativa na organização espacial do município de Áurea, fazendo com que ele possua o título de “Capital Polonesa dos Brasileiros”, evidenciando o revigoramento das identidades polonesas locais através de seus símbolos e códigos culturais, bem como através dos diferentes costumes e tradições que se mantêm.

Por fim, os códigos culturais são manifestações que cumprem um papel de favorecimento a identidade do grupo. O realce dessas questões, como elementos formadores de identidade cultural, demonstra a importância de tais símbolos para os estudos geográficos dos grupos que possuem fortes vínculos socioterritoriais ou aqueles que participam de eventos migratórios.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. G. **Fronteiras, territórios e territorialidades**. Revista da ANPEGE. Fortaleza, ano 2, n. 2, 2005, p. 103-114.

_____. Diversidade paisagística e identidades territoriais e culturais: Brasil sertanejo. In: ALMEIDA, M. G.; CHAVEIRO, E. F.; BRAGA, H. C. (Org.). **Geografia e cultura: a vida dos lugares e os lugares da vida**. Goiânia: Editora Vieira, 2008. p. 47-74.

BAUMANN, Z. **Vida líquida**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. **A cultura no mundo líquido moderno**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BOSSÉ, M. L. **As questões de identidade em geografia cultural: algumas concepções contemporâneas**. Paisagens, textos e identidade/Org. Roberto Lobato Corrêa, Zeny Rosendahl. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 157-179.

BRUM NETO, H.; BEZZI, M. L. **Regiões culturais: a construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha**. Sociedade & Natureza, Uberlândia, 20 (2): 135-155, DEZ. 2008.

BRUM NETO, H. **O processo de ocupação étnico-cultural e sua influência na organização do espaço geográfico da microrregião geográfica de Restinga Seca**. 2004. 96 p. Trabalho de Graduação A (Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2004.

_____. **Regiões culturais: a construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha**. 2007. 319 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

BUCHMANN, E. T. **A trajetória do sol: um estudo sobre a identidade do imigrante polonês no sul do Brasil**. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.

CAPALBO, C. Espaço e religião: uma perspectiva filosófica. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 219-230.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede – Volume I: A era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CLAVAL, P. A geografia cultural: o estado da arte. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 59-98.

_____. **A geografia cultural**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2014.

CORRÊA, R. L. **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. **Sobre a geografia cultural**. Instituto histórico e geográfico do Rio Grande do Sul. 2009.

_____. **Formas simbólicas e espaço**: algumas considerações. GEOgraphia, Revista da Pós-Graduação em geografia da UFF. 2012, p. 99 – 111.

COSGROVE, D. **A Ideia de Cultural**: Uma Resposta a Don Mitchell. Espaço e Cultura, 8, pp. 5961, 1993.

DECOL, R. D. Uma história oculta: a imigração dos países da Europa do Centro-Leste para o Brasil. In: **Anais do XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, 2000, Campinas. Campinas: PUC Campinas, 2000.

DELONG, S. R.; DOROTEA, F. K. **Domínios de linguagem**. Universidade Federal de Uberlândia. V. 8, n. 3 (ago./dez. 2014) - ISSN 1980-5799.

DUNCAN, J. **A paisagem como sistema de criação de signos**. Paisagens, textos e identidade/Org. Roberto Lobato Corrêa, Zeny Rosendahl. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 91-132.

FERNANDES, B. M. **Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais**: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. REVISTA NERA – ANO 8, N. 6 – Jan./Jun. de 2005 – ISSN 1806-6755.

GARCEZ, N. C. **Colonização e imigração em Erechim**: a saga das famílias polonesas. Ed. Edelbra. Erechim, 1997.

GARDOLINSKI, E. **Imigração e colonização polonesa**. In: BECKER, Klaus (org.) Enciclopédia Rio-grandense. v. 5. Canoas: Regional, 1956. p. 1-104.

GIRON, L. S. A imigração italiana no Rio Grande do Sul: fatores determinantes. In: LANDO, A. M. (Org.). **RS: imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. p. 47-65.

GRITTI, I. R. **Imigração e colonização polonesa no Rio Grande do Sul**: a emergência do preconceito. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2004.

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade**: a rede “gaúcha” no nordeste. Niterói: EDUFF, 1997.

_____. **Identidades Territoriais**. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). Manifestações da cultura no espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 169-190.

_____. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004a.

_____. **Precarização, reclusão e “exclusão” territorial**. Terra Livre. São Paulo, v. 2, n. 23, p.35-51, 2004b.

_____. Concepções de território para entender a territorialização, in SANTOS, Milton et all. **Território, territórios: ensaios sobre ordenamento territorial**. Rio de Janeiro: Lamparina. 2007.

HOEFLE, S. W. **Cultura na história do pensamento científico**. Revista de pós-graduação em geografia, Rio de Janeiro, n. 2, p. 6-29,1998.

IAROCHINSKI, U. **Porque Polaco**. Instituto de História, Universidade Jaguielônica; Cracóvia, Polônia, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades@**. < <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=430155> > Acesso em: 23 de outubro de 2017.

KAWKA, M. **O polonês como língua estrangeira para os brasileiros**. Projeções: revista de estudos polono-brasileiros. Curitiba, PR: Ed. BRASPOL, 2005, p. 64-81.

KOKUSZKA, P. M. **Nos rastros dos imigrantes poloneses = Sladami Polskich Imigrantów**. 2 ed. Curitiba, PR: Arins, 2001.

_____. **Áurea primórdios**. Coleção: Áurea Sto Lat; V. 1. Erechim: Graffoluz, 2006.

_____. **Os poloneses de Gaurama**. Coleção: Áurea Sto Lat; V. 2. Erechim: Graffoluz, 2007.

KRUPINSKI, R. **Paróquia Nossa Senhora do Monte Carlo, 1915-1990**. Passo Fundo: Ed. UPF. 1990.

LACERDA, C. F. **O essencial sobre a Polônia**. Rio de Janeiro, 1944.

LALIK, T. **Panorama histórico de Polonia**. Varsóvia: Ediciones Interpress Varsovia, 1983.

MACHADO, V. S. **Fundamentos sobre a identidade e o território na Linha Leopoldina, no Vale dos Vinhedos**. Porto Alegre: Evangrav, 2015, p. 123-134.

MAIA, C. E. S. Ensaio interpretativo da dimensão espacial das festas populares: proposições sobre festas brasileiras. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 191-218.

MALINOWSKI, B. **Uma teoria científica da cultura**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Zahar. 1975.

MARTINS, E. C. R. **Relações internacionais: cultura e poder**. Brasília: FUNAG; IBRI, 2002.

MELCHIOR, L. **Mobilidade de trabalhadores do e para o Japão**: estudo de caso de Londrina/PR-Brasil. Barcelona: Scripta Nova, 2001.

MICHAELIS. **Novo dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

MONTANARI, M. **O mundo na cozinha**. São Paulo: Estação Liberdade/SESC, 2009.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES (OIM). **Glossário sobre migração**. Direito Internacional sobre Migração, n. 7. Genebra: OIM, 2006.

OLIVEIRA, I. D. **Religião no centro-oeste**: impacto sociocultural. Goiânia: Ed. da UCG, 2007.

PICCIN, E. **O código cultural religião como uma das manifestações da identidade cultural da quarta colônia de imigração Italiana/RS**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Maria. 2009.

PILETTI, F. **História**: Rio Grande do Sul. São Paulo: Ática, 2004.

PINTO, V. N. **Comunicação e cultura brasileira**. 1986.

PISKORZ-BRANEKOVA, E. **Polskie stroje ludowe**. Warszawa: Muza AS, 2004.

POPLAVSKI, C. **Milagres**. Erechim: Editora GRAFFOLUZ, 2017.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo (SP): Ática, 1993.

ROCHE, J. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Ed. Globo. Porto Alegre, 1969.

RODRIGUES, A. **Tarefas da linguística no Brasil**. Revista Brasileira de Linguística Teórica e Aplicada. v.1, n. 1, p. 04-15, 1966.

RODYCZ, W. C. **Colônia de Lucena, Itaiópolis**: crônica dos imigrantes poloneses. Ed. BRASPOL. Florianópolis, 2002.

ROMERO, C. G. **O que é a imigração**. RBA Livros. Barcelona, 2003.

SANTOS, J. L. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SANTOS, M. **O dinheiro e o território**. GEOgraphia, Revista da Pós-Graduação em geografia da UFF. 2012, p. 7 – 15.

SAQUET, M. A. **Proposições para estudos territoriais**. Revista GEOgraphia. Niterói: RJ. n 15, p. 71-85, 2006.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T.T da (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 13ª ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2013, p. 73-102.

SIUDA-AMBROZIAK, R. **Os descendentes de poloneses no Rio Grande do Sul e a sua percepção de mudanças em tradições étnicas na vida religiosa de sua comunidade (O caso de Áurea)**. Projeções: revista de estudos polono-brasileiros. Curitiba, PR: Ed. BRASPOL, 2005, p. 35-48.

SOUSA, M. J. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: Castro Iná *et alii*. (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

STAWINSKI, A. V. **Primórdios da imigração polonesa no Rio Grande do Sul (1875 – 1975)**. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul, UCS. 1976.

THEODORO, M. **Distribuição Geográfica e codificação das Bacias Hidrográficas da Microrregião Geográfica de Erechim, segundo critérios da Agência Nacional Das Águas (ANA)**. Erechim, 2010.

TYMOWSKI, M. **Sinopse de história da Polônia**. Boletim – Informações sobre a Polônia. 2000.

VASCONCELLOS, F. C. F. **Os impactos da criação do Mercosul no mercado de erva-mate no Rio Grande do Sul**. 2012. 66 f. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) – Curso de Graduação em Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

WAGNER, P. L.; MIKESELL, M. W. **Os temas da geografia cultural**. Roberto Lobato Corrêa & Zeni Rosendhal (Orgs.). Rio de Janeiro, 2003. p. 27-62.

WEBER, R.; WENCZENOVICZ, T. J. **Historiografia da imigração polonesa: avaliação em perspectiva dos estudos sobre o Rio Grande do Sul**. História Unisinos, 16(1):159-170, Janeiro/Abril 2012.

WEGRZYNEK, H.; WIECZOREK, K. **Mil anos dos Judeus na Polônia**. Instituto Adam Mickiewicz e Consulado Geral da Polônia em Curitiba. 2008.

WEIMER, G. **Arquitetura popular brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 333p.

WENCELESWSKI, L. M. S.; MIKOLAICZIK, I. M.; **Delícias da culinária polonesa**. Secretaria municipal da cidadania. 2009.

WENCZENOVICZ, T. J. **Montanhas que furam as nuvens! Imigração polonesa em Áurea – RS (1910 – 1945)**. Dissertação de mestrado. Universidade de Passo Fundo, 2002.

_____. **Pequeninos poloneses:** cotidiano das crianças polonesas (1920-1960). Xanxerê, Ed. News Print, 2010.

WERLE, V. M. **Diversidade cultural:** o direito à alteridade. *Projeções: revista de estudos polono-brasileiros*. Curitiba, PR: Ed. BRASPOL, 2005, p. 108-111.

WOLFF, G. **E do barro se molda a história:** imagens, vivências, lembranças: Gaurama 1910 – 2013. Ed. Habilis, 2014.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE PESQUISA

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

Roteiro de entrevistas

- **RELIGIÃO** (materialização dos códigos religiosos no contexto de perpetuação dos costumes):
- **LÍNGUA E DIALETO** (comunicação - oral e escrita, principais características, sotaque, obras literárias, etc):
- **DANÇAS** (danças típicas polonesas e grupos folclóricos):
- **MÚSICA** (canções tradicionais polonesas ensinadas nas famílias, escolas, nas rádios e demais meios de comunicação):
- **ARTE** (representações artísticas nas diferentes formas):
- **FESTIVIDADES TÍPICAS** (festividades onde se perpetuam os costumes e as tradições passadas de geração para geração):
- **ARQUITETURA** (observação de casas e demais edificações com traços poloneses):
- **GASTRONOMIA** (pratos típicos, principais produtos):
- **ROUPAS E VESTIMENTAS** (como é composto - masculino e feminino):
- **VALORES** (regras morais, tabus, autoridade, leis, responsabilidade, respeito, crenças e normas éticas):
- **IDEOLOGIAS** (construções laicas e racionais que dão sentido à história e garantem a ordem social):
- **CONVENÇÕES** (família, sociedade):
- **FORTALECIMENTO DA CULTURA POLONESA.**